

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**  
**DESENVOLVIMENTO, TECNOLOGIAS E SOCIEDADE**  
**NÚCLEO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE DESENVOLVIMENTO**

**MARIA ELOIZA LOPES PINTO**

**AS ESTRATÉGIAS DE GERAÇÃO DE RENDA NA COMUNIDADE DA SERRA  
NEGRA:UM ESTUDO SOBRE CULTURA E DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Itajubá

2020

**Maria Eloiza Lopes Pinto**

**AS ESTRATÉGIAS DE GERAÇÃO DE RENDA NA COMUNIDADE DA  
SERRA NEGRA: UM ESTUDO SOBRE CULTURA E  
DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Apresentação de Dissertação à Banca Examinadora como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade da Universidade Federal de Itajubá.

Área de Concentração: Desenvolvimento e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta

Itajubá

2020

**MARIA ELOIZA LOPES PINTO**

**AS ESTRATÉGIAS DE GERAÇÃO DE RENDA NA COMUNIDADE DA  
SERRA NEGRA: UM ESTUDO SOBRE CULTURA E  
DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Apresentação de Dissertação à Banca Examinadora como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade da Universidade Federal de Itajubá.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta  
PPG – UNIFEI

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Viviane Guimarães Pereira  
PPG – UNIFEI

---

Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado  
PPG – UFSC

## **DEDICATÓRIA**

À minha mãe Ligia, meu pai Antônio Paulo e minha irmã Gabriela, pelo apoio incondicional, estímulo indispensável e carinho que me ofereceram durante toda minha vida. Ofereço esta pesquisa também às/aos colegas do DTecS pelos momentos em que pudemos celebrar nossas conquistas, partilhar nossas experiências acadêmicas e lutar contra o projeto de sucateamento e privatização da educação pública brasileira. Dedico esta conquista em forma de gratidão sobretudo à todas as moradoras e moradores da comunidade tradicional da Serra Negra pelo acolhimento e pelas histórias de vida que dividiram comigo.

## AGRADECIMENTO

Primeiramente, gostaria de agradecer a toda comunidade tradicional da Serra Negra. O acolhimento dessas pessoas foi fundamental para que esta pesquisa fosse possível. Quero agradecer em especial ao Léo por me receber em sua casa mesmo sem me conhecer, por ter me apresentado à comunidade e me ajudado a construir os laços de confiança com a comunidade, agradeço também pelas conversas, indicações de livros, artigos e vídeos que muito contribuíram para a minha pesquisa. Agradeço profundamente à Sueli e Wanderley por terem aberto as portas de sua casa garantindo a minha estadia de uma forma tão afetuosa e familiar. Agradeço por terem me inserido no seu cotidiano, o que me permitiu um mergulho intenso no seu modo de vida. Agradeço à todos os seus parentes e familiares que também me acolheram, me receberam em suas casas, me transportaram de diversas formas, contribuindo essencialmente para desenvolvimento da pesquisa

Agradeço às amigas Sabrina, Pâmela e Thabata pelo apoio feminino e pela construção do grupo de estudos Desenvolvimento e Interseccionalidade, tão caro para o debate científico contemporâneo e de ruptura às perspectivas colonialistas sobre desenvolvimento.

Agradeço à minha amiga Gábis por ter me ajudado no projeto que submeti no início desta trajetória e por todo apoio e carinho.

Agradeço ao meu orientador Pimenta por acreditar na minha capacidade como pesquisadora, pela sensibilidade e pela cantoria no corredor.

À todos os colegas do PPG – DtecS, em especial aos colegas Stéfano, Juliana, Ed, Marcelo, Karinne e Éder pela parceria de sempre, as brincadeiras na sala do Gepe e no bar Tuca.

Aos funcionários do UNIFEI, pelo apoio.

À CNPq pela bolsa de estudos que contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa.

## RESUMO

Propõe-se uma discussão sobre outras dimensões da cultura e desenvolvimento, que supere as versões hegemônicas estabelecidas pelo sistema de acumulação capitalista, a partir da análise das atividades produtivas realizadas na comunidade tradicional de Serra Negra, localizada em Itamonte – MG. Para isso, o trabalho foi conduzido para uma análise dos processos de geração de renda na região e seus impactos sobre o desenvolvimento local. Pretendeu-se compreender de que maneira as atividades produtivas dos moradores da comunidade, associada aos processos de geração de renda e aos modos de ser, viver e fazer, pode contribuir para o desenvolvimento de base local, em perspectivas socioeconômicas na comunidade. A metodologia utilizada foi a pesquisa de campo pautada pelos recursos da observação participante da antropologia, e da história oral. Abordagem deste trabalho admitiu uma perspectiva epistemológica interdisciplinar, ou seja, buscou o diálogo entre as disciplinas no âmbito de uma tentativa de integrar a complexidade do sujeito da pesquisa à sua contradição.

**Palavras-chave:** Trabalho. Desenvolvimento. Cultura. Desenvolvimento local. Geração de renda.

## **ABSTRACT**

It is proposed a discussion about other dimensions of work and development, which goes beyond the hegemonic versions established by the capitalist accumulation system, from the analysis of the productive activities carried out in the traditional Serra Negra community, located in Itamonte - MG. To this purpose, this work was conducted to an analysis of the income generation processes in the region and their impacts on local development. It was intended to understand how the productive activities of the residents of the community, associated with the processes of income generation and the ways of being, living and doing, can contribute to the local base development, in socioeconomic perspectives in the community. The methodology used was field research based on anthropology and oral history. Approach of this work admitted an interdisciplinary epistemological perspective, that is, it sought the dialogue between the disciplines in an attempt to integrate the complexity to the contradiction of the research subject.

**Keywords:** Work. Development. Culture. Local Development. Income generation.



## SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	12
1.1	Objetivos e problema de pesquisa	18
1.2	Percurso metodológico	21
2	CARACTERIZAÇÃO DE SERRA NEGRA: JULHO VERDE, AGOSTO VERMELHO E SETEMBRO CINZA 35	
2.1.2	Dos Puris aos tropeiros: a história de ocupação de Serra Negra	48
3	O TRABALHO COMO DÁDIVA: NOVAS CONFIGURAÇÕES DOS ARRANJOS PRODUTIVOS EM SERRA NEGRA.....	57
3.1	Novos contornos no campo do trabalho: o trabalho como dádiva	57
3.2	Trabalho e Territorialidade	63
4	DO DESENVOLVIMENTO ECONOMICISTA AO DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	69
5	MODOS DE VIVER, SABERES E FAZERES EM SERRA NEGRA.....	76
5.1	Saberes, fazeres na comunidade tradicional da Serra Negra	77
5.2	As estratégias de geração de renda e de reprodução em Serra Negra	82
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	105
8	FONTES DOCUMENTAIS.....	110
9	LISTA DE ENTREVISTADOS.....	111



## **EPÍGRAFE**

Os lugares que percorremos e as experiências que vivenciamos definem a forma como percebemos o mundo que nos cerca, uma vez que a prática científica não se dissocia das questões que envolvem o conjunto da sociedade. Os aspectos que pude observar ao longo da minha vivência na pós graduação só foram possíveis pelas experiências políticas em coletivos feministas e movimentos sociais que tive durante minha trajetória ainda na graduação. O compromisso com o fazer científico também é um compromisso de experiência política, na medida



em que as contribuições que trago nesta pesquisa só serão relevantes se aplicáveis a realidade concreta.

Os desafios de desenvolver uma pesquisa científica enquanto mulher ultrapassam os dilemas relacionados estritamente à prática de pesquisa, à construção teórica e metodológica. Muitas vezes as preocupações das pesquisadoras envolvem obstáculos relacionados à violência e ao feminicídio sofrido pelas mulheres cotidianamente, seja no ambiente doméstico, público ou em espaços de trabalho. No ambiente científico não é diferente. Nos corredores das universidades, nas salas de aulas, reuniões e laboratórios, as mulheres têm que enfrentar o assédio, além se preocupar em garantir sua própria sobrevivência, seja física ou mental.

Os problemas relacionados ao sexismo, assédio e violências também estão presentes em diversos momentos da elaboração e desenvolvimento da pesquisa. Essas inquietações não surgiram em uma etapa A ou B do trabalho, mas durante construção do projeto de pesquisa, na escolha do local onde será realizado a coleta de dados, e ao longo de todo desenvolvimento do trabalho. O que fica evidente para mim é que as pesquisadoras enfrentam não somente temas que envolvem o universo acadêmico e científico, como pude notar em relação aos colegas homens, mas que para as cientistas, a experiência de trabalho envolve questões históricas e sociais sofridas pelas mulheres em tantos outros espaços que ocupam. O desafio para as pesquisadoras portanto é mais complexo do que preencher os requisitos burocráticos exigidos pela instituição universitária, mas resistir às distintas formas de opressão existente neste espaço.

Enquanto pesquisadora, os reflexos das violências romperam os muros da universidade e afetaram também a realização das etapas da minha pesquisa. Algumas colegas e professoras também me alertaram sobre o risco que eu corria, e o medo de ser violentada impediu que eu fosse a campo sozinha. Por conta disso, minha primeira ida a campo passou por uma série de entraves. Inicialmente eu optei por não ir



sozinha, pois eu acreditava que ficaria mais segura se pudesse levar algum amigo comigo, o que não foi possível. O sentimento de vulnerabilidade me acompanhou durante diversos momentos da pesquisa de campo até o momento em que consegui estabelecer vínculos de confiança com membros da comunidade e dessa forma passei a me sentir segura.

Não foi fácil romper com o medo para aceitar ir a campo com um desconhecido. Não é exagero dizer que fazer pesquisa de campo enquanto mulher é um ato de coragem, pois o sentimento de insegurança é constante. O que está colocado para nós pesquisadoras não é apenas o receio da pesquisa de campo ser insuficiente para o colhimento de dados ou que a metodologia escolhida não dê conta de alcançar nossos objetivos. Para as mulheres que corajosamente se dispõem a partir para a pesquisa empírica, a sobrevivência está colocada como uma das preocupações fundamentais do desenvolvimento do nosso trabalho e de nossa integridade física e psicológica.



## 1 APRESENTAÇÃO

Esta proposta se insere na linha de pesquisa “Desenvolvimento e Sociedade” do Programa de Pós-Graduação (PPG) em Desenvolvimento Tecnologias e Sociedade (DTecS) da Universidade Federal de Itajubá. O trabalho está vinculado às pesquisas realizadas pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Desenvolvimento (NEID), por meio do projeto “Observatório de Desenvolvimento e Cultura no Sul do Estado de Minas Gerais”<sup>1</sup>.

O NEID se empenha em discutir as diversas facetas do desenvolvimento, sobretudo no que se refere às suas relações com o campo da cultura. Dessa forma, as pesquisas e discussões levantadas pelo grupo giram em torno das Políticas Públicas Culturais, indicativos de desenvolvimento - que superem a perspectiva meramente economicista -, bem como levantamentos e registros dos saberes e fazeres populares, por meio de experiências culturais e das dimensões que delas se originam.

A partir das discussões desenvolvidas no NEID, bem como as contribuições teóricas de colegas e docentes do PPG DTecS, este trabalho tem o intuito de abordar novas perspectivas de desenvolvimento e a economia da cultura delimitadas na comunidade tradicional da Serra Negra<sup>2</sup>. O olhar desta pesquisa se direciona para as atividades produtivas agrícolas e não agrícolas exercidas nessa região em termos de geração de renda. Leva-se em consideração os limites e as contribuições dessas atividades produtivas para o desenvolvimento local e suas dimensões culturais. Discute-se novos formatos no mundo do trabalho e das trocas econômicas, que ultrapassam a ideia da competição e do lucro, mas que têm em vista seus aspectos simbólicos e morais.

O interesse em discutir sobre as questões que envolvem o universo rural começou ainda na graduação em História pela Universidade Federal de Pelotas. Minha aproximação teórica com o universo camponês aconteceu em 2011, quando cursei uma disciplina sobre os movimentos sociais brasileiros com características messiânicas, como os movimentos de

---

<sup>1</sup> Projeto vem sendo executado desde 2016, com financiamento da FAPEMIG.

<sup>2</sup> De acordo com o Parecer nº. 095/2011, da antropóloga Ângela Maria Baptista da 6ª Câmara de Coordenação e Revisão Índios e Minorias do Ministério Público Federal, a comunidade da Serra Negra é representante de populações tradicionais da Serra da Mantiqueira.



Juazeiro, Canudos, Contestado, Mucker e dos Monges Barbudos. Foi nesta ocasião que conheci e me interessei pelos estudos da Guerra do Contestado<sup>3</sup>.

Logo após o término da disciplina fui convidada pela professora Márcia Espig a participar de um projeto de iniciação científica sobre as representações jornalísticas dos sertanejos do Contestado e depois fui convidada a participar de outro projeto sobre as práticas religiosas populares que faziam parte do universo messiânico e milenarista que envolveram o conflito. Ambos projetos tinham a proposta de discutir o universo rural do período republicano brasileiro em seus aspectos culturais, políticos e sociais a partir dos estudos sobre Guerra do Contestado. Além destes dois projetos em que trabalhei como aluna voluntária e depois como bolsista, realizei o trabalho de conclusão de curso (TCC) sobre as representações jornalísticas sobre o mesmo conflito.

A experiência em trabalhar em dois projetos de longa duração, em equipe e com fontes primárias foram fundamentais para minha formação enquanto pesquisadora em história e me motivaram a dar continuidade nos estudos sobre os homens e mulheres do campo na medida em que pude perceber o quão importante são as discussões teóricas sobre trabalho e vida desses sujeitos ao longo da história até a contemporaneidade. Estas questões se tornaram importantes para mim sobretudo quando compreendi que o modo de produção capitalista e a hegemonia dos valores de mercado colocam os camponeses à margem da sociedade por meio de um processo de subordinação de seu trabalho e de diferenciação socioeconômica em relação ao meio urbano. Dessa forma, o presente trabalho nada mais é que um desdobramento de diversas pesquisas que se iniciaram em 2011 e que ao longo dos anos ganharam novos recortes temporais e espaciais, mas que não deixa de ser uma contribuição, ainda que modesta, sobre o universo camponês.

Quando comecei a me planejar para entrar em um programa de mestrado, almejei a possibilidade de dar seguimento a esses estudos, mas agora em perspectivas interdisciplinares, que dessem conta não somente dos aspectos históricos, mas que tivessem as contribuições das outras disciplinas. A interdisciplinaridade se tornou um desafio importante a ser superado,

---

<sup>3</sup> A Guerra do Contestado foi uma guerra sertaneja que ocorreu no interior dos estados de Santa Catarina e Paraná entre 1912 e 1916 e se tornou um dos maiores conflitos armados da história da República do Brasil chegando a ter em seu auge cerca de 20.000 rebeldes em combate (CARVALHO, 2007). O movimento se iniciou como um fenômeno religioso, contudo um série de elementos sociais políticos e culturais ajudaram na ascensão do conflito como a concentração de terras e expropriação de milhares de posseiros ocasionado pelo impacto da construção de uma linha férrea que ligava São Paulo e Rio de Janeiro. O conflito se tornou um movimento de massas de peões, tropeiros, posseiros e ervateiros do planalto catarinense, agregou também como um fenômeno religioso milenarista com características messiânicas. Após sofrerem diversos ataques das forças militares estaduais e federais, os rebeldes promoveram grandes ofensivas. No entanto, em 1916 o movimento dos sertanejos foi liquidado pelas forças nacionais (MACHADO, 2017).



especialmente pela minha formação em História, que julgo ser uma disciplina ainda “fechada” em suas perspectivas teórico-metodológicas, embora reconheça os esforços de historiadores na sua renovação. Atribuo tal dificuldade também pela minha falta de experiência em fazer esse diálogo com outras disciplinas como Antropologia, Sociologia, Tecnologia e as perspectivas teóricas sobre Desenvolvimento. Meu ingresso neste programa de pós graduação foi fundamental para que este diálogo interdisciplinar fosse possível. Tendo clareza do meu ponto de partida histórico e, portanto, temporal, tive oportunidade de desenvolver novas perspectivas analíticas durante as disciplinas, discussões em sala de aula e durante a pesquisa.

O programa possibilitou que discussões sobre Desenvolvimento fossem elaboradas a partir de interpretações que levassem em conta suas dimensões socioculturais, que ultrapassam a tendência economicista que ao longo de anos foi teoricamente difundida. O debate sobre Tecnologia promovido pelo programa também permitiu que eu pudesse ampliar minhas perspectivas analíticas, uma vez que assume uma abordagem multidisciplinar que, através da análise de casos empíricos, demonstra de que modo a cultura, a economia e a política atuaram ou atuam no próprio interior da produção tecnológica, compreendida não mais sob o determinismo autonomista do senso comum e de outras correntes, mas como produto complexo de uma particular totalidade sociotécnica. Estes dois conceitos, Desenvolvimento e Tecnologia, articulados a partir de diferentes óticas analíticas permitiu que eu pudesse considerar que as relações entre ciência, tecnologia e sociedade não tem uma fronteira definida, mas que se estendem em diversas dimensões.

A partir desta trajetória enquanto pesquisadora contribuo com este trabalho para os diálogos sobre os saberes e fazeres populares e estratégias de geração de renda das comunidades tradicionais camponesas, investigando sobre outras dinâmicas de trocas econômicas e de trabalho que surgem dentro dessas sociedades. A possibilidade de poder compreender as comunidades rurais por meio da interdisciplinaridade, me estimulou investigar as estratégias de geração de renda em comunidades tradicionais e as suas potencialidades em construir outras formas de desenvolvimento local, que fossem capazes de levar em consideração suas formas de trabalho, modos de vida, os saberes e fazeres bem como suas práticas culturais.

O trabalho que agora apresento passou por um processo de modificação ao longo da trajetória da pesquisa. A proposta inicial desta pesquisa era compreender a atividade tropeira contemporânea em termos de geração de renda e seus limites e contribuições para o desenvolvimento socioeconômico nas localidades onde a prática é exercida. Os registros dos



saberes e fazeres e dos modos de vida serviriam de suporte para que pudesse ser feita uma análise das dimensões culturais do tropeirismo<sup>4</sup>. Na medida em que fui a campo novas conjecturas foram aparecendo para a pesquisa, de tal forma que percebi a necessidade de ampliar o objeto de estudo para outras atividades produtivas, além do tropeirismo. Do mesmo modo o recorte geográfico também se modificou e foi reduzido. A princípio a pesquisa trataria de dois bairros rurais localizados na cidade de Itamonte – MG, chamados Fragária e Serra Negra, contudo optou-se pela análise somente do segundo bairro. Fez-se isso porque a estrutura social da Serra Negra demonstrou-se complexa, com arranjos socioprodutivos e culturais com diversas camadas para a exploração analítica.

Ainda nas primeiras entrevistas foi possível perceber que a atividade tropeira foi um elo fundamental na cadeia de produção da comunidade e que tem seus reflexos ainda muito marcados tanto na oralidade e memória da população local quanto nas estratégias atuais de geração de renda. A comercialização dos produtos fabricados pelos moradores de Serra Negra, como o queijo e o mel, ainda é em grande parte realizada sobre a tração do burro de carga. A compreensão do processo de transformação da atividade tropeira contemporânea na Serra Negra ainda será utilizada como argumento interpretativo e analítico, na medida em que a prática se vincula direta ou indiretamente às outras atividades produtivas da comunidade.

Eu tive conhecimento sobre Serra Negra quando descobri os tropeiros durante passeios turísticos e visitas à região de Visconde de Mauá, distrito de Resende – RJ, cidade em que nasci e vivi grande parte da minha vida. A região fica no alto da Serra da Mantiqueira e é reconhecida por ser um polo turístico estimulado pela abundância de rios, cachoeiras, bares, restaurantes e lojas de artesanato. Os tropeiros da região transportam queijos, ovos caipiras, mel e geleias para comercializar com turistas, donos de pousadas e comerciantes da região. Durante algumas visitas percebi como as tropas de burro se contrastam com a presença das caminhonetes e carros importados, chamando atenção dos visitantes. Essa dicotomia entre o tradicional e o moderno, me provocou a compreender mais sobre o trabalho e vida desses sujeitos.

O levantamento bibliográfico indicou a existência de uma atividade tropeira com um fluxo razoável de escoamento e trabalho. No entanto, ao realizar a prática de pesquisa e conhecer o campo a ser estudado, percebi modificações profundas no exercício da prática tropeira na região. O tropeirismo passou a ser observado como uma prática latente e diluída em outras

---

<sup>4</sup> As definições e conceitos sobre tropeirismo serão utilizados no primeiro capítulo, em que é feita a contextualização, para melhor compreensão dos leitores.



atividades desempenhadas hoje na comunidade Serra Negra. O que tornou interessante compreender a partir desses primeiros encontros foi o processo de transformação do tropeirismo e os possíveis registros que ainda podem ser feitos dessa atividade nos dias atuais.

Tal levantamento jornalístico e bibliográfico indicou que a prática tropeira passou por um processo de ressignificação tanto no campo simbólico quanto material, em função do papel que vem exercendo diante das transformações da sociedade. Já existem estudos que apontam que a atividade tropeira está inserida na economia local e contribui para diminuir as desigualdades econômicas e fomentar a geração de renda para os sujeitos envolvidos no processo<sup>5</sup>. A nova abordagem da pesquisa não exclui a atividade tropeira, haja vista sua importância histórica e cultural para a formação da comunidade, mas inclui enquanto objeto de análise as outras atividades produtivas exercidas pelos moradores.

Grande parte do deslumbramento em encontrar um campo perfeito, com as práticas culturais intactas, dilemas e contradições expostos de maneira acentuada pode ser em grande parte um equívoco ou até mesmo uma presunção como pesquisadora. As experiências que o campo forneceu para a pesquisa se mostraram fundamentais para os recortes a serem feitos. O que fica claro é que as revisões bibliográficas se mostraram ineficientes diante do campo de pesquisa que revelou se um espaço muito mais abundante, com múltiplos elementos culturais e materiais para serem assimilados.

Em Serra Negra encontrei um território ocupado por comunidades tradicionais caipiras e grupos sociais urbanos que se passaram a desenvolver atividades econômicas na área rural. A população tradicional é composta por tropeiros, agricultores, apicultores e agropecuários com traços culturais singulares, que possuem saberes tradicionais adquiridos ao longo de gerações.

Para esta pesquisa, além das discussões teóricas e dos argumentos empíricos que fiz uso, me pautei na definição de tradicional contida no parecer nº 095/2011 do Ministério Público Federal de 2011, da 6ª Câmara de Coordenação e Revisão de Índios e Minorias. O parecer trata das questões desencadeadas pelos moradores da Serra Negra, o qual afirma que estes possuem: (i) saberes tradicionais relativos à dinâmica de vida da fauna e flora; (ii) conhecimentos relativos à manutenção e conservação dos recursos naturais construídos coletivamente por seus ancestrais e transmitidos as novas gerações de forma oral.

---

<sup>5</sup> Ver ALGATÃO, Filipe Cordeiro de Souza. **Os tropeiros no século XXI e o sentido contemporâneo dessa atividade: estudos de caso em duas localidades no Vale do Paraíba e Serra da Mantiqueira**. 2015. Dissertação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Instituto de Ciências Sociais, São Paulo, 2015.



Na linha do parecer mencionado, acredito que estes saberes tradicionais contribuem para uma formação socioprodutiva diversificada que ocupam lugares definidos na sua organização material e simbólica, revelando novos objetos de estudo que estavam ocultos para mim. Conflitos territoriais marcam a história de Serra Negra e de seus habitantes que passaram a criar alternativas de trabalho e geração de renda para sobrevivência em termos materiais e culturais.

As populações tradicionais que habitam a região sofreram impactos no seu modo de vida em decorrência dos conflitos fundiários gerados pela expansão do Parque Nacional do Itatiaia (PNI), em 1982. Com a expansão, houve uma sobreposição do território do PNI sobre parte do território onde está localizada a comunidade tradicional, cujos saberes e modos de vida foram alterados a partir da transformação de seu território em unidades de conservação de proteção integral e que está estabelecida a partir do Sistema Nacional de Conservação da Natureza (SNUC). Segundo o art. 11 da Lei 9.985/2000 do SNUC, o Parque Nacional é considerado uma área de proteção integral, de posse de domínios públicos sendo que as áreas particulares incluídas em seus limites deveriam ser desapropriadas.

Como o PNI foi criado e ampliado antes da Lei do SNUC, não se considerou a ocupação regional nem as populações locais que existiam ali. A situação fundiária ainda é bastante complexa e irregular, na medida em que existem propriedades privadas com moradia, escolas e áreas de produção de subsistência na região. Essas áreas ainda não foram desapropriadas e várias proibições foram impostas à comunidade ali existente.

O PNI pertence a uma área de proteção integral. Portanto, não permite o uso direto de seus recursos naturais, ou seja, aquele que envolve coleta e uso comercial ou não, dos recursos naturais. A ampliação do PNI e a sobreposição ao território de Serra Negra impactou a comunidade já que impediu diversas práticas de utilização do território, como o uso de queimadas para a expansão das roças e pastagem de gado, a extração de madeira para manutenção e construção das moradias, a caça, extrativismo vegetal e construção de novas casas para os descendentes. O conflito socioambiental é uma realidade enfrentada pela comunidade que é impactada com a possibilidade de desapropriação do Estado, criminalização de suas atividades tradicionais e diálogo deficitário com os órgãos ambientais.

Na medida em que a população foi sendo impactada com a ampliação do PNI na década de 1980 e depois com a criação do SNUC em 2000, a região passou por um processo de desenvolvimento turístico que se estende até os dias atuais. Com o desenvolvimento do turismo



e também das configurações internas do bairro como êxodo rural, chegada da internet a queda da natalidade, universalização das aposentadorias, a influência das igrejas evangélicas entre outros houve um processo de transformação das atividades produtivas da comunidade, que passam a atender a essas novas demandas, muito embora a população local associe essas novas atividades à própria dinâmica cultural e histórica.

Ainda que se encontre na região mais povoada do Brasil e que esteja próxima da Via Dutra, uma das estradas mais importantes do país, o acesso a Serra Negra é difícil devido à condição precária das estradas e por fazer parte de uma Área de Proteção Ambiental (APA)<sup>6</sup>. No entanto, nenhuma dessas condições impediram a comunicação dessa comunidade com o resto do mundo, tampouco conseguiram evitar que esses sujeitos intervissem no seu próprio destino por meio de sua cultura interna. Ou seja, não se trata de uma comunidade estática, mas de sujeitos capazes de intervir ativamente nas suas escolhas.

### **1.1 Objetivos e problema de pesquisa**

Este trabalho se insere no campo de discussões sobre Cultura e Desenvolvimento promovidas pelas pesquisas desenvolvidas no NEID. As pesquisas desenvolvidas no núcleo visam a compreender qual a realidade dos grupos sociais que estão à margem do processo produtivo global. Para além disso, o NEID se propõe a entender de que forma esses grupos sociais se inserem na dinâmica das trocas econômicas, quais as estratégias e características desses sujeitos, cujas dimensões culturais e simbólicas extrapolam as condições meramente econômicas e são capazes de determinar as condições de sua inserção no mercado. Os estudos não ignoram a perspectiva econômica das suas análises, mas abrangem as questões que envolvem os saberes tradicionais, bem como valores simbólicos e culturais presentes na organização produtiva dos grupos sociais.

Esta pesquisa está envolvida nas investigações sobre as estratégias de geração de renda e os modos de vida dos moradores da comunidade tradicional de Serra Negra, cuja finalidade é construir uma análise sobre os diferentes contornos no mundo do trabalho, o processo de

---

<sup>6</sup> As áreas de proteção ambiental (APAs) foram criadas pela Lei 6.902 em 1981 com o objetivo de serem um instrumento para a proteção do entorno de Unidades de Conservação. A Área de Proteção Ambiental Serra da Mantiqueira foi criada pelo Decreto Federal nº 91.304, em 3 de junho de 1985, a APA envolve uma área total de 422.873 hectares, sendo gerida pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis - Ibama). Disponível em: <<http://www.matutu.org.br>> Acesso em: 30 abr. 2018



ressignificação de suas atividades produtivas, bem como suas dimensões culturais e simbólicas, além das suas práticas econômicas para a promoção do desenvolvimento de base local.

Para execução desta pesquisa privilegiei discussões que revelam os modos de organização produtiva dos moradores da Serra Negra, levando em consideração as estratégias de sobrevivência desses sujeitos no campo do saber-fazer e dos processos de geração de renda. Dentro desse contexto farei as seguintes discussões: a) as estratégias de geração de renda; b) saberes e fazeres; c) trabalho e d) desenvolvimento local.

O que discuto aqui são estratégias de superação das desigualdades, de forma que estas abordagens ultrapassem as perspectivas unicamente economicistas. Apesar de serem importantes no debate da geração de renda, uma análise puramente econômica das relações sociais não é suficiente para explicar as consequências que os grupos sociais mais vulneráveis sofrem com a desigualdade social, como as catástrofes ambientais, fome, sexismo, educação mercantilizada e saúde pública sucateada. A superação das desigualdades e a democratização do acesso às oportunidades perpassam pelas dinâmicas não somente econômicas, mas também suas perspectivas sociais, ambientais, políticas e culturais.

A proposição deste trabalho conduz para um estudo de práticas de geração de renda dos moradores de Serra Negra e suas possíveis contribuições para o desenvolvimento de base local. Diante deste propósito, tenho a intenção de responder ao seguinte problema: quais os conflitos socioculturais existentes na Serra Negra e as estratégias de sobrevivência dessa comunidade?

Dessa forma, esta pesquisa tem o objetivo de identificar de que maneira as práticas produtivas exercidas na região, associadas aos processos de geração de renda, podem contribuir ou não para o desenvolvimento de base local, em perspectivas socioeconômicas, na Serra Negra, no município de Itamonte (MG).

Especificamente, busquei: (a) identificar os modos de fazer dos moradores; (b) verificar as transformações das atividades em relação ao trabalho e geração de renda a partir dos trabalhos agroindustriais desenvolvidos nas unidades domésticas e c) apontar o papel dos saberes e fazeres tradicionais sobre a realidade contemporânea de Serra Negra e termos de desenvolvimento local.

A discussão que trago aqui contribui para a compreensão de que os povos e comunidades tradicionais vão além das diversas etnias indígenas e comunidades quilombolas. Trata-se de novos segmentos que possuem identidade própria, organização social, cultural, política e econômica fortemente vinculada ao território que ocupam. Os povos e comunidades



tradicionais são formas de organização, expressão social e modos de viver que se transformam e interagem no decorrer da história. Esses grupos possuem conhecimentos transmitidos de geração em geração até a contemporaneidade<sup>7</sup>.

A categorização desses grupos enquanto povos e comunidades tradicionais, embora abrangente, indicam que o Brasil possui grande diversidade sociocultural que necessita ser estudada e compreendida detalhadamente na medida em que possuem conhecimentos ancestrais potencializadores do ponto de vista cultural, financeiro, tecnológico e social geralmente ignorados pelo campo científico<sup>8</sup>.

Parti da necessidade de contribuir teoricamente com estudos pertinentes às estratégias de geração de renda de comunidades tradicionais associados aos saberes e fazeres. As novas dinâmicas econômicas globais têm papel fundamental nas mudanças internas sofridas pela comunidade, no entanto, ainda não há pesquisas que levem em consideração essas novas práticas produtivas em ressonância com os elementos culturais presentes na região. Dessa forma, esta pesquisa auxilia na construção dessas novas abordagens uma vez que relaciona as estratégias de geração de renda de comunidades tradicionais rurais com sua produção material e imaterial.

A relevância deste trabalho está pautada na possibilidade de discutir as transformações da comunidade tradicional da Serra Negra – ocupada historicamente por bandeirantes, erveiros, tropeiros, criadores de gados e agricultores -, cujo território foi demarcado como uma área de proteção integral. Diante dos fatores de impacto representados pelas demandas do capitalismo de mercado, esta pesquisa é justificada pela necessidade de construção de pesquisas científicas que abordem as dinâmicas socioculturais de comunidades tradicionais que transformam e são transformadas por esses novos contextos.

Discuto questões relacionadas às interfaces da cultura, modos de vida tradicionais, ocupação do território, conservação e transmissão de saberes e memórias, e, sobretudo, quais as

---

<sup>7</sup> Os povos indígenas e as comunidades quilombolas estão reconhecidos na categoria de povos e comunidades tradicionais desde a constituição de 1988. A partir de 2007 com um decreto federal houve o reconhecimento de outros povos de comunidades tradicionais. Segundo este decreto inclui-se neste novo patamar de reconhecimento povos e comunidades que possuem identidade própria e um forte reconhecimento com o território, além da cultura, organização social e financeira ligada ao território. São extrativistas, retireiros, pantaneiros, povos de terreiros, povos ciganos e seguimentos mais regionalizados. NOGUEIRA, Mônica; FAVILLA, Kátia (2017)

<sup>8</sup> Neste trabalho Espinosa (2016), faz uma importante contribuição para a tecnociência moderna incorporando ao conhecimento científico os saberes ancestrais. Para o autor, as comunidades científicas têm despendido poucos recursos para compreensão dos saberes tradicionais na medida em que acreditam que o único conhecimento válido são os aprendidos em laboratórios, salas de aulas, centros de estudo e investigação. No entanto, Espinosa defende que as comunidades e sociedades possuem saberes que devem ser incorporados ao conjunto do patrimônio científico.



condições em que os saberes populares se transmutam ainda na atualidade. As regiões ligadas às práticas agrícolas estão sendo influenciadas pelo avanço da modernidade e de legislações que dificultam suas atividades tradicionais ligadas à terra, à manipulação dos recursos locais para o acesso e consumo alimentar e reprodução da família. Assim, o desenvolvimento de estudos e pesquisas voltadas às memórias dos homens e mulheres do campo é importante para a valorização dos seus saberes e práticas.

## 1.2 Percurso metodológico

No campo de conhecimento que chamamos Cultura e Desenvolvimento perpassa as questões econômicas, sociais, ambientais e culturais. Ao estudar as práticas produtivas de uma comunidade rural por esses dois eixos de conhecimento, optei por utilizar as ferramentas metodológicas e teóricas presentes na História, Geografia, Antropologia, Sociologia e Economia.

A perspectiva interdisciplinar será utilizada como forma de alcançar estes elementos analíticos intrincados. Ou seja, a História contribuirá para perceber as transformações das atividades produtivas da comunidade ao longo do tempo, a Geografia dará aporte teórico para análise sobre território, a Antropologia, Sociologia e novamente a História oferecem recursos para a coleta de dados relativos aos modos de vidas, sociabilidade e para a análise de dados, a Administração e a Economia fornecem instrumentos que auxiliam a compreender os processos de gestão e organização das atividades produtivas na comunidade.

A construção metodológica partiu de uma rede com vários instrumentos analíticos oferecidos por estas disciplinas. Acredito que não seria possível construir este trabalho aplicando apenas um método. Tampouco acredito que as técnicas convencionais serviriam de suporte analítico para esta pesquisa de modo que recorri ao trabalho de campo, que consiste na observação, entrevistas dialogais, aplicação de formulários e História Oral (HO), como instrumentos de coleta de dados.

O primeiro instrumento metodológico que utilizei para a construção da pesquisa foram as revisões teórico-bibliográficas que tratavam de temas relacionados ao trabalho, economia da cultura e desenvolvimento local. Depois que a pesquisa foi modificada inclui-se a revisão a partir de temas relacionados ao mundo rural e suas novas configurações. Esse levantamento foi realizado a partir da perspectiva qualitativa e foram escolhidas as pesquisas que contribuíssem para a interseção do diálogo entre os processos populares de geração de renda em consonância



com os elementos culturais presentes na organização sociocultural desses grupos. Tais textos contribuíram para a análise das perspectivas sobre trabalho, cultura e geração de renda e os resultados desse diálogo são apresentados ao longo do texto e da análise dos dados. Paralelamente realizei uma revisão bibliográfica sobre Serra Negra, seus aspectos históricos, territoriais, econômicos, culturais e sociais. Com intuito de construir a caracterização do lugar, escolhi pesquisas que contribuíssem com um formato descritivo.

Como a região ainda era desconhecida para mim foi necessário um primeiro momento de chegada, de inicialização dos contatos e vínculos com a comunidade. Nesse sentido, a segunda etapa metodológica<sup>9</sup> consistiu em uma aproximação com o tema inicial da pesquisa por meio de uma investigação mais abrangente. As primeiras idas a campo aconteceram entre os dias 08/05/2019 e 10/05/2019 cuja finalidade foi a observação da paisagem, negociar a aproximação e construir as primeiras conexões e entrevistas com as famílias da comunidade da Serra Negra. Como eu ainda não havia feito nenhuma visita ao bairro e não conhecia algum morador, optei em fazer uma visita de “reconhecimento” do espaço, das condições de vida, dos atores sociais de uma maneira ampla a fim de conhecê-los para que a pesquisa pudesse ser realizada.

Na primeira visita à comunidade, me encontrei com 10 (dez) famílias e/ou representantes das unidades familiares<sup>10</sup> a fim de realizar entrevistas semiestruturadas, dialogais e livres. Ou seja, um roteiro piloto foi elaborado previamente no intuito de garantir que os caminhos do diálogo fossem percorridos de modo a abarcar questões relacionados a ocupação do território; a história da migração de suas famílias até o bairro; a relação entre seus ascendentes e o tropeirismo – objeto inicial da pesquisa; as transformações econômicas e sociais da região e seus reflexos as atividades produtivas; sobre o processo de distribuição e escoamento da produção. Preocupava-me nesta etapa mais em estabelecer os primeiros vínculos de confiança com os entrevistados do que em obter respostas para os questionamentos da pesquisa.

Ao organizar a minha viagem até a Serra Negra, percebi que o lugar é de difícil acesso e que, embora eu não estivesse tão distante em termos geográficos, a topografia da região e as condições das estradas dificultariam a minha chegada. Além da dificuldade de acesso, as condições das estradas dentro do bairro também impossibilitaram que as visitas às famílias

---

<sup>9</sup> Destaca-se que foi durante o desenvolvimento desta etapa que a pesquisa foi modificada a fim de atender as novas demandas que o campo exigia e que foram sinalizadas pelos sujeitos entrevistados.

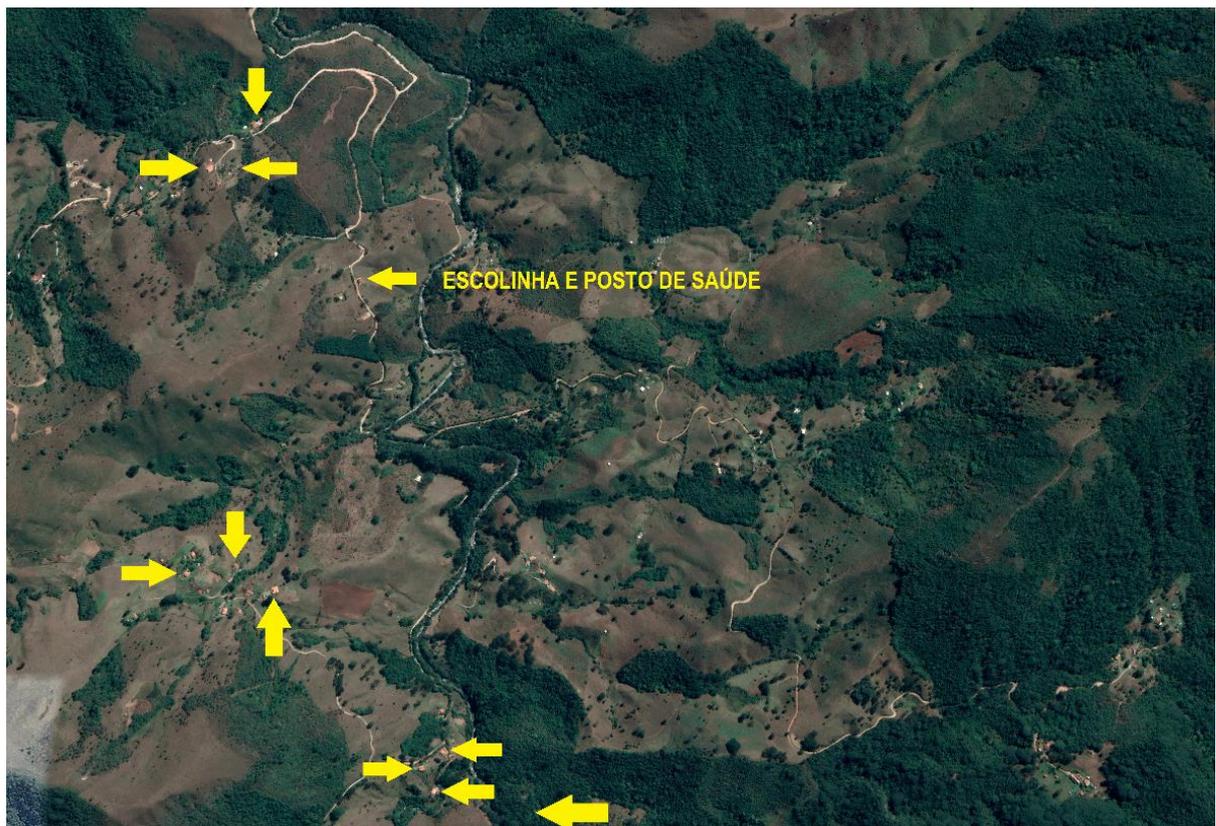
<sup>10</sup> Ao todo visitei 10 (dez) casas para realização das entrevistas, sendo que o número de entrevistados variava de acordo com cada casa.



fossem feitas de forma mais dinâmica. Dessa forma a disponibilidade de alguns moradores em me oferecer os meios de transporte que dispunham - como cavalos, burros, quadrículos, carro e moto - foi fundamental para que as entrevistas acontecessem, já que se tratava de um lugar com estradas precárias e de longas distâncias entre as propriedades.

Na imagem a seguir, realizada em satélite via Google Earth, as sinalizações indicam as propriedades onde as entrevistas aconteceram. A figura tem a intenção de mostrar as disposições das unidades familiares dentro do território da Serra Negra. As distâncias entre as moradias, associadas às precariedades das estradas dificultaram o deslocamento dentro da comunidade. Esta etapa da pesquisa aconteceu em 3 (três) dias e 9 (nove) unidades familiares da comunidade foram visitadas para realização das entrevistas.

**Figura 1: Imagem de satélite da comunidade de Serra Negra**



Fonte: Adaptado de Google Earth (2019).

É possível observar também que está sinalizada a localização da escola e posto de saúde do bairro além da propriedade do meu facilitador. O facilitador dos meus primeiros contatos com a comunidade foi um homem, branco, de 60 anos, cujo apelido é Léo. Nascido em São



Paulo, formado em Filosofia, Léo abandonou a vida na cidade para viver em Serra Negra aos 35 anos de idade. Foi professor da escola do bairro nos primeiros anos em que havia chegado na comunidade. Nos dias atuais, Léo se dedica ao plantio e manutenção de sua propriedade. Léo foi a pessoa que me abrigou nesses primeiros dias e me apresentou à comunidade. Ele foi uma figura importante para o processo de aproximação, criação de vínculo e confiança na relação com os moradores de Serra Negra.

Ao longo da pesquisa eu e Léo estabelecemos diálogos importantes sobre as transformações dos modos de vida em Serra Negra, que contribuíram para o redirecionamento do meu olhar sobre a comunidade. Desde os primeiros momentos de nosso encontro ele se mostrou curioso e teve olhar cuidadoso sobre minha pesquisa. Ele me indicou os primeiros contatos para figuras que ele considerava estratégicas para a pesquisa, como o tropeiro Gezuel, Seu Quinzinho - um dos mais antigos da comunidade -, a remedieira Nair e a produtora de queijo Sueli. Léo também teve contribuição com a indicação de trabalhos realizados sobre Serra Negra e sobre mundo rural que utilizei para construção da pesquisa.

Durante esta primeira pesquisa de campo na região busquei observar a paisagem local, as interações que a comunidade tinha com o espaço e a vivência das famílias envolvidas com a prática tropeira.

Conforme a conversa ia desenvolvendo os integrantes da família se sentiam mais à vontade para interferir e opinar. Percebi que durante os momentos iniciais os entrevistados ficavam mais tímidos e para não gerar desconforto optei por não anotar. No momento que percebia que conversa estava mais fluida e os entrevistados mais confortáveis, fazia algumas anotações no caderno de campo. Algumas entrevistas aconteceram de forma mais dinâmicas, tanto eu quanto o entrevistado estávamos à vontade.

Pude ampliar meus questionamentos em relação às transformações no campo do trabalho e as estratégias de geração de renda dos moradores da Serra Negra no decorrer dos primeiros encontros com moradores locais. O desenvolvimento do turismo na comunidade afetou diretamente as atividades produtivas e o modo de vida da comunidade. As entrevistas já começaram a sinalizar que a comunidade tinha como forte característica a transformação de suas atividades produtivas como consequência da inserção de novos elementos exógenos à comunidade. Na fala dos entrevistados passaram a ser frequentes temas que tratavam das transformações da comunidade ao longo do tempo, relativos ao trabalho, modos de vida e valores. Além disso, falou-se muito sobre o desenvolvimento da venda e troca de produtos e



serviços dentro da própria comunidade e a importância disso para a valorização do lugar e qualidade de vida dos moradores.

As estratégias para estudar o tema proposto estão vinculadas ao problema social, que varia ao longo do tempo e do lugar (HAGUETTE, 2001, p.68), ou seja, a realidade sociológica vivida pelos moradores de Serra Negra na contemporaneidade me condicionou a enfrentar outras problemáticas. A frequência com que determinados termos e temas foram surgindo ao longo das entrevistas e na vida prática dos entrevistados sinalizou a relevância dessas novas configurações sobre o lugar e sobre as pessoas que ali vivem. Percebi que as trocas e vendas dos produtos e serviços ocupam um lugar importante no cotidiano dos moradores e que não poderiam ser ignoradas nesta pesquisa, na medida em que ganharam destaque e delimitaram os novos contornos do trabalho. Além das trocas e comércio, o papel da juventude passou a ganhar lugar de destaque nas entrevistas, já que as novas configurações das dimensões produtivas e culturais passaram a afetar diretamente os desafios e as perspectivas enfrentados pelos jovens da comunidade. Passou a ser relevante portanto compreender quais as dimensões dessa parcela da comunidade sobre trabalho e geração de renda relacionados aos saberes e fazeres tradicionais transmitidos ao longo do tempo.

Diante desses termos a pesquisa passou a ganhar novos contornos. As primeiras entrevistas indicaram um esvaziamento da prática tropeira na região e uma reconfiguração dos saberes e fazeres das populações locais bem como das suas atividades tradicionais. O campo mostrou que existem diversas atividades sendo desenvolvidas na região e o que o tropeirismo, apesar de sua responsabilidade fundamental na constituição histórica, é uma entre tantas outras que geram renda e contribuem para o desenvolvimento local. Desta nova abordagem não houve a desistência de compreender o tropeirismo, mas se preocupou em agregar as outras atividades produtivas para o escopo da análise sobre desenvolvimento e cultura em Serra Negra.

O problema da pesquisa se modificou conforme as pesquisas práticas foram acontecendo, de modo que a metodologia que naquele momento passei a aplicar é resultado de um movimento teórico e metodológico constante de ir e vir. Os caminhos que escolhi percorrer anteriormente me levaram agora a ampliar as perspectivas sobre estudo das atividades produtivas de Serra Negra. As escolhas metodológicas que foram feitas inicialmente se modificaram na medida em que o próprio objeto da pesquisa se modificou. O estudo sobre os processos de geração de renda dos tropeiros contemporâneos de Serra Negra deu lugar a uma análise sobre as transformações dos saberes e fazeres tradicionais ao longo do tempo e suas



estratégias de geração de renda. Um estudo que lança mão sobre a perspectiva cultural e simbólica, que ao mesmo tempo que influencia as escolhas dos sujeitos também é influenciada pelas necessidades materiais deles. Essas novas perspectivas analíticas abriram caminho para outras demandas metodológicas.

Por ser uma etapa de aproximação optei em fazer as entrevistas de forma dialogal sem que houvesse um roteiro fechado, pois o objetivo desta etapa era conhecer o bairro, criar as primeiras aproximações com os moradores e estabelecer os primeiros vínculos. Assim, a construção de um diálogo aberto e sem roteiro se mostrou a melhor opção. Embora alguns temas fossem previamente organizados para obtenção de dados, as conversas aconteceram de forma livre.

Ainda que as entrevistas dialogais fossem fundamentais para este primeiro contato com a comunidade já que possibilitou um contato menos “enrijecido”, que um roteiro fechado pudesse provocar, as entrevistas dialogais, ou seja, abertas e sem roteiro fechado, se mostraram ineficientes como única ferramenta de coleta de dados.

Ineficientes pois determinadas informações como o valor da renda das famílias e informações específicas sobre a produção só puderam ser alcançadas mediante um questionário previamente estruturado. Dessa forma, optei em incluir os questionários de pesquisa como mais dos instrumentos de coleta de dados, que incluem também a observação de campo e as entrevistas dialogais.

A segunda de coleta de dados aconteceu em dois momentos: entre os dias 16/09/2019 até 27/09/2019 e o segundo encontro desta etapa entre os dias 12/11/2019 e 26/11/2019. Nesta ocasião eu fiquei na casa de um casal que conheci através de Léo: Sueli (branca, 53 anos) e Wanderlei (branco, 55 anos). Os dois são produtores de queijo parmesão, mel e ovos. O casal também trabalha com produção leiteira para a fabricação do queijo e estão cadastrados no Programa Nacional de Alimentação Escolar<sup>11</sup> (PNAE).

Ao longo desta segunda etapa metodológica apliquei o formulário e fiz as entrevistas semiestruturadas e dialogais. Enfrentei certa dificuldade para conduzir as entrevistas abertas de modo a alcançar os dados que necessários para análise. Dessa forma adotei para a segunda etapa

---

<sup>11</sup> A Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, determina que no mínimo 30% do valor repassado a estados, municípios e Distrito Federal pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) deve ser utilizado na compra de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações, priorizando-se os assentamentos da reforma agrária, as comunidades tradicionais indígenas e as comunidades quilombolas. Disponível em: < <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/pnae?view=default> >. Acesso em: 26 mar. 2020



de coleta de dado por meio de formulário realizado com os representantes das unidades familiares<sup>12</sup>.

O objetivo deste formulário era obter informações acerca das atividades produtivas realizadas pelos moradores, sobre produtos e serviços fornecidos pelos grupos familiares, tempo de trabalho, a renda da família, escolaridade e como percebem as transformações do trabalho que exercem ao longo do tempo. O mapeamento dessas unidades foi realizado no cotidiano dos dias em que realizei a segunda etapa das observações de campo, juntamente com a família que me abrigou e seus parentes.

O critério utilizado para definir os entrevistados foi o tipo de produção exercida nas unidades familiares. Optou-se para os representantes de famílias que desenvolvem atividades produtivas ligadas ao turismo e a produção agroindustrial familiar<sup>13</sup>, como a produção do queijo, mel, doces e truta, já que se trata de atividade exercida pela maior parte dos grupos familiares de Serra Negra. Os entrevistados para esta etapa da pesquisa foram:

Vera Lúcia Firmino, 35 anos, branca. Escolaridade: 8ª série do ensino fundamental. Possui pequeno comércio e vende produtos de casa, mesa e banho.

Aristeu Firmino, 48 anos, pardo. Escolaridade: 3ª série primária. Motorista escolar da comunidade.

Nair Ramos, 48 anos, branca. Escolaridade: 4ª série primária. Vende produtos de casa, mesa e banho, faz faxina em casa de veranistas e produz de queijo.

Sueli Maria da Fonseca Pena, 53 anos, branca. Escolaridade: 4ª série primária. Produz e vende queijo e mel.

Lucemir Pena de Carvalho, 41 anos, branco. Escolaridade: 1º Ensino Médio. Produz leite e queijo.

João Sebastião Theodoro, 65 anos, pardo. Escolaridade: 4ª série primária. Produz e vende mel.

Maria da Silva, 72 anos, parda. Escolaridade: 3ª série primária. Trabalha na pousada da família.

---

<sup>12</sup> Geralmente os representantes das unidades familiares referiram-se ao marido, esposa ou o filho mais velho.

<sup>13</sup> Segundo MIOR (2007) a agroindústria familiar rural é um tipo de organização em que a família rural processa e transforma parte de sua produção agrícola e/ou pecuária, a fim de agregar valor de troca ou/e comercialização. Trata-se de um processo localizado no meio rural, que utiliza máquina e equipamentos de pequeno porte, cuja matéria-prima em sua maior parte pertence a própria família ou vizinhos.



Gezuel, 69 anos, pardo. Escolaridade: 2ª série primária. Tropeiro, trabalha na pousada da família e produz e vende queijos.

Waudinei Firmino Ramos, 43 anos, pardo. Escolaridade: 3ª série primária. Truticultor, produz e vende leite e mel.

José Silva Rangel. Aposentado, truticultor e trabalha na pousada da família.

Tadeu José Fonseca, 66 anos, branco. Escolaridade: não informada. Aposentados, truticultores, produz e vende leite e mel.

Sônia da Silva, 44 anos, branca. Escolaridade: não informada. Proprietária de pousada.

Cabe ressaltar que todos os entrevistados concordaram em ter seus nomes verdadeiros utilizados na pesquisa. O pedido de autorização aconteceu logo no início de cada entrevista e a autorização foi registrada por meio dos gravadores de som.

O campo se apresenta cada vez mais híbrido e multifacetado pelas transformações de um mundo intrinsecamente conectado através de redes globalizadas. Novos dilemas e problemas ocupam a pesquisa sociológica na medida em que os novos sujeitos-objetos são também agentes de suas narrativas científicas. Essas novas perspectivas analíticas não estão mais centradas no sujeito ocidental, mas nos impasses propostos pelos próprios nativos, que agora são antropólogos de seus povos, escrevem suas próprias histórias e fazem a própria leitura de sua forma de enfrentar o mundo (ZALUAR, 2009).

Para aproximar-se dos pesquisados da pesquisa foi necessária uma perspectiva holística, na medida em que se trata de uma vivência subjetiva e objetiva. Nesse sentido, o pesquisador não é um sujeito passivo, mas sim um ator e autor das perguntas, da ótica que se coloca sobre os sujeitos e objetos da pesquisa e diversas situações da pesquisa (ZALUAR, 2009). A experiência com a pesquisa de campo é um elemento fundamental para a construção metodológica da pesquisa na medida em que o pesquisador tem a possibilidade de testar os instrumentos metodológico escolhidos para a coleta de dados.

Diante desses termos, a dinâmica da comunidade me levou a adotar metodologias alternadas para alcançar os objetivos da pesquisa. Para construção da caracterização do bairro, por exemplo, utilizei 3 recursos: 1| os documentos realizados pelos órgãos públicos, a fim de traçar um perfil socioeconômico do município e contextualizar o leitor; 2| investigar os moradores da região a respeito das transformações das atividades produtivas até os dias atuais e 3| conectar a história de ocupação de Serra Negra com sua cadeia produtiva, a fim de encontrar os elementos constituintes do desenvolvimento socioeconômico da comunidade.



A pesquisa interdisciplinar tem por característica a utilização de vários recursos das diversas ciências para organizar a pesquisa de dados. Parte-se do entendimento que as complexidades presentes no universo das estruturas que organizam e contrapõem a sociedade só podem ser compreendidas nos seus enredamentos a partir de uma reflexão epistemológica, ponderando sobre diversos campos do conhecimento científico.

As principais fontes que darão suporte para o desenvolvimento desta pesquisa são os dados empíricos e primários que serão coletados a partir dos recursos disponibilizados pela etnografia. Observar as ações enquanto elas estão ocorrendo faz parte do trabalho etnográfico, muito embora essa observação deva ser feita em um período de longa duração.

Dentro dessa perspectiva antropológica enquanto metodologia, procurei observar as relações que os moradores da comunidade estabelecem entre si no seu cotidiano através das trocas de hortaliças, queijos, doces e ovos realizadas entre os vizinhos e parentes, além do processo de elaboração do queijo, doces e das trutas que também foram observados, registrados e traduzidos.

O critério utilizado é o da “descrição densa” de Geertz (1989) das estruturas de significação presentes no processo de geração de renda e das relações que a comunidade possui com os bens produzidos através de seu trabalho. Dentro dessa perspectiva, procurei observar e registrar os elementos presentes na produção do queijo e das trutas, as movimentações necessárias e a posição dos artefatos dentro das *fábricas*. Acontecimentos particulares como a troca de hortaliças, doces e ovos entre vizinhas também fizeram parte deste conjunto de dados que incorporou a minha construção – que já é a tradução das construções nativas.

Ainda que este trabalho se debruce sobre alguns recursos etnográficos, o tempo despendido no campo de investigação - instrumento fundamental da etnografia - não permite uma descrição densa e detalhista sobre os dados da pesquisa. Escolhi os instrumentos metodológicos da etnografia como recurso fundamental para identificar os fenômenos sociais das trocas familiares cotidianas, os aspectos subjetivos das rotinas de trabalho e aspectos dos processos de transmissão dos saberes e fazeres tradicionais da comunidade.

Pretendi assim contribuir para construção de novas categorias analíticas e interpretativas sobre comunidades rurais e suas transformações ao longo do tempo utilizando os recursos da História Oral e Antropologia. No entanto, não se trata de uma pesquisa etnográfica, mas de um trabalho que utilizou recursos disponibilizados pela etnografia como a observação, utilização de caderno de campo e coleta de dados empíricos. O processo etnográfico implica



que se construa uma análise holística ou dialética da cultura, ou seja, implica compreender que a cultura é um sistema de significados que regula as estruturas sociais, as ações e interações humanas. Também faz parte deste fazer etnográfico incluir os atores sociais de forma ativa e transformadora das estruturas da sociedade. A etnografia também exige a preocupação com a construção da reflexividade sobre a ação da pesquisa, ou seja, um processo contínuo, questionador e crítico sobre as categorias<sup>14</sup> construídas tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado (MATTOS, 2011). Com base nesses instrumentos de coleta e análise de dados que proponho esta investigação.

A coleta e análise dos dados foi possível a partir da possibilidade de confrontar e desconstruir as minhas próprias categorias de interpretação e visão de mundo a partir da compreensão dos valores e visões de mundo dos moradores de Serra Negra. Observei as interações entre os moradores, organizações internas de trabalho e convivência e os sentidos compartilhados entre os moradores da comunidade para entender os sentidos culturais que esses atores atribuem às suas próprias ações e ao mesmo tempo as categorias elaboradas previamente por mim.

Diversas categorias e opiniões elaboradas de forma preconceituosa (anteriores a ida a campo) foram explicitadas em caderno de campo sobre os temas que perpassam desenvolvimento local, os modos de vida, saberes, fazeres e geração de renda. Estas categorias foram confrontadas com as percepções dos entrevistados sobre estes mesmos temas e depois estabelecer quais categorias, das quais elaborei, deveriam ser mantidas, descartadas ou quais foram ditas de outras formas.

Ao traçar a história do desenvolvimento de Itamonte, município o qual pertence a comunidade de Serra Negra, não houve grandes dificuldades em encontrar dados numéricos e acontecimentos referentes ao passado próximo. As dificuldades surgiram quando se tentou esboçar uma trajetória histórica sobre a ocupação do território das comunidades rurais existentes na região e a condição de vida desses habitantes. Convém notar que a história se constrói a partir do que está escrito em documentos oficiais e que estes registros são majoritariamente a respeito da vida das classes dominantes. No final da década de 1920 disciplina da História passou por uma renovação promovida pela *Escola dos Annales*. A Escola das Annales foi um movimento

---

<sup>14</sup> Entende-se por categoria, as construções prévias - ou não - elaboradas sobre o campo de investigação ou sobre os atores sociais. Empenha-se em haver uma criticidade sobre estes termos de modo a não contribuir para a validação, uma ideia absoluta e pronta sobre os atores e campo de investigação.



de perspectivas teóricas e metodológicas da disciplina da História. Esta nova corrente apostava na construção de novas abordagens históricas, mais abrangentes e totalizantes (BURKE, 1991). A partir dessa nova ótica, as pesquisas históricas passaram a dar destaque “a história vista de baixo”, ou seja: projeta-se a análise a partir das experiências de vida e trabalho dos homens e mulheres das camadas sociais menos privilegiadas e mais empobrecidas realçando a longa duração.

A História Oral (HO) foi o procedimento metodológico que escolhi para que compreender o processo de desenvolvimento das atividades econômicas da região ao longo do tempo a partir das memórias e da construção identitária dos moradores de Serra Negra. É difícil descrever e definir a HO devido à complexidade que este instrumento propõe. De forma ampla considera-se que a HO diz respeito às fontes coletadas por meio da oralidade, que podem ser gravadas e conservadas (HAGUETTE, 2001). Trata-se de uma fonte que se revela a partir na memória dos depoentes sobre suas experiências vividas e que, portanto, tem uma dimensão dinâmica, ativa e carregada de propósitos, crenças, imaginário e sentidos próprio de cada ator social entrevistado. Sendo este um dos principais aspectos críticos da confiabilidade das fontes orais (MATOS; SENNA, 2011).

Observe a seguir:

- a) a HO é uma técnica de coleta de dados baseada no depoimento oral, gravado, obtido através da interação entre especialistas e o entrevistado, ator social ou testemunha dos acontecimentos relevantes para a compreensão da sociedade;
- b) a HO tem por finalidade o preenchimento de lacunas existentes nos documentos escritos, e assim, prestar serviços à comunidade científica através da socialização de seu produto;
- c) a HO é interdisciplinar, interessado à história, à sociologia, à antropologia, à ciência política e mesmo ao jornalismo;
- d) embora caracterizada como uma técnica, ela não prescinde da teoria que informa o objeto a ser reconstituído;
- e) como instrumento de captação de dados ela sofre de algumas limitações comuns a outros instrumentos de coleta (HAGUETTE, 2001, p. 95)

No entanto, as imprecisões não são uma característica única das fontes orais. De acordo com Thompson (1992), a memória está tão sujeita às imprecisões quanto fontes jornalísticas, relatórios de governo, declarações de imposto na medida em que estão carregadas de intencionalidades e cabe aos historiadores o exame das evidências.

[...] uma das grandes vantagens da história oral é que ela possibilita ao historiador compensar o viés presente nas fontes históricas habituais; por exemplo, a tendência de a autobiografia publicada provir das classes superiores ou dos profissionais de nível superior, que formulam e ordenam melhor as



ideias, ou de líderes operários e não de pessoas comuns do povo (THOMPSON, 1992, p.167).

Sobre este ponto cabe mencionar sobre a importância em escolher depoentes a partir de um planejamento que garanta o máximo possível a representatividade que eles têm sobre o tema que se deseja alcançar. A história na comunidade está sustentada por meio da oralidade de modo que os próprios moradores reconhecem seus contadores de “causos”, ou seja, os sujeitos que carregam a memória de ocupação da região, os costumes e modos de vida “dos antigos”. Dessa forma realizei entrevistas com os moradores mais antigos da de Serra Negra, mas também aqueles que tinham reconhecimento por parte dos próprios moradores como contadores dos “causos”. Estes requisitos foram feitos de modo a alcançar as memórias sobre o trabalho que os antepassados exerciam na comunidade e as histórias de ocupação do território.

Nesse contexto HO será utilizada como recurso para os estudos de memória e da construção das identidades a partir das atividades produtivas desenvolvidas no passado de Serra Negra. Para alcançar tal objetivo estabeleci que o grupo das pessoas entrevistadas seriam os moradores com idade mais avançada. A escolha desses sujeitos foi feita coletivamente com a família de Sueli – mulher que me abrigou durante as duas etapas da pesquisa de campo. Primeiramente eu informei a finalidade da entrevista e o perfil adequado para os depoentes - moradores locais e mais velhos de Serra Negra -, depois pedi que eles me sugerissem os nomes dos que poderiam contribuir. Foram cinco entrevistados:

Maria da Silva, 72 anos. Aposentada, produz queijos, geleias e trabalha na pousada da família.

Gezuel da Silva, 69 anos. Aposentado, tropeiro e trabalha na pousada da família.

Alcídes Firmino Ramos, 83 anos. Aposentado.

Arlindo José dos Santos, idade não informada. Aposentado e ex carvoeiro

José Rangel. Aposentado, idade não informada truticultor e trabalha na pousada da família.

Valderi Pena de Carvalho, 55 anos. Apicultor, ex carvoeiro, ex madeireiro e guia turístico do PNI.

As perguntas foram organizadas de modo a obter informações da forma mais flexível possível. Escolhi realizar uma entrevista semi dirigida, ou seja, que contemplasse a fala única da testemunha e o questionário com perguntas amplas e objetivas. Todas as entrevistas eram



realizadas na casa ou local de trabalho (no caso das pousadas) dos entrevistados. Não estabeleci vínculos com estes entrevistados, já que se tratava de entrevistas rápidas. Algum morador da comunidade me acompanhava e fazia as apresentações iniciais. Antes de começar as perguntas eu explicava que era estudante da Universidade Federal de Itajubá, que estava realizando uma pesquisa de mestrado para Serra Negra e do que se tratava a pesquisa e os objetivos que eu pretendia alcançar.

Após a realização da pesquisa, os dados recolhidos em campo passaram por um processo de sistematização. As entrevistas foram gravadas em aparelhos eletrônicos e posteriormente transcritas no computador através do programa Word. A transcrição foi feita por mim, de forma literal para não perder seu conteúdo essencial, que é a voz dos moradores da comunidade. As falas dos questionários também foram gravadas e transcritas e as interpretações foram separadas em 5 (cinco) blocos de temas, sendo eles: a) geração de renda; b) saberes e fazeres; d) desenvolvimento local e) bem viver.

Cabe notar que utilizei algumas imagens ao longo do trabalho com a finalidade de apresentar meu objeto aos leitores. Os registros fotográficos foram realizados desde a fase inicial de elaboração do projeto da pesquisa e durante todo o processo de coleta de dados.

Esta pesquisa é de natureza básica, ou seja, trata-se de um estudo centrado em discussões teóricas sobre modos de vida, geração de renda e trabalho que envolvem a atividades tradicionais de Serra Negra. Não pretendia qualquer aplicação prática na organização de vida e trabalho já estabelecidos entre os moradores do bairro, cujas transformações acontecem segundo suas próprias lógicas. A abordagem é qualitativa, já que se propõe construir novas dimensões dos fenômenos sociais, que não conseguem ser traduzidos em gráficos, tabelas e números, mas a partir de categorias interpretativas e na reflexão de significados e significâncias.

Diante das transformações socioeconômicas impostas pelas novas demandas econômicas ao longo dos anos, afirmo que as atividades produtivas de geração de renda em Serra Negra compõem o tecido social da comunidade e é caracterizado por elementos complexos. A análise se torna mais coerente se problematizada a partir da percepção dos indivíduos nele envolvidos. Dessa forma, será fundamental “dar voz” aos moradores locais, e assim, partir das suas próprias percepções sobre os seus saberes, modos de vida, trabalho e estratégias de geração de renda, possa se fazer uma análise teórica e reflexiva sobre essas dimensões.



Mesmo que o trabalho tenha sido organizado a partir da problemática que eu estabeleci para o objeto, dou destaque para as falas dos atores sociais por compreender que só alcançarei tais respostas a partir do ponto de vista desses sujeitos. São eles que irão me dar as respostas necessárias e meu papel será de traduzir essas falas.

O caráter explicativo da metodologia da pesquisa tem como preocupação central sinalizar de que forma as ressignificações das atividades produtivas locais e suas nuances culturais e materiais são capazes de configurar novas relações no campo da geração de renda e do desenvolvimento local por meio de suas estratégias de inserção do processo produtivo das trocas econômicas de fora da comunidade. É, portanto, perceber e explicar essas novas configurações do rural no campo da cultura, do trabalho e geração de renda.

Compreendo que existe uma economia local na comunidade que envolve a troca e a venda de diversos produtos e serviços. Ou seja, existe um conjunto de atividades e de pessoas que dão suporte de forma coletiva para as estratégias de geração de renda da comunidade. Assim sendo, trata-se de explicar como se organiza a cadeia de trabalho existente na comunidade a fim de compreender seus modos de transmissão de saberes e fazeres, de organização do trabalho, gestão, produção e escoamento do que é produzido.

Este trabalho está organizado em 4 capítulos, além desta introdução. O primeiro capítulo trata da caracterização de Serra Negra, território onde as práticas de geração de renda são realizadas. Aponto os aspectos socioeconômicos do lugar, sua localização geográfica e o processo de ocupação da região. Por meio de entrevistas com os moradores do lugar e utilização dos critérios da história oral, faço um levantamento das transformações das atividades econômicas da região até os dias atuais.

No segundo capítulo faço uma discussão sobre as relações que a comunidade de Serra Negra estabelece com o território que ocupa e a partir dessa relação circunscrevo novas perspectivas em relação ao trabalho.

No terceiro capítulo, realizo um debate teórico sobre as perspectivas sobre desenvolvimento e a importância da valorização dos arranjos produtivos de base solidária, subjetivas e simbólicas para construção de um projeto de desenvolvimento sustentável.

No último capítulo, coloco luz sobre as estratégias de geração de renda em Serra Negra na contemporaneidade onde procuro compreender em que medida, tais práticas estão conectadas aos saberes e fazeres tradicionais da comunidade.



## **2 CARACTERIZAÇÃO DE SERRA NEGRA: JULHO VERDE, AGOSTO VERMELHO E SETEMBRO CINZA<sup>15</sup>**

Neste capítulo trago a caracterização socioeconômica do bairro rural da Serra Negra, onde são desenvolvidas as práticas de geração de renda da comunidade tradicional. Também abordo os aspectos históricos de ocupação territorial da região e as transformações das atividades de geração de renda da comunidade ao longo dos anos.

Para elaborar este capítulo utilizei as fontes primárias obtidas na entrevista, as anotações do diário de campo e um parecer técnico realizado pelo do Ministério Público Federal em 2011, cuja finalidade foi verificar se as populações que habitam duas comunidades do interior do Parque Nacional do Itatiaia – Serra Negra e Vargem Grande - são populações tradicionais e verificar os impactos da presença dessas populações na área da unidade de conservação (UC) de proteção integral. Além destes, examinei os autos de um Inquérito Civil nº 1.22.013.0002018/2014-4 vol. 1 e 2, que são referentes à regularização fundiária da comunidade de Serra Negra e um Diagnóstico Socioambiental realizado pela prefeitura de Itamonte em 2009.

Apesar da distância temporal de tais documentos, ambos materiais oferecem dados ainda consistentes sobre a realidade da Serra Negra e foram fundamentais para caracterização do território. Inicialmente fiz um recorte histórico de ocupação do território para depois contextualizar sobre os dias atuais, no que tange às características econômicas e demográficas da Serra Negra.

### **2.1.1 Caracterização**

A comunidade tradicional de Serra Negra está localizada dentro do território do Parque Nacional do Itatiaia, em uma área denominadas de bairro rural no município de Itamonte, Minas Gerais, com moradias, escola e áreas de produção de subsistência. Tal região é impulsionada pela atividade turística, facilitada por sua proximidade com rodovia Via Dutra – que liga as capitais São Paulo e Rio de Janeiro. Além de Serra Negra, a região também conta com outros

---

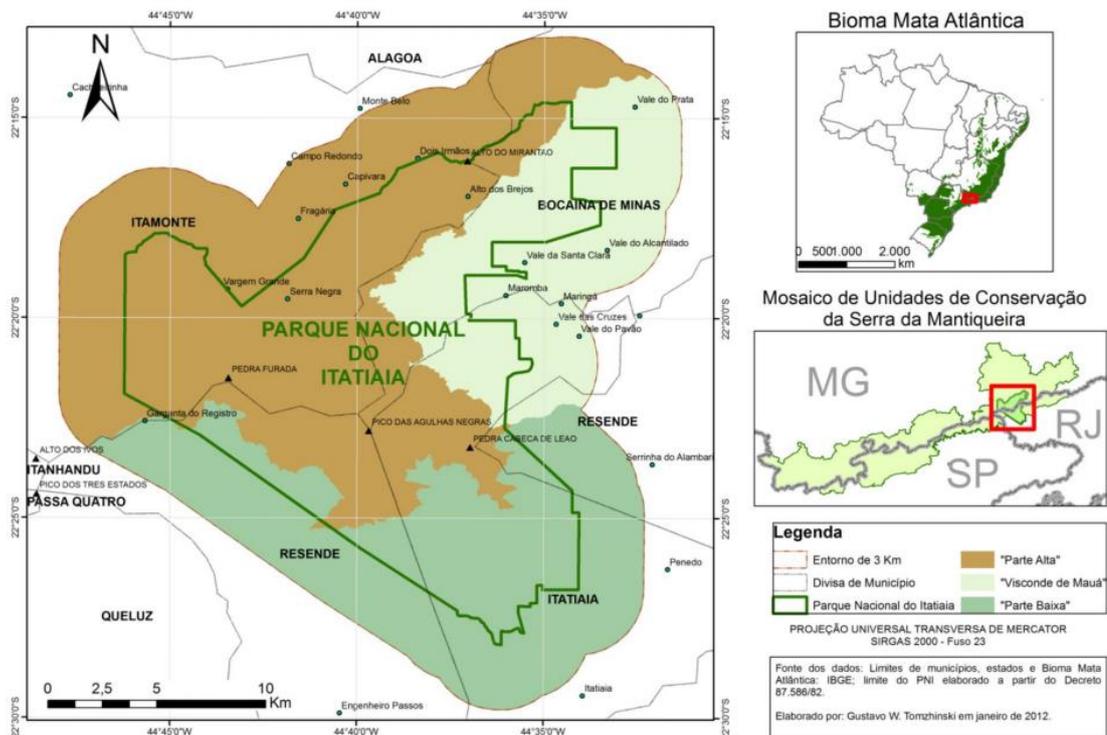
<sup>15</sup> O título escolhido faz referência a transformação da paisagem de Serra Negra ao longo do ano. Tal caracterização foi feita por uma moradora local em uma das entrevistas realizadas na comunidade. A prática da queimada, cuja função era de “descansar” o solo para os próximos plantios, era uma das atividades tradicionais desenvolvidas na região no mês de agosto.



bairros rurais como Vargem Grande, Campo Redondo, Capivara e Frágaria, que possuem basicamente a mesma infraestrutura e organização espacial.

Observa-se abaixo que a região está localizada na Serra da Mantiqueira, em uma zona interestadual que conecta os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. A Serra da Mantiqueira pertence ao bioma Mata Atlântica, apresentando uma extensão de cerca de 500 km de maciço rochoso que chega a até 2.798 metros de altitude. Além de sua relevância cultural, a região da Serra da Mantiqueira integra uma área de preservação ambiental, a APA – Mantiqueira, que indica a importância de suas características ambientais.

**Figura 2: Localização do Parque Nacional do Itatiaia com os municípios limítrofes, no bioma Mata Atlântica e no mosaico da Mantiqueira.**



Fonte: Tomzhinski (2012).

O Parque Nacional do Itatiaia foi criado em 1937 pelo Decreto Federal nº 1713 pelo presidente Getúlio Vargas. Inicialmente a área do parque correspondia a 11.943 hectares. Em 1982 foi ampliado para 30.000 hectares por meio do Decreto nº 87.586 e atualmente é administrado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

O acesso a região é feito por veículos de passeio e pequeno caminhões já que não existe transporte público que faça o trajeto. A estrada que liga a BR – 354 (que corta o município de



Itamonte) às propriedades de Serra Negra não é asfaltada e tem pouca ou nenhuma iluminação, principal reclamação por parte dos moradores em relação ao bairro. O percurso entre Serra Negra e o centro de Itamonte é de cerca de 42 quilômetros e devido a condição da estrada leva cerca de 1 hora e meia de viagem. Em Itamonte os moradores de Serra Negra entregam seus produtos, vão ao médico, supermercado, pagam contas na lotérica e resolvem problemas burocráticos. Geralmente eles fazem esta viagem uma vez por semana e costumam se organizar entre vizinhos e parentes para distribuição de caronas, pontos de encontro e as entregas dos produtos.

Como podemos observar na imagem abaixo, o bairro é cortado pelo Rio Aiuruoca e se encontra em uma altitude de cerca de 1.700 metros, sendo uma das áreas mais altas da Serra da Mantiqueira. A paisagem da região é composta por diversas montanhas, sítios, residências de veranistas e de produtores rurais.

**Figura3: Rio Aiuruoca cortando o bairro de Serra Negra.**



Fonte: Maria Eloiza Lopes Pinto, 2019.



A organização espacial das propriedades é dispersa e apesar de existirem várias casas elas estão distantes umas das outras. Os moradores geralmente se locomovem dentro do bairro a pé, de motocicletas, automóveis, burros e cavalos. O comércio é praticamente inexistente em Serra Negra, que conta apenas com duas vendas pequenas que também funcionam como bares e ponto de encontro de lazer dos moradores. Os moradores também costumam se encontrar aos domingos na igreja evangélica Assembleia de Deus. Em Serra Negra não há praça, centro comercial ou qualquer espaço de lazer coletivo.

Segundo dados do IBGE de 2019 a cidade possui população residente estimada em 15.579 habitantes. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal<sup>16</sup> (IDHM) do município é de 0,705, o salário médio mensal dos trabalhadores formais é de 2,1 salários mínimos e a taxa de escolarização de 4 a 14 anos de idade de 98,5 % (de um total de 1.790 matrículas).

Segundo dados do Programa Saúde e Família (PSF) do município de Itamonte obtidos com a agente de saúde de Serra Negra Lídia Maria Correa Fonseca<sup>17</sup>, existem atualmente 52 famílias em Serra Negra, em um total de 148 pessoas. O Diagnóstico Socioambiental da Comunidade Rural da Serra Negra aponta que pelo menos 35 famílias possuem suas propriedades dentro do Parque Nacional de Itatiaia (PNI), situação que gera uma série de conflitos entre os moradores e PNI, que discutiremos mais adiante.

Este diagnóstico socioeconômico foi realizado em 2009 pela Prefeitura Municipal de Itamonte. Segundo as informações do diagnóstico foram entrevistadas 27 famílias, no entanto o diagnóstico não aponta o número total de entrevistados. Esses dados foram comparados às pesquisas de campo que realizei a fim de que se possa ter um retrato mais atual da comunidade. Destaca-se que há poucas informações econômicas e demográficas sobre a região da Serra Negra. Assim sendo, optei por utilizar esse diagnóstico para pesquisa como uma das fontes para obter as informações necessárias, levando em consideração as transformações sofridas pela comunidade ao longo desses 10 anos.

A estrutura fundiária de Serra Negra, segundo o diagnóstico realizado pela prefeitura, é caracterizada como pequena, ou seja, 71% dos entrevistados declararam que possuem área menos que 30 hectares. As áreas ocupadas pelos moradores da comunidade de Serra Negra são

---

<sup>16</sup> O IDHM é uma adaptação metodológica do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Os dois índices reúnem fatores como saúde, educação e renda, mas alguns dos indicadores utilizados para representar estas dimensões se diferem entre os dois índices. Disponível em < <http://www.atlasbrasil.org.br/> > Acessado em: 4, nov. 2019.

<sup>17</sup> Entrevista concedida dia 19 de novembro de 2019 durante a visita da agente na casa onde fiquei durante o período da observação e coleta de dados.



pequenas propriedades rurais, considerando que no município de Itamonte o módulo fiscal é de 30 hectares (ICMBIO, 2014). Ainda, segundo o diagnóstico, metade (52%) das propriedades dessas famílias está em condição regular e o risco de desapropriação está fazendo com que muitos moradores busquem regularizar a situação de suas propriedades.

As famílias da comunidade tradicional do bairro rural Serra Negra se organizam e se distribuem espacialmente por meio dos “núcleos familiares”. Essa organização compõe a dinâmica territorial da propriedade em torno da porção central mais antiga dos patriarcas destinados à moradia, enquanto os filhos e netos, ao longo das gerações, vão fixar suas residências nas proximidades em relação aos primeiros. Dessa forma a organização do sistema produtivo tem características comunais e familiares e são estabelecidas por meio da relação espacial das moradias.

As casas estão localizadas próximas às nascentes dos cursos d’água. Grande parte das moradias são simples, de barro ou alvenaria, cobertas por telhas. Como a população está distribuída de forma dispersa no território e suas atividades produtivas são pouco agressivas ao meio ambiente, a ocupação territorial causa pouca pressão antrópica.

**Figura4: moradia típica de moradores da comunidade**



Fonte: Maria Eloiza Lopes Pinto (2019)

As moradias são sítios que no passado eram áreas de cultivo de milho, batata, feijão e fumo para subsistência com mão de obra familiar. As roças de subsistência são pequenas e sem



uso de *adubo* (termo nativo para agrotóxico). Próximo às moradias está o quintal ou *terreiro* com o cultivo de hortaliças, fruticultura, criação de galinha e suíno. Nos dias atuais, a maioria dos sítios da comunidade possuem áreas que variam de dois a duzentos alqueires de terra e muitas delas são terras de herança de seus antepassados.

**Figura 5: a produção de hortaliças para subsistência.**



Fonte: Maria Eloiza Lopes Pinto (2019)

A criação de animais de carga como cavalos e o burro, e o gado leiteiro ainda é umas das atividades principais realizadas pela comunidade. Os animais são alimentados por capineiras e a partir dessa atividade são produzidos e comercializados o queijo parmesão, um dos principais itens geradores de renda dos moradores da comunidade.



**Figura 6: criação bovina.**



Fonte: Maria Eloiza Lopes Pinto (2019)

Constata-se aqui que o bairro também abriga um expressivo número de proprietários de origem urbana que utilizam a região à passeio ou para desenvolver novas atividades econômicas, são os “turistas” ou os “de fora” - expressão usada pelos moradores para citar todos os proprietários que não residem de forma fixa no bairro. Estes moradores são atraídos pela qualidade de vida oferecida pela região e pelo modo de vida tradicional da comunidade. Os moradores de Serra Negra vendem parte de sua produção para este grupo de pessoas. Já as propriedades ligadas às atividades turísticas – as pousadas - ganham destaque segundo os moradores pelo potencial de desenvolvimento na região, ainda que de forma diminuta, mas ainda assim significativo se comparada ao número de habitantes e às condições de acesso à região<sup>18</sup>.

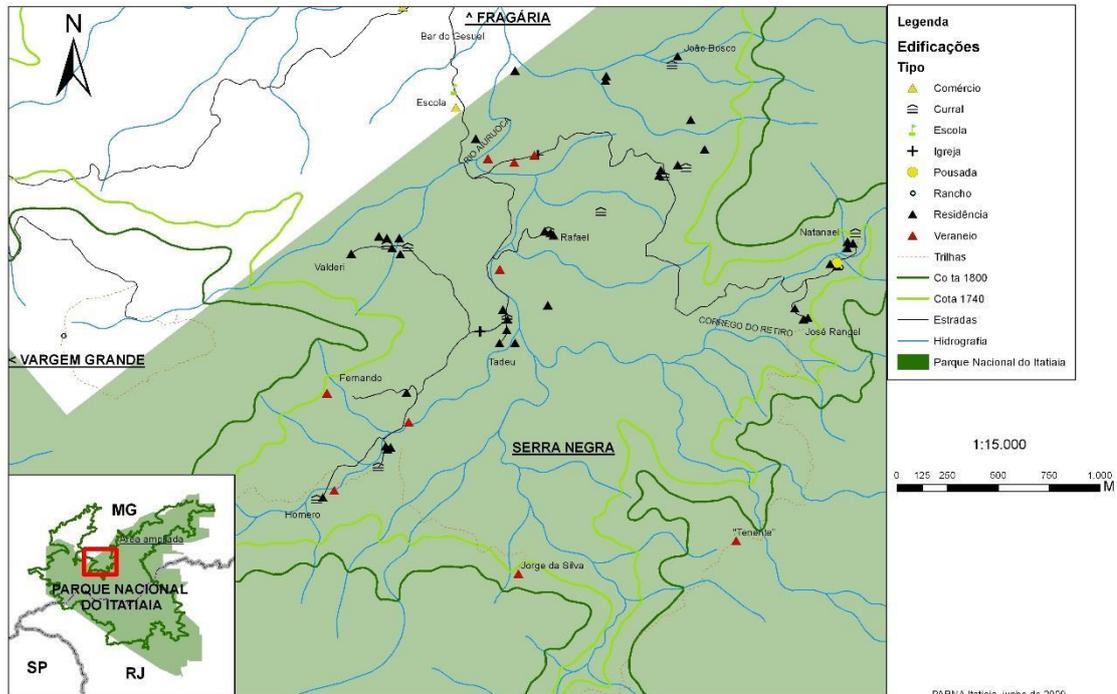
---

<sup>18</sup> A pesquisa aponta para existência de 3 propriedades ligadas diretamente ao turismo, sendo que uma delas são chalés alugados por aplicativo de celular.



**Figura 7: Cartograma ilustrativo do bairro rural de Serra Negra**

CARTOGRAMA ILUSTRATIVO DO BAIRRO RURAL DA SERRA NEGRA



Fonte: Parque Nacional do Itatiaia (2009)

A questão da escolaridade aparece como um problema a ser enfrentado na comunidade, já que a cerca de 92,3% dos entrevistados do diagnóstico apresenta baixo nível de escolaridade (são analfabetos ou fizeram até a 4ª série primária). O diagnóstico aponta que o problema tem sido minimizado com a implementação de uma escola primária no bairro, em 1989, e em 2003 quando foi inaugurado o Ensino Médio na Escola Municipal Bruno Fonseca Pinto na comunidade vizinha de Campo Redondo.

Os dados recolhidos pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio em 2014 para realização do Relatório do cadastro do perfil socioambiental da comunidade de Serra Negra, anexado aos autos do processo para regularização fundiária de Serra Negra e construção de termos de compromisso apontam informações importantes. Para realização deste relatório foram entrevistados 30 representantes de famílias, sendo 13 mulheres e 17 homens de 13 núcleos familiares. Segundo este relatório, 25 entrevistados se declararam analfabetos ou frequentaram apenas os anos iniciais do Ensino Fundamental. Os dados que recolhi corroboram com tais dados, na medida em que dos 24 dos entrevistados (entre 15 e 83 anos) apenas 2 declararam possuir Ensino Médio completo, sendo que uma delas possui o Ensino Superior. Ou seja, trata-se de uma comunidade com baixo nível de escolaridade e com



alto grau de abandono escolar. Segundo os entrevistados, tal fato deve-se à distância em relação a escola e dificuldade de acesso.

Existe uma escola na comunidade de Ensino Básico, porém, para continuar os estudos os moradores têm que se deslocar até o bairro rural vizinho, Campo Redondo, - cerca de 12 km de Serra Negra - onde há uma escola que atende até o Ensino Médio. Tal deslocamento não se compatibiliza com a realidade destes moradores, que enfrentam jornadas de trabalho desde jovens e acabam por desistir da escola.

Na imagem abaixo pode-se observar a escola que atende as crianças do bairro e também – no mesmo local - a sala para atendimento médico que funciona uma vez por semana.

**Figura 8: Escola Municipal Manoel Geraldo de Oliveira e também onde funciona o atendimento médico**



Fonte: Maria Eloiza Lopes Pinto (2019)

Os dados do relatório do ICMBio também apontam para as atividades produtivas remuneradas dos representantes das unidades familiares, seus cônjuges e filhos. A maior parte



os entrevistados se declararam como trabalhadores rurais, sendo 26 produtores rurais, 8 diaristas e 2 truticultores<sup>19</sup>.

**Figura 9: poços artificiais para criação de truta**



Fonte: Maria Eloiza Lopes (2019)

A demanda por trabalho para as mulheres aparece com frequência nas entrevistas que realizei, como podemos observar na fala da entrevistada Sueli (53 anos).

Para a mulher não tem trabalho. A mulher trabalha em casa. No veraneio ajuda, arrumar a casa, lavar roupa. Só quem tem trabalho são as professoras, que são duas. Só quem tem salário são as professoras [...] A mulherada faz serviço de casa.

Este tipo de relato aparece em outras entrevistas, indicando um desequilíbrio entre homens e mulheres no que se refere ao trabalho. A fala de Sueli ainda revela sobre o que ela considera ou não trabalho. Nesta fala a entrevistada considera como trabalho as ocupações formalizadas, como o trabalho da professora que recebe salário. Nesta perspectiva, de todas as mulheres que habitam a comunidade, as únicas que possuem trabalho são apenas duas mulheres, as professoras já que são as únicas que possuem salário.

---

<sup>19</sup> Para Tomzhinski (2007) a criação de truta é um problema a ser enfrentado dentro do PNI. Apesar de serem criados em ambientes artificiais, os resíduos orgânicos como fezes e ração acabam atingindo os rios, gerando desequilíbrio ecológico.



A pesquisa de campo evidenciou que as mulheres exerciam suas atividades produtivas dentro das unidades domésticas. Para as mulheres o trabalho está reservado à produção de queijo, de geleias, serviços de limpeza nas pousadas e casas de veraneio, além de outras atividades ligadas a manutenção da casa. De acordo com as entrevistas, as mulheres enxergam no desenvolvimento turístico uma oportunidade maior de trabalho.

Cabe ressaltar que essas diversas atividades domésticas não são registradas numericamente em dados dos diagnósticos públicos, muito embora elas sejam fundamentais para a geração de renda da família. Os diversos tipos de trabalho exercido pelas mulheres não são categorizados e diferenciados, ficando evidentes apenas de forma genérica.

O diagnóstico da prefeitura de Itamonte também aponta que as mulheres que dedicam tempo ao trabalho doméstico, correspondem à 23% das entrevistadas. Segundo o diagnóstico, 73% dos entrevistados dedicam mais da metade do seu tempo às atividades agrícolas. A maior parte dos entrevistados vende sua produção para o mercado, sendo que destes, 48% vende para intermediários e 18% à agroindústria.

**Figura 10: Estabelecimento agropecuário de Serra Negra**



Fonte: Maria Eloiza Lopes Pinto (2019)



Nas imagens acima vemos parte de uma unidade produtiva agropecuária de Serra Negra. A produção leiteira é uma das atividades produtivas mais relevantes da região. Como desdobramento disso, a produção do queijo parmesão também se revela como uma atividade importante para o comércio e para a geração de renda das famílias.

A pesquisa empírica que realizei apontou a produção de queijo como uma fonte de renda importante para a comunidade. Dos 13 representantes das unidades familiares que entrevistei, 7 produzem para próprio consumo - “para o gasto”<sup>20</sup> - ou vendem para turista que estão de passagem pela comunidade, para atravessadores que vão vender em outras cidades e para os tropeiros que vão vender na região de Visconde de Mauá.

A região de Visconde de Mauá abrange partes dos Estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, sendo compartilhada pelos municípios de Resende e Itatiaia, no Rio de Janeiro, e Bocaina de Minas, em Minas Gerais. A região se divide três vila principais: 1) a Vila de Visconde de Mauá, município de Resende; 2) a Vila de Maringá, dividida entre Maringá-RJ e Maringá-MG pelo Rio Preto (que nasce no Pico das Agulhas Negras e possui cerca de 200 km de extensão), sendo a porção fluminense pertencente ao município de Itatiaia e a porção mineira pertencente ao município de Bocaina de Minas; e 3) a Vila de Maromba, integrada ao município de Itatiaia (GUIMARÃES, 2013, p.3).

A produção do queijo é artesanal, realizada pelos próprios integrantes dos núcleos familiares nas “fábricas”. As “fábricas” são os espaços pequenos dentro da propriedade familiar onde o leite é processado e transformado em queijo, manteiga e o soro.

---

<sup>20</sup> O termo “para o gasto” ou “para o uso” aparece com frequência na fala dos entrevistados e diz respeito a produção de alimentos que não tem finalidade de comercialização, mas são utilizados como fontes de subsistência familiar.

**Figura 11: uma “fábrica” de produção de queijo**



Fonte: Maria Eloiza Lopes Pinto (2019)

O turismo está ganhando destaque enquanto atividade geradora de renda para os moradores da região. Na categoria turismo inclui-se as atividades de serviços de condutores, manutenção das propriedades, transporte, limpeza e alimentação para turistas. Além destas, incluem-se as pousadas, que estão ampliando o número de hospedagem. Existem hoje duas pousadas em Serra Negra, da família da Maria da Silva e outra de José Rangel. As instalações são simples e o trabalho de limpeza, alimentação e manutenção da pousada é realizado pela própria família. Tanto Maria quanto José relataram que o número de hospedagem vem crescendo nos últimos anos, mas não souberam dizer ao certo o número de hóspedes que recebem anualmente.

Outra atividade importante para geração de renda da comunidade está relacionada aos trabalhos no PNI, como as atividades de caixas e recepcionistas de visitantes, o trabalho no “pré



fogo” que são brigadistas temporários de combate e prevenção à incêndios florestais e equipe de recuperação de áreas degradadas.

Empregos oferecidos pela Prefeitura de Itamonte também são apontados como atividades importantes para geração de renda da comunidade. Estes funcionários exercem as atividades de manutenção de estradas, transporte escolar e trabalho no posto de saúde local.

Esta pesquisa aponta que existe um processo de dinamização das atividades produtivas dos moradores de Serra Negra. O impacto da expansão do PNI, aumento das demandas turísticas e as transformações internas do bairro, como a chegada da internet, luz elétrica e abertura das estradas alterou os sistemas de geração de renda da comunidade. Nesses contextos, novas atividades foram desenvolvidas pelos moradores como a truticultura, apicultura e a construção e ampliação de pousadas e casas para hospedagem.

A comunidade tem um arranjo territorial com características da agricultura familiar, muito embora exista uma crescente combinação de trabalhos fora das propriedades, seja no setor agropecuário ou em outros setores econômicos, como a prestação de serviços ao PNI, transporte escolar, trabalhos na construção civil, entre outros. A organização produtiva da comunidade se estabelece nos núcleos familiares de forma comum dentro pequenos estabelecimentos agropecuários e produção para autoconsumo.

### **2.1.2 Dos Puris aos tropeiros: a história de ocupação de Serra Negra**

É importante apontar que ao traçar a história do desenvolvimento do município de Itamonte, a que pertence a comunidade de Serra Negra, não houve grandes dificuldades em encontrar dados numéricos e acontecimentos referentes ao passado próximo apesar da baixa bibliografia disponível. As dificuldades surgiram quando se tentou esboçar uma trajetória histórica sobre a ocupação do território das comunidades rurais existentes na região e a condição de vida desses habitantes. Convém notar que a história se constrói a partir do que está escrito em documentos oficiais e que estes registros são majoritariamente a respeito da vida das classes dominantes. Com a renovação da disciplina da História, do ponto de vista teórico e metodológico, promovido pela *Escola dos Annales*<sup>21</sup>, ganha destaque “a história vista de baixo”, ou seja projeta-se luz sobre a vida dos homens e mulheres das camadas dominadas.

---

<sup>21</sup> A Escola das Annales foi um movimento de perspectivas teóricas e metodológicas da disciplina da História, nascido na França no final da década de 1920. Esta nova corrente apostava na construção de novas abordagens e históricas, mais “abrangentes e totalizantes” (BURKE, 1991)



A história de ocupação e desenvolvimento socioeconômico da Serra da Mantiqueira e, portanto, de Serra Negra tem uma ligação muito próxima com a região do Vale do Paraíba. Essa relação se estabelece pela proximidade geográfica, mas também pela própria corrente de expansão que povoou o interior do Brasil, que influenciou diretamente no seu processo histórico e em sua cultura regional.

Os primeiros habitantes que ocuparam a região foram os índios Coroados, Puris, Cataguás (ou Cataguases) e de outras tribos. Segundo Lamego (1950), ainda em meados do século XVIII, no auge da mineração, toda bacia serrana do Rio Paraíba na zona mineira e na fluminense estava mergulhada na densa floresta. Tais tribos eram nômades e viviam de pesca e caça nas margens do Rio Paraíba do Sul ou na parte alta da Serra da Mantiqueira (BRASIL, 2011).

No século XVI, com o movimento das bandeiras, o território foi invadido por colonizadores e descendentes de paulistas que chegaram à região para capturar e escravizar os indígenas que habitavam a região. Com a descoberta e extração do ouro no século XVII, a região serviu como um canal de fluxo para escoamento dos metais de Minas Gerais para os portos de Angra dos Reis e Paraty. Nas margens dessas trilhas, pequenas ranchos de abastecimento e pouso para os tropeiros – responsáveis pelos transportes - foram se estabelecendo (BRASIL, 2011).

Desde os primeiros séculos da chegada dos colonizadores do Brasil a Serra da Mantiqueira passou a ter suas primeiras entradas por homens brancos, oriundas do Rio de Janeiro, em busca de riquezas minerais. No entanto, nenhuma dessas incursões promoveu o povoamento do território. Percorrer os caminhos da Serra da Mantiqueira era um esforço para poucos.

A região interiorana do município, particularmente onde se encontram os bairros de Fragária e Serra Negra, tem como característica o povoamento disperso em meio ao vasto território; entretanto, trata-se de uma área de antiga ocupação. Seu povoamento remonta ao século XVII, já que, pela região, passava o caminho das bandeiras que tinham as Minas Gerais como destino, subindo a Serra da Mantiqueira a partir da Garganta do Embaú, passavam pela área onde hoje se acham os municípios de Passa Quatro, Itanhandu e Pouso Alto, atravessando a pequena Serra do Papagaio, onde chegavam próximo ao local em que se encontra Fragária, daí seguindo pelas margens do Rio Aiuruoca, demandando o Arraial de Rio das Mortes, atual São João Del Rei (ALGATÃO, 2015)

Segundo relato dos moradores de Serra Negra, o Rio Aiuruoca também teve suas águas exploradas pelas atividades mineradoras. O rio teria sido garimpado por um padre jesuíta e



muitas lendas foram criadas pelos moradores a partir dessa exploração e são transmitidas de geração em geração até os dias atuais. Os relatos dos moradores trazem memórias e representações folclóricas sobre maldições que foram jogadas sobre a região por garimpeiros e barras de ouro protegidas por espíritos de escravos.

Aqui na casa do Wanderley tinha um padre jesuíta que garimpava ouro aqui. Então como era difícil comprar escravo na época ... assim que os mais velho contava aqui ... Ele espera os escravo que fugiam da Fazenda Paredão, ficava no alto ali no Couto, ele ia lá em pegava por dentro e trazia pra garimpar. Ainda tem ouro enterrado até hoje. Foi tirado muito ouro, tem muito ouro ainda enterrado porque os bandeirantes veio atrás deles, eles fugiu pra Visconde de Mauá que saía por aqui. Só que eles começaram a matar os negro e enterrar. Meu avô mesmo tirou ouro, naqueles potinho. Ainda tem o sinal até hoje. O potinho tá lá na fábrica, lá na Capivara. Potinho de um quilo. Então tinha o garimpo de ouro aqui. (Valderi Pena de Carvalho, pardo, 55 anos. Apicultor, ex carvoeiro, ex madeireiro e guia turístico do PNI)

A decadência da mineração – já no fim do século XVIII - fez com que houvesse uma desvalorização dos preços das terras da região, o que atraiu emigrantes de Minas Gerais que passaram a se dedicar em novas atividades econômicas ao longo da Serra da Mantiqueira. Começa a se desenvolver na região a criação de pecuária de leite extensiva, animais de carga e cultivo de milho, feijão e café. A partir do início do século XIX a região passa a servir de rota para o escoamento do café, que era transportado por tropeiros até o porto de Angra dos Reis.

A construção das estradas que hoje interligam as comunidades no interior da Serra da Mantiqueira foi efetivada pelos índios e, posteriormente, por tropeiros e vaqueiros, que desciam e subiam suas rotas transportando gado e gêneros diversos (RODRIGUES, 2003, p.5). Segundo o autor, a Serra só pode ser “conquistada” pela uniformização da mentalidade coletiva dos seus povoadores, inevitavelmente afetada pela monocultura do café (LAMEGO, 1950, p. 25). Devido à movimentação dos tropeiros a região ficou conhecida como um dos mais importantes entrepostos alfandegários e comerciais do sudeste do país (BRASIL, 2011). Observa-se, portanto, que a atividade tropeira teve uma importância significativa dentro dos ciclos econômicos, desde a ocupação do território até seu papel mercador com destaque regional.

Segundo Flores (1998), o tropeirismo é um fenômeno que ocorre em diversas partes do mundo, que aparece na época em que a principal maneira de enfrentar as distâncias, era através da tração dos animais. O sertão do Brasil, formado por planalto e vales, só podia ser percorrido pelas tropas de mulas, que inicialmente seguiam as antigas trilhas dos índios. A descoberta do ouro em Minas Gerais, no final do século XVII, proporcionou novas atividades econômicas ao



sistema colonial português. Os terrenos acidentados das regiões mineiras dificultaram o uso do carro de bois e carroça, restava, portanto, apenas o uso dos muares como cargueiros (FLORES, 1998).

O tropeirismo no Brasil assumiu variadas formas ao longo da história. No século XVII, a figura do tropeiro surgiu como elemento vital para a manutenção da economia colonial e, posteriormente, na economia do império. No século XVIII, a atividade tropeira foi indispensável para o ciclo do ouro e decisiva para consolidação da produção cafeeira. Inicialmente, eram considerados como tropeiros, os homens que comercializam animais equinos, atividade bem-sucedida e lucrativa que lhes deu reconhecimento social e político.

[...] o tropeiro foi um dos tipos humanos para o qual mais se abriram possibilidades de integração ao outro lado da sociedade. Especialmente o comércio de burros constituiu um importante canal de ascensão socioeconômica” (FRANCO, 1997, p. 72).

Depois do declínio da economia mineradora, a cultura do café exigiu o transporte das sacas por mulas, aumentando a procura desses animais. Segundo Aluísio de Almeida, a entrada do café pela serra da Mantiqueira, já no século XIX, fez crescer o movimento das tropas nessa região, transportando café para capital, ou para o rio Paraíba e, logo depois, às estações de ferrovias (ALMEIDA, 1981, p. 86). Quando as primeiras estradas de ferro vieram a ser construídas, o tropeirismo atingia seu apogeu.

O período do café foi, então, essencial para a dominação da terra pelo homem que começou a derrubar a floresta intacta e a adiantar-se pelos caminhos serranos. Com a economia do café, nasceram diversos núcleos agrários, novas estradas, vendas e pousos, capelas e paróquias. Enquanto isso as fileiras de tropa pelos caminhos foram articulando pontes sobre os rios, estreitando distâncias, impulsionando o comércio e multiplicando a comunicação.

A expansão das ferrovias e rodovias marcam o início do declínio da atividade tropeira, como observa-se em um relato de um viajante norte-americano ao Brasil, no final do século XIX: “as tropas de burros estão começando a desaparecer do litoral, desde os progressos modernos em ferrovias e linhas de diligência tornaram os transportes mais fáceis” (AGASSIZ, 1983, p. 72).

O desenvolvimento das estradas de rodagem colaborou para o declínio da atividade tropeira, mas não determinou o seu fim. O tropeirismo passou por diversas transformações ao longo dos ciclos econômicos brasileiros, como apontado anteriormente, e se adaptou à estas



transformações. As alterações técnicas, contingenciais e o saber-fazer se modificaram ao longo da história do tropeirismo e foram fundamentais para sobrevivência destes e de outros grupos sociais.

As entrevistas revelam que a história do tropeirismo se mistura à própria história da comunidade de Serra Negra na medida em que a ocupação do território e o desenvolvimento das suas atividades produtivas dependeram dos esforços realizados pelas tropas. A construção dos caminhos que interligam as comunidades rurais da Serra Mantiqueira são frutos do trabalho destes mercadores tropeiros, que cortavam a mata para transportar ouro, café, notícias e tantos outros itens. Ainda atualmente, a utilização do burro como cargueiro está presente no cotidiano das famílias de Serra Negra.

Nos dias de hoje, ainda, os moradores de Serra Negra têm como alternativa a utilização de transporte por meio das tropas de burro. Eles cortam a serra com sua tropa carregada com produtos da terra (principalmente o queijo parmesão artesanal), fazendo sua jornada para comercializar na região de Visconde de Mauá, distrito de Resende (RJ). O burro também é utilizado para garantir as atividades do roçado e do transporte dentro da própria comunidade.

**Figura 12: Burros utilizados para transporte por tropeiros em Visconde de Mauá**



Fonte: Maria Eloiza Lopes Pinto (2019)



Para Alгатão (2015), o “universo do tropeirismo” pode ser dividido no que se refere à temporalidade e contingência - “tropeirismo clássico” e “tropeirismo residual”. O “tropeirismo clássico” foi desempenhado até o final do século XIX, quando passaram a sofrer as consequências da disseminação das ferrovias. Já o “tropeirismo residual” se verifica no século XXI, não estabelece dependência, é típico de lugares afastados e atua em uma lógica de mercado diferente do tropeirismo clássico.

Seja no passado ou atualmente, a prática tropeira é parte da cultura de Serra Negra, pois esteve presente na gênese de ocupação do território e nos primeiros ciclos econômicos da região. Diante das transformações econômicas e sociais ao longo da história do país, o tropeirismo também se reconfigurou, por meio de seus elementos culturais, simbólicos e materiais, às novas demandas de geração de renda.

Esta atividade tropeira subsiste na contramão das novas formas de comercialização e transporte de mercadorias, reinventadas e modernizadas pela globalização e pelo desenvolvimento de novas tecnologias e logística. Essas novas formas de comércio, de modo geral, tendem, inevitavelmente, a extinguir ou tornar obsoletas as práticas tradicionais de grupos minoritários e, conseqüentemente, seus patrimônios culturais tradicionais. Ainda hoje, mesmo que de forma menos intensa, os tropeiros realizam intercâmbio dos produtos agrícolas e em vários aspectos da vida onde resistem. Portanto, o tropeirismo está vinculado aos diversos elementos que se relacionam com a construção da identidade cultural e desenvolvimento dos habitantes de Serra Negra.

Segundo os moradores, a área que compreende hoje Serra Negra foi marcada pela derrubada de árvores para produção madeireira e para carvoaria. As carvoarias, bem como a produção de gados, foram responsáveis por grande parte do processo de degradação das florestas existentes na região. Tais atividades geraram grandes impactos na paisagem e no modo de vida e o relato a seguir revela a intensidade com eram praticadas na região.

O povo trabalhava com madeira, aí veio os carvoeiro e acabaram com tudo. Aí foi melhorando, foi mudando o modo de sobrevivência. Aí nesses mato morava mais ou menos mais de mil pessoa ... família ... carvoeiro. Isso foi de 37 a 70 ... por aí 68/70. Isso aí eu ainda lembro da carvoagem.

Porque as araucária nas mata, era fechadinha por cima assim ... que a fábrica de fósforo de São Paulo comprou levou. Saiu muita madeira serrada também, mas o mais era pra fazer fósforo. Aí sobrou as candeia no topo dos morro que os candeeiros de São José dos Campos vieram e levou aí deixou cem por cento sem nada. Sem passarinho, sem bicho. Só respeitaram a área do parque lá em cima”. (Valderi Pena de Carvalho, 55 anos. Apicultor, ex carvoeiro, ex madeireiro e guia turístico do PNI)



A fala de Valderi revela as transformações da comunidade a partir dessas demandas do mercado externo à comunidade. Esse relato se repete em outras entrevistas e indica que houve mudanças, não só na paisagem – “[...] aí deixou cem por cento sem nada. Sem passarinho, sem bicho [...]” mas nas organizações produtivas da comunidade a partir de demandas capitalistas de larga escala da “fábrica de fósforo” e do “candeeiro de São José dos Campos” – “Aí foi melhorando, foi mudando o modo de sobrevivência”.

O pessoal aqui era muito pobre. Eu não sei como sobreviveram pra que nós tá aqui hoje ... e nós não tamo rico ... mas do jeito que nós tamo hoje aqui. Era muito difícil. Aqui tinha que se virá aqui. Fazia tudo aqui, desde o casamento, com filho, o casamento, o caixão, o enterro, fazia tudo aqui. Era sobrevivido daqui de dentro. Porque a cidade mais pequena que tinha era Resende e Queluz, mais perto que tinha só. E gastava três dia pra chegar lá. Itamonte não tinha, chamava São José do Alegre, distrito de lambari. Ali tinha lavoura de arroz naqueles canto (Valderi Pena de Carvalho, 55 anos. Apicultor, ex carvoeiro, ex madeireiro e guia turístico do PNI).

Tanto as carvoarias quanto as madeiras foram uma as principais atividades econômicas de Serra Negra da região, entre os anos de 1930 e 1970, como apontam os relatos das memórias. As memórias indicam que o trabalho na lavoura era muito precário e os moradores tinham pouco acesso aos recursos fora da comunidade devido à precariedade das estradas e empobrecimento da população. Dessa forma, o trabalho com a carvoagem e madeira era uma possibilidade de acesso a salários e recursos financeiros que não existia anteriormente. Essa nova realidade alterou a dinâmica de sobrevivência da comunidade, como veremos a seguir.

É, a carvoaria foi bem [marcante] aqui, que foi todos os cantos aqui né. Eles trabalhava com carvoaria né, madeira. Derrubava as árvores. Fazia muita madeira também. Madeira que eu falo é tábua, peça. Toda essas madeiras assim né. Fazia muita”. “Antes a gente fazia o roçado. O pai fazia lavoura e queimada e que agora não pode mais, mudou também. Eu levava dali lá, levava os litrão de leite. Eu tinha uns 9, 10 anos [...] A gente fazia empreitada para derrubar árvore para carvoaria. Meu pai levava milho, madeira aqui pra dentro”. (Gezuel, 69 anos, pardo. Tropeiro, trabalha na pousada da família e produz e vende queijos)

A fala de Gezuel também indica o transporte de leite, milho e madeira por meio de burro de carga, afirmando que atividade tropeira estava associada, em alguma medida com as outras atividades produtivas. No entanto, devido à expansão no PNI, diversas atividades



tradicionais de subsistência passaram a ser proibidas, gerando conflitos entre os moradores de Serra Negra e os órgãos responsáveis pela aplicação das normas da unidade de conservação.

O desenvolvimento da carvoaria e madeireiras transformaram a paisagem e o modo de vida em uma realidade diferente da anterior como visto nos relatos acima. A atividade ligada a lavoura e a pecuária passaram a ser combinadas com as demandas das empresas de origem urbana.

A fala de Gezuel aponta que apesar destas mudanças, os moradores da comunidade passaram a desenvolver relações de reciprocidade com a partir das “empreitadas”. Segundo os relatos, essas empreitadas eram os trabalhos exercidos coletivamente para derrubada de árvores e produção de carvão. Esses trabalhos coletivos acompanharam as dinâmicas econômicas da comunidade, na medida em que também estão presentes na lavoura, com a prática dos “multirões” e na criação do gado, ambos realizados coletivamente. Afirma-se, portanto, que a comunidade agrega ao trabalho e à atividade econômica suas práticas tradicionais de trabalho e vida.

“Aí esse mais velho foram acabando, foi reflorestando tudo, foi mudando o modo de sobrevivência ... largar esse negócio de trabalhar com madeira. Eu também fui serrador muito tempo, eu também fui madeireiro. Mas aí depois que chegou a estrada, chegou a luz em 86. Aí também o IBAMA começou a aparecer, foi mudando, mudando. Sempre era muita encrenca com as guarda ambientais essas coisa assim. Madeireiros e a polícia não combina nunca né? Até que mudou pra o turismo, daí acabou o desmatamento essas coisas assim”.  
(Valderi Pena de Carvalho, 55 anos. Apicultor, ex carvoeiro, ex madeireiro e guia turístico do PNI)

Por meio das entrevistas que realizei e de acordo com outros relatórios e diagnósticos realizados anteriormente a esta pesquisa, concluo que a comunidade da Serra Negra tem uma ligação expressiva com a terra que vive, pois é nela que eles trabalham e extraem a renda e os recursos necessários para a sobrevivência.

Este trabalho aponta para uma nova dinamização das atividades produtivas de Serra Negra associados ao modo de vida e saberes tradicionais. Os relatos de memória apontaram uma transformação dos modos de vida associados à chegada de empresas madeireiras de origem urbana, à expansão do PNI e o desenvolvimento turístico na região. A comunidade enfrentou uma série de transformações das suas atividades de geração de renda, que perpassa principalmente pela produção rural e atualmente a associação com outras atividades ligadas ao turismo e novos empreendimentos como a truticultura. No entanto, o trabalho sobre a terra não



deixa de ser crucial para a sobrevivência da comunidade seja em termos de sociabilidade, cultura ou renda e principalmente de onde mantém vivas suas práticas e saberes tradicionais.



### **3 O TRABALHO COMO DÁDIVA: NOVAS CONFIGURAÇÕES DOS ARRANJOS PRODUTIVOS EM SERRA NEGRA.**

Este capítulo pretende discutir as estratégias de geração de renda das populações locais da comunidade tradicional da Serra Negra. O que se discute neste capítulo são os outros contornos no campo do trabalho associado às perspectivas solidárias, sustentáveis, de atribuições e responsabilidades horizontais, que dizem respeito à valorização da diversidade cultural, em que se pesem as trocas multiculturais sobre as trocas econômicas. Nesse sentido são abordadas as concepções de trabalho relacionados à “dádiva” dessas trocas econômicas e multiculturais.

A produção, consumo e troca desses gêneros alimentícios nos dias atuais permitem uma discussão acerca das transformações no mundo do trabalho, na medida em que expõem as mudanças dos processos produtivos para sua elaboração em uma comunidade rural afetada pelo impacto da sobreposição do PNI sobre seu território e pela expansão do turismo sobre a região.

#### **3.1 Novos contornos no campo do trabalho: o trabalho como dádiva**

Entende-se como trabalho o conceito empregado por Marx e Engels onde apontam a atividade por meio da qual homens e mulheres transformam a natureza para produzir os meios para satisfazer suas necessidades. O trabalho enquanto elemento de transformação da natureza, implicaria a transformação dos meios físicos, mas também, dos próprios indivíduos e a sociedade. Dessa forma, as condições de sua produção são fundamentais para determinar sua existência social, ou seja, o trabalho é um elemento definidor dos indivíduos e da sociedade.

A maneira como os homens produzem seus meios de existência depende, antes de mais nada, da natureza dos meios de existência já encontrados e que eles precisam reproduzir. Não se deve considerar esse modo de produção sob esse único ponto de vista, ou seja, enquanto reprodução da existência física dos indivíduos. Ao contrário, ele representa, já, um modo determinado da atividade desses indivíduos, uma maneira determinada de manifestar sua vida, um modo de vida determinado. A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o que eles produzem quanto com a maneira como produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção (MARX; ENGELS, 1998, p. 11).

As necessidades dos grupos humanos têm caráter duplo: natural, ou seja, primário e orgânico, mas que vai se tornando mais complexo até se tornarem produtos da sociedade. Dessa forma, o equilíbrio entre a natureza das necessidades dos grupos humanos e os recursos



disponíveis para sua satisfação, definem suas características sociais. Da correlação entre necessidades e satisfação dão lugar aos aspectos culturais e determinam novos tipos de comportamento. Portanto, os meios de garantia de sobrevivência de um grupo são indissociáveis aos sistemas culturais, desenvolvidos pelos estímulos de suas necessidades primárias. Ressalta-se que esse processo de emergência de necessidades altera e multiplica, bem como os recursos de satisfação, de forma permanente (CANDIDO, 2010).

Observamos anteriormente as transformações do arranjo produtivo de Serra Negra ao longo dos anos. Desde a lavoura, passando pela pecuária e turismo, os modos de sobrevivência da comunidade são elaborados a partir de uma lógica particular. A manutenção da produção de leite pela comunidade ajuda a pensar as relações entre garantia de sobrevivência e os sistemas de saberes populares dos grupos. Observe:

Mas é só pra ... divertir sabe. Pra gente que tem a terra e ter a vaca, tem o leite, tem o queijo. Mas é por esse lado aí. Mas se você for contar bem, se a gente comprar o leite a gente gasta menos do que tá gastando agora. [...] E eu tenho um filho que casou agora pouco, ele que tá tocando o negócio das vaca sabe. Eu ajudo ele. [...]Ele já nasceu nisso né. Desde a idade de cinco anos ele ia junto com meu pai pro curral. Então ele gosta né. Isso é uma tradição né. Ele puxa aluno pra escola. Ele faz bico também, pra um e pra outro. (Tadeu José Fonseca, 66 anos, branco. Aposentado, truticultor, produz e vende leite e mel).

Apreendi com meu pai mesmo, coisa de família. Porque toda vida ele mexe com leite, com queijo, com sítio com essas coisa assim, então eu fui aprendendo com ele. E depois fomo desenvolvendo o que ia dando certo pra gente continuar (Lucemir Pena de Carvalho, 41 anos, branco. Produz leite e queijo).

A partir dessas duas falas observamos que a produção de leite e queijo faz parte do conjunto das práticas socioeconômicas da comunidade e está associada aos sistemas culturais na medida em que tais atividades estão ligadas à ancestralidade, afetividade e conexão ao passado. As falas indicam que não se trata de uma atividade produtiva com objetivos unicamente lucrativos visto que é valorizada pela comunidade em virtude de seus valores afetivos, equilibrando trabalho e lazer.

Se observarmos o conceito sobre trabalho na perspectiva da ruralidade, Brandão (1981) apresenta um conceito de forma simples. Para este autor, o trabalho envolve a prática econômica rural pela qual os produtores rurais produzem os bens de consumo. A relação entre homem e natureza é indissolúvel e diante das necessidades humanas esta relação, que podemos chamar de trabalho, é influenciada pelos modos de vida, que dinamizam os aspectos sociais e solidários dos grupos sociais (CANDIDO, 2010). O trabalho enquanto atividade humana utilizada para



obter os recursos necessários para a sobrevivência não está dissociado dos valores, comportamento e das práticas culturais.

O trabalho enquanto estrutura concreta das relações sociais é fundamental para preservação e reprodução do saber popular, pois as perdas e transformações da cultura de um povo não se deve apenas às questões simbólicas e representativas, mas também às estruturas construídas por meio da ação concreta dos indivíduos (BRANDÃO, 1983). Este saber-fazer, portanto, não se apresenta de forma amorfa, já que as comunidades rurais criam, recodificam e atualizam estes códigos por meio de suas próprias práticas, preservadas, segundo Brandão (1983), pela integridade e soberania de suas normas internas.

Ao estudar as questões que envolvem o trabalho do educador popular, Brandão (1983) medita sobre as dimensões sociais e simbólicas das trocas de saber popular em comunidades rurais. Segundo seus estudos, mesmo submetidos à extorsão cultural e ideológicas das estruturas dominantes, os sujeitos do campo “criam e recriam” códigos internos e particulares de seus modos vidas, saberes e fazeres. No entanto, esses códigos culturais não apenas representam e simulam, mas são estabelecidos a partir ação social. Essas ações sociais podem ser identificadas no modo como transmitem este saber-fazer tropeiro em cada geração, no trabalho que envolve a produção de suas mercadorias e na relação histórica com o território que ocupam.

As profundas transformações que estão afetando a sociedade contemporânea vêm afetando não só os campos da materialidade, mas também as relações subjetivas. Essas mudanças estão comprometendo o interior do mundo do trabalho. Desemprego estrutural, aumento do trabalho precário e a degradação ambiental são as consequências de uma sociedade pautada principalmente para o mercado e valorização do capital (ANTUNES, 1999, p.15).

Observemos a fala de Léo:

“Hoje em dia a gente percebe a transformação da comunidade pelo consumo. O cara trabalha para ter grana pra comprar celular [...] Houve uma urbanização da roça do ponto de vista dos valores. Antigamente tinha folia de réis e não tem mais. Agora tem carnaval. A televisão vai colonizando a mente das pessoas” (Léo Menck, 60 anos. Morador do bairro Serra Negra há 25 anos).

Esta fala é importante pois indica dois caminhos importantes de discussão. O primeiro ponto refere-se a inserção de valores considerados externos à comunidade, como o consumismo. O consumismo é uma prática fundamental para garantia do sistema capitalista, na medida em que este sistema econômico sobrevive pela produção em larga escala de bens de consumo. O consumismo enquanto prática comportamental atuaria como um novo elemento que antes não



estava presente, mas que agora traz consequências consideradas perigosas para a dinâmica da comunidade. Outro tocante importante colocado pelo entrevistado, diz respeito à forma como estes valores são introduzidos. A televisão se apresenta como uma ferramenta importante, na medida em que facilita a introdução desses valores externos na comunidade. A urbanização não precisa chegar na comunidade de forma direta para que seus efeitos possam ser sentidos e seus valores corroborados pela comunidade rural. As dinâmicas culturais do lugar são afetadas sem que de fato as transformações materiais precisem acontecer.

Ao estudar os modos de vida dos caipiras, sobretudo aos processos de reforma de suas condições de vida, Candido (2010) revela as transformações provocadas pelas transformações sociais. Os dados recolhidos pelo autor “envelheceram” e a situação local também se alterou em função da valorização do latifúndio enquanto realidade econômica e social em detrimento da pequena propriedade e do sistema comunitário e coletivo. Esse processo de alteração de uma realidade humana foi recorrente ao fenômeno de urbanização no estado de São Paulo, configurando uma decomposição da vida caipira e degradação do trabalho rural (CANDIDO, 2010, p.13).

Os processos produtivos capitalistas são responsáveis por um fenômeno uniformizador social, cultural, econômico e político, promovidos pelos países centrais aos países periféricos.<sup>22</sup> As pesquisas de Candido (2010) foram mostrando que as transformações das modalidades observadas em diversos lugares e em tempos diferentes estavam ligadas às mudanças na sociedade. Observe a seguir:

As modalidades antigas se caracterizavam pela estrutura mais simples, a rusticidade dos recursos estéticos, o cunho coletivo da invenção, a obediência a certas normas religiosas. As atuais manifestavam individualismo e secularização crescentes, desaparecendo inclusive o elemento coreográfico socializador, para ficar o desafio na sua pureza de confronto pessoal (CANDIDO, 2010, p.11)

Percebe-se que as sociedades rurais caipiras estudadas pelo autor abandonaram um modelo organizativo baseado na reciprocidade e parceria, e passaram a se manifestar de forma individual. As falas dos entrevistados indicaram uma prática de trabalho coletivo comum em Serra Nega, mas que chegou ao fim. O fim deste modelo de trabalho denominado “mutirão” ilustra tal transformação apontada por Candido. Observe:

Eles marcava um dia. Sempre eles gostava muito de fazer num sábado esses mutirão ... antigamente. Aquelas roça grande né ... muito milho pra limpar.

---

<sup>22</sup> Ver DOWBOR (2001); BANDEIRA (1999).



Então fazia aquele mutirão. Aí chamava todo mundo da região. Falava pra um, pra outro [inaudível]. Todo mundo espalhava. Aí chegava no dia, aí juntava. As roça era muito grande, aí juntava aquele povão todo ali. As cozinha era bastante também pra cozinhar pro pessoal. Ali vinha 20, 30 pessoas pra aquele mutirão. Acho que até 40, 35 pessoas, capinando. Quando ia fazer, por exemplo, um caminho, fazia isso também. Juntava ... fazia mutirão também pra passar as tropa. Aí juntava todo fazendo também (Gezuel, 69 anos, pardo. Tropeiro, trabalha na pousada da família e produz e vende queijos).

Os mutirões representaram um traço cultural muito peculiar para reprodução do modo de vida em Serra Negra. Tal prática relaciona trabalho e lazer de forma não mercantil, ou seja, que não pretende a ascensão do padrão de vida ou acelerar a execução do trabalho, mas garantir uma vida social autônoma estabelecida no interior de seu sistema tradicional de produção. Contudo, segundo os relatos das entrevistas, essa prática foi se acabando na medida em que se alteraram as atividades econômicas da região e a população passou a enfrentar fluxos migratórios para as cidades. Com o desenvolvimento do turismo, os moradores começaram a se dedicar à práticas de geração de renda ligadas a este setor alterando seu processo produtivo de geração de renda.

Tal deslocamento provocou transformações tanto de perspectivas econômicas quanto culturais. A comunidade da Serra Negra não é inerte às transformações do mundo, muito embora alguns elementos perduram ao longo do tempo (como a produção leiteira e o arranjo econômico em pequenas propriedades), no entanto as transformações também estão aparentes, principalmente na perspectiva dos valores. Desde a plantação na lavoura, onde era produzida o milho, abóbora e que deixou de ser produzido, a folia de reis que acabou e, também, os mutirões que eram comuns e uma forma da comunidade interagir, conviver, trocar, trabalhar e celebrar.

A individualidade, a competição e a concorrência passaram a ser condição fundamental para o crescimento econômico e para o desenvolvimento padronizador da sociedade contemporânea. Para enfrentar essas homogeneizações socioculturais, políticas e econômicas, iniciativas populares de fortalecimento de outras formas de desenvolvimento baseadas na cooperação, confiança, sustentabilidade e relações de pertencimento são potencializadas enquanto forma de resistência essenciais para sua sobrevivência.

É necessário construir uma nova lógica de trabalho e desenvolvimento, pautadas na vida e não na destruição. A disputa sobre os sentidos de desenvolvimento, trabalho tem capacidade de potencializar outras plataformas de economia, com outras formas comercialização, trocas e produção. Amplia-se a possibilidade de fortalecimento da capacidade produtiva de grupos sociais excluídos do mercado econômico convencional e global, a partir de uma afirmação



coletiva dos saberes populares e comunitários. Não se trata de incluir sujeitos amorfos e homogêneos, mas pessoas diversas, que nunca tiveram acesso ao trabalho dentro da lógica da economia capitalista.

A construção de políticas públicas quando pautadas a partir das condições culturais, sociais com participação da comunidade na criação e execução, criam condições necessárias para inclusão de moradores e geração de renda com os recursos naturais disponíveis de maneira equilibrada ao meio ambiente. Alguns projetos tem se apoiado nessas características aqui no Brasil, como é o caso do uso da terra na bacia hidrográfica do Rio Salobra, Mato Grosso do Sul; a instalação de empresas de atividades de lazer e turismo a partir das características técnicas e socioambientais na barragem Piracuruca, Piauí; a avaliação técnico-econômica da implantação de unidades de extração de óleos vegetais a fim de possibilitar a inserção da agricultura familiar na cadeia de produção do biodiesel ; e o uso do coco de babaçu como potencial fonte de energia para a matriz energética (SOUZA, 2015).

O sistema econômico capitalista se coloca como forma lógica e única, de progresso infinito. O que está em questão é o pressuposto de que a única forma de viver válida é a forma que determina um crescimento econômico progressivo. Mas a prática de experiências de vida como acontece na comunidade da Serra Negra revelam que mesmo diante de um quadro mundial de hegemonização dos valores do capitalismo, o cotidiano de vida dessas pessoas apresenta uma de lógica coletiva, da troca e de solidariedade.

Há que se ter outras formas de organização da vida econômica, política, social, simbólica, ética, moral e cultural de inserções, conscientes ou não, as quais devem privilegiar processos de reelaboração de estruturas cognitivas que incorporem as diferenças, sem colonialismos, autoritarismos, conservadorismos, imposições de modelos ou modelizações (PIMENTA; et al, p. 25).

Existem outras racionalidades sobre o trabalho, no qual se incorporam por meio das práticas do cotidiano, no ser, no viver, no sentir, no saber e no fazer, e que são capazes de gerar desenvolvimento e assegurar trabalho digno. Ou seja, o trabalho associado às relações culturais de onde é possível convergir as questões ligadas às “subjetividades, sociabilidades e solidariedades” O trabalho aparece aqui como prática em que se possibilita a construção e apropriação dos bens simbólicos e identitários (PIMENTA; MELLO, 2014).



### 3.2 Trabalho e Territorialidade

Para Wolf (1970) as sociedades rurais têm papel fundamental na história de desenvolvimento tanto da sociedade industrial no século XVIII, quanto nas sociedades ditas “subdesenvolvidas” do mundo contemporâneo. Perceba o trecho a seguir sobre as sociedades do campo:

Elas têm uma importância histórica, porque a sociedade industrial alicerçou-se sobre as ruínas da sociedade camponesa. Mas apresentam também uma importância atual porque habitam a parte “subdesenvolvida” do mundo, onde sua longa permanência constitui, ao mesmo tempo, um desafio e uma responsabilidade para os países que já livraram dos grilhões do atraso (WOLF, 1970, p. 9).

Sobre este aspecto, destaca-se a análise crítica feita pelo autor a respeito dos conceitos que envolvem a questão do Desenvolvimento. Segundo Wolf é um equívoco pensar nas habilidades industriais e no capital como antídoto para superar os problemas enfrentados pelos países “subdesenvolvidos”. A dicotomia criada entre as populações “tradicionais” *versus* populações “modernas”, além de não explicar por que as populações camponesas resistem, não permite perceber que as populações camponesas possuem formas singulares de organização e também sofrem transformações ao longo do tempo e do contexto a que estão inseridas. Nesse sentido o autor busca compreender as causas da persistência e das mudanças entre as populações camponesas no mundo, seja pelos critérios externos quanto endógenos.

Por serem sujeitos do campo, o trabalho e as práticas culturais dos moradores de Serra Negra estão comprometidos com o território em que vivem, ou seja, em relação com a natureza, de onde inovam, buscam recursos, produzem e se sociabilizam. As atividades produtivas da comunidade de Serra Negra inserem-se, portanto, fora da lógica capital *versus* trabalho, na medida em que apresentam nos seus saberes e fazeres, adquiridos ao longo tempo, e no trabalho uma relação de reciprocidade com o território – ou a natureza. Essas atividades estão associadas a uma forma de produção que se coloca como alternativa à produção industrial da empresa capitalista na medida em que propõem uma nova racionalidade trabalho *versus* território.

[...] a condição camponesa de forma mais ampla, se refere ao ator social do mundo do mundo contemporâneo, é o agricultor firmado na terra, produto direto dos seus meios de vida, e que está no controle dos meios de produção e dos instrumentos de trabalho. Tem o domínio do saber-fazer, adquirido ao longo da vida, sobre o próprio ato produtivo e sobre as condições imediatas, naturais e sociais de sua realização (NETO; BERGAMASCO, 2017).



Os sistemas de trabalho de Serra Negra se colocam como alternativa ao modelo produtivo industrial das empresas capitalistas no campo. Os moradores locais organizam suas atividades produtivas a partir da gestão de sua produção leiteira, na produção do queijo, dos doces, na manutenção das casas e no cuidado com as plantas. Ainda que de forma individual, essas atividades são realizadas no esforço da dedicação e da afetividade.

A garantia de trabalho em Serra Negra está profundamente relacionada com a manutenção de seu território e os seus saberes tradicionais de subsistência constituem uma fonte de inovação, tanto em perspectivas de geração de renda quanto em perspectivas culturais. Trabalho e território aparecem em uma condição indissolúvel, na medida em que o espaço que ocupam só pode ser transformado em recurso a partir de organização e controle para extrair e distribuir.

Ao estudar o processo de uso e ocupação fundiária dos povos tradicionais no Brasil, Little (2002) aponta que a questão sobre o território vai além da questão de redistribuição de terra e passa a remeter a problemática entrada nos processos de ocupação e afirmação territorial dentro do marco legal do Estado, as políticas de ordenamento e reconhecimento do território. Little trata da diversidade de conjunto de grupos humanos por meio da perspectiva do uso e ocupação da terra por uma perspectiva antropológica da territorialidade. (LITTLE, 2002, p 252).

Esse novo olhar analítico ou a renovação da teoria da territorialidade na antropologia parte de um enfoque que entende que o princípio territorial é parte complementar de todos os grupos humanos. O autor define territorialidade como o valor coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, transformar assim em seu “território”. Para Little, os códigos de territorialidade de um grupo social é um produto histórico, social e político. É necessário, portanto, uma contextualização histórica que trate do contexto específico a ser estudado (LITTLE, 2002, p. 254).

Woortmann (2018) aproxima-se da “ética camponesa”, que conduz uma ordem moral – forma de perceber as relações que os homens estabelecem entre si e a terra onde vivem -, a partir de uma etnografia brasileira do campesinato. A intenção do autor é compreender a ideia de uma sociedade camponesa, mais do que suas lógicas de reprodução. O autor busca compreender o camponês a partir de suas subjetividades. Dessa forma, ele compreende a terra não como um objeto de seu trabalho ou uma mercadoria, mas como uma expressão de seus valores morais, algo representativo dentro de seu contexto ético. A terra passa a ser compreendida como um patrimônio familiar e a família enquanto valor. O território é compreendido pelo autor por meio



de seus valores sociais, não da relação do valor-trabalho, mas do trabalho enquanto valor ético (WOORTMANN, 2018, p. 12).

As atividades produtivas de Serra Negra são organizadas dentro de unidades domésticas, por meio de relações de reciprocidade e redistribuição. O trabalho doméstico de reprodução dessas atividades é elementar para existência desses sujeitos material e subjetiva. Para esses grupos essas unidades domésticas garantem uma força produtiva importante, cujo objetivo é viver melhor. Dessa forma, as práticas de uma economia pautada em aspectos mais coletivos e comunitários aparecem como parte integrante dessa organização produtiva e são fundamentais para sua reprodução cultural e para a promoção do desenvolvimento de base local.

Parte-se da perspectiva que é necessário pensar a organização produtiva de Serra Negra, como alternativa ao modelo de mercado capitalista global. Observa-se que os saberes tradicionais da comunidade são narrativas que se deslocam do modelo hegemônico e extrapolam a perspectiva puramente econômica, pois também são capazes de integrar a dimensão simbólica e cultural dos saberes e fazeres.

Em *O ensaio sobre a dádiva*, Marcel Mauss (2003) relaciona uma série de pesquisas em tribos e clãs e comunidades ditas “arcaicas”. Neste trabalho o autor busca empreender sobre as características comuns que regula os diversos sistemas de prestações econômicas e o princípio comum que organiza essas trocas. O autor investiga os diversos princípios que deram esse aspecto a uma forma necessária de troca – referente à divisão social do trabalho.

Ao se propor à descobrir a natureza das transações humanas, Mauss descreve os fenômenos de troca e de contrato das sociedades que são, segundo suas análises, não privadas de mercados econômicos como se afirmou. O mercado, segundo o autor é um fenômeno humano, que não é alheio a nenhuma sociedade conhecida, no entanto, seu sistema de troca é diferente, bem como sua moeda e seu contrato econômico. Ele sugere uma superação da perspectiva meramente economicista.

Seus estudos sobre clãs e comunidades arcaicas indicaram o quanto a economia da troca ou da dádiva estava longe de inserir-se nos quadros da economia supostamente natural, utilitarista. As relações econômicas das sociedades estão imbricadas de valores morais. As diversas atividades econômicas exercidas pelos grupos sociais, como por exemplo o mercado, ainda estão impregnadas simbologias, conservam um caráter cerimonial, obrigatório e eficaz.

Segundo ele, existem diversos valores morais e econômicos que regem essas transações, que acontecem de forma constante, que não está manifestado, mas implícito. A partir



desses elementos múltiplos e complexos, Mauss busca desvendar o caráter voluntário, aparentemente livre e gratuito. No entanto ao longo de sua pesquisa, o autor revela que esses gestos estão imbricados de obrigação e interesse econômico. Segundo o autor essas trocas não são feitas de forma voluntárias, mas são obrigatórias: a obrigação de dar, receber e retribuir. O autor revela que a sociedade é composta de uma série de prestações totais que envolvem todo o sistema das instituições sociais, constituídas pelas instituições jurídicas, econômicas, religiosas ou estéticas.

Observou-se que a comunidade tem um sistema de troca complexo e singular e que só pôde ser observado ao longo dos dias por meio da observação. As trocas são normalmente exercidas entre os parentes e entre mulheres, que raramente são realizadas com os moradores “de fora”, mas é uma rede de distribuição que ocorre fundamentalmente entre os moradores locais da comunidade. Nem todos os produtos são trocados, alguns são dados, outros vendidos e alguns trocados, e a definição de cada um é organizada a partir de critérios que estão relacionadas ao excesso e desperdício da produção em conjunto aos valores de afetividade atribuída ao produto que será trocado.

Os produtos distribuídos são geralmente as hortaliças, que são produzidas para o consumo da família e que dependendo da época do ano são produzidas em excesso e distribuídas entre os parentes. É caso da alface que Meiriele levou até a casa de Sueli, pois segundo ela, estavam estragando na horta. Também observei que Dirce distribuiu para a parentes e vizinhos as abóboras que também haviam sido produzidas excesso e que mesmo distribuindo entre parentes, vizinhos e até familiares da cidade, ainda havia algumas espalhadas pela varanda da casa.

Os produtos trocados são aqueles que passam por algum tipo de beneficiamento e são produzidos para serem vendidos aos turistas, como é o caso da truta produzida por Heloísa e o queijo de Sueli. As duas são cunhadas, vizinhas e costumam trocar esses dois itens entre elas com certa frequência, muito embora a troca não seja feita na mesma hora e os produtos são entregues na medida em que alguma delas estejam precisando. O mel e os ovos são produtos que não são dados e nem trocados, somente se guardam, ou seja, são usados para o consumo da família, ou se vende, seja para os parentes ou para os turistas.

Supõem-se formas particulares da produção e consumo, ou melhor, da distribuição e fornecimento, bem como dos fenômenos estéticos que insurgem desses fatores. Para cada produto elas estabelecem um grau de importância e um valor muito singular que está atrelado a



relação de escassez e excesso, como é o caso das hortaliças, mas também um valor estético como é o caso dos produtos beneficiados. Observa-se que nem tudo é classificado exclusivamente pelos critérios de compra e venda. Ou seja, as relações de troca carregam consigo uma dimensão subjetiva e moral nas coisas, atribuindo sentido às relações sociais que se estabelecem.

Observe a fala a seguir a fala da entrevistada Natália:

Aqui se produz mel, leite, manteiga, queijo, truta e não precisa comprar. Algumas coisas eu compro dos vizinhos, outras eu ganho [...] Aqui tudo é mais gostoso. O gosto, o sabor é melhor, é orgânico. A manteiga da minha mãe é a melhor do mundo. Pode ter outras que sejam boas, eu já comi outras, mas a da minha mãe, o gosto, não tem melhor que a manteiga dela. (Natália da Fonseca Pena dos Santos, 26 anos, branca. Professora da escola primária de Serra Negra)

A atribuição de valor afetivo aos produtos da região só é possível quando ela entende o lugar que ela está, portanto, a noção de pertencimento e autonomia contribui para a compreensão que ela tem sobre sua qualidade de vida. Este reconhecimento do lugar e essa noção de pertencimento de autonomia em relação a utilização da terra lhe dá os recursos necessários para viver. No entanto, não se trata apenas de viver no sentido biológico, mas viver bem, com qualidade. Esta noção de viver com qualidade perpassa pela possibilidade de obter recursos por meio do seu trabalho na terra.

As transformações da Serra Negra não acontecem numa relação de causa e efeito. Ou seja, não se trata de uma visão simplista em que a comunidade é afetada pelos valores “de fora” e acaba perdendo seus costumes e práticas sociais. As mudanças na comunidade acontecem diante da construção de novas relações das pessoas com o ambiente e entre elas mesmas. Os gestos de cada sujeito são expressões de uma forma de vida que tem um sentido, uma ordem. Esses sentidos, embora modificados pela dinâmica externa, ainda são carregados naquilo que histórico, cultural e socialmente a própria comunidade criou suas bases, por meio dos valores comunitários, solidários e coletivos. O resultado do trabalho de cada sujeito da comunidade não apresenta apenas implicações materiais, mas está repleto de adorno metafísicos, simbólicos.

A maioria dos moradores de Serra Negra trabalham em suas próprias propriedades e/ou como diaristas em outras propriedades. Esta atividade tem um papel importante na geração de renda e da manutenção das unidades produtivas presentes na comunidade. O sistema de diárias é um modelo comum de organização do trabalho em Serra Negra praticado por quase toda a



comunidade e consiste em trocas de serviços e trabalhos agrícolas entre os moradores como o roçado de pasto, o conserto de cercas e construção civil.

Diante das abordagens colocadas é possível afirmar uma transformação dos arranjos produtivos em Serra Negra construídos por meio da transformação dos recursos disponíveis associados aos sistemas culturais construídos ao longo da história. A interação entre tradição e o território que ocupam permite que a comunidade construa novas estratégias de geração de renda, tecnologias e trabalho associadas às práticas culturais e a manutenção de seus modos de vida tradicionais.

A organização do trabalho em Serra Negra está pautada por um sistema de valores que foram desenvolvidos a partir das experiências coletivas da comunidade, caracterizando sua diversidade cultural. Tal diversidade tem potencial para geração de riqueza na medida em que confirma o desenvolvimento humano, econômico e a criação de novas tecnologias como será observado no próximo capítulo.



#### **4 DO DESENVOLVIMENTO ECONOMICISTA AO DESENVOLVIMENTO LOCAL**

A proposta deste capítulo é promover uma discussão teórica acerca das dimensões sobre desenvolvimento. Incorpora-se às disputas por disposições de desenvolvimento pautadas pela responsabilidade social, criação de postos de trabalho, geração de renda, valorização dos saberes populares e sustentabilidade. A inserção de setores populares à dinâmica de produção e comercialização de bens de consumo pode ser uma saída para tornar as diferenças menos desiguais. A experiência vivida em Serra Negra tem potencial de contribuir para esta discussão na medida em que os atores da comunidade constroem perspectivas sobre bem estar e qualidade de vida dissociadas da interferência exclusiva de demandas econômicas e mercadológicas.

O argumento teórico dessa proposta segue uma linha de pensamento que partirá da construção dos principais conceitos, como geração de renda, saberes populares e sustentabilidade. Após definição destes conceitos, autores como Furtado (1974) e Arrighi (1998) contribuem para a crítica ao modelo de desenvolvimento economicista. Posterior a esta crítica, as investigações de Sachs (2002; 2005) e Dowbor (2008) ajudam a pensar novas alternativas ao modelo economicista, que sejam capazes de conectar os saberes endógenos dos grupos sociais como motor para o desenvolvimento.

A Organização Mundial do Trabalho (OIT), define geração de renda como a criação de força de trabalho que gerará renda ao trabalhador. Segundo a OIT, iniciativas de promoção de geração de renda são uma das formas mais eficazes de reduzir o desemprego, combater a pobreza, violência, aumentar a produtividade, qualidade e competitividade. Para alcançar tal objetivo, o trabalhador é capacitado a atender as necessidades do mercado de trabalho a partir de suas próprias características, ou seja, valoriza-se os saberes construídos a partir das experiências empíricas dos trabalhadores.

O Brasil possui característica que devido sua história é marcada pela diversidade de crenças, culturas e expressões. Essas particularidades precisam ser consideradas no processo de criação da força de trabalho para geração de renda, na medida em que trabalhadoras e trabalhadores carregam consigo conhecimentos próprios adquiridos por meio de sua vivência. São saberes populares que se manifestam a partir de conhecimentos empiricamente obtidos de ervas, culinárias, rezas, artesanatos e afins, que constituem as práticas culturais de determinados grupos sociais.



Considera-se os saberes populares como todo conhecimento produzido por pequenos grupos, como famílias e comunidades, estabelecidos empiricamente ou por meio de crenças e superstições, e são transmitidos naturalmente através da oralidade e dos gestos (XAVIER, FLÔR, 2015). Tais conhecimentos desafiam os modelos hegemônicos de produção na medida em que são transmitidos e validados solidariamente com a vivência dos indivíduos envolvidos, e que estão “à margem das instituições formais” (LOPES, 1999, p. 152). No entanto, cabe discutir em que medida tais conhecimentos e principalmente as diversas formas de expressões culturais estão presentes em um projeto de desenvolvimento.

O planejamento do desenvolvimento inclui a valorização desta diversidade cultural dos processos de modernização e de sistemas agrícolas integrados, visando mudanças que levem em consideração a continuidade cultural endógenas da comunidade e que traduzam um conjunto de soluções para o lugar a partir do equilíbrio ambiental (SACHS, 1993).

Esta perspectiva sustentável sobre o desenvolvimento requer, primeiramente, o fim da pobreza e das privações. Em segundo, o desenvolvimento sustentável deve garantir a permanência e implementação de recursos que garantem o fim da pobreza. Terceiro, necessita a ampliação do conceito de desenvolvimento que acrescente, além do crescimento econômico, o desenvolvimento social e cultural. E por último, necessita que as decisões econômicas e ambientais sejam construídas coletivamente (GINTHER, 1995). Desafiando os modelos cartesianos, engendrados pelo positivismo no século XIX, é possível construir modelos de desenvolvimento sustentáveis a partir da preservação dos recursos naturais, do equilíbrio da ocupação populacional e despertar a consciência de preservação da natureza levando em consideração os modos de viver dos grupos sociais.

Sobre a luz da diversidade, Barros (2008) contribui para narrativas conceituais da complexidade das dinâmicas culturais para construção de projetos de desenvolvimento. A partir do pensamento complexo, o autor reconhece que a ótica da relação entre cultura, diversidade e desenvolvimento não são paralelas, imediatas e naturais, mas devem ser compreendidas de maneira crítica e suas relações compreendidas de diferentes contextos históricos e políticos.

As disputas inscritas no sistema de acumulação capitalista e estimuladas pelas condições tecnológicas e informacionais da sociedade contemporânea, norteiam o poder público a perpetuar a hegemonia do modo de produção capitalista e a acatar as tendências de desenvolvimento da sociedade por meio de políticas públicas de geração de renda (PIMENTA; MELLO, 2014).



A crítica perpassa pela análise de Celso Furtado (1974), acerca das origens do subdesenvolvimento e dos perigos que o desenvolvimento, de cunho economicista e mercadológico, traz para dinâmica social, cultural e ambiental<sup>23</sup>. Ao observar o quadro estrutural do modo de produção capitalista internacional, percebe-se que a acumulação de capital aumenta a desigualdade entre os países de “centro” – responsáveis pela implantação do sistema de divisão internacional de trabalho - e os países “periféricos”. O desenvolvimento econômico – no sentido similar às economias do “centro” do sistema capitalista – é irrealizável se for generalizado, pois levaria a um colapso de ordem física e ambiental. Essa ideia tem sido de grande utilidade para dominação dos povos dos países periféricos, para legitimar a destruição de culturas tradicionais e a destruição da biosfera (FURTADO, 1974).

Parte-se da construção da ideia de desenvolvimento, sobretudo no que se refere à trajetória do pensamento hegemônica sobre desenvolvimento, que pautam as decisões políticas. Segundo Pimenta (2014) a construção do conceito de desenvolvimento esteve atrelada a pensamentos vinculados ao campo da meritocracia, competição econômica e teorias do planejamento. A proposta do autor caminha no sentido de explicar a trajetória do pensamento hegemônico sobre desenvolvimento e dessa forma alcançar os elementos de oposição destas tendências majoritárias e economicistas. Parte de dois argumentos teóricos centrais para construção do seu trabalho: as dimensões históricas da construção da ideia sobre desenvolvimento e o refinamento do conceito compreendido por meio de seus limites e tendências. Observe:

[A crítica perpassa pela análise de Celso Furtado (1974), acerca das origens do subdesenvolvimento e dos perigos que o desenvolvimento, de cunho economicista e mercadológico, traz para dinâmica social, cultural e ambiental<sup>24</sup>. Ao observar o quadro estrutural do modo de produção capitalista internacional, percebe-se que a acumulação de capital aumenta a desigualdade entre os países de “centro” – responsáveis pela implantação do sistema de divisão internacional de trabalho - e os países “periféricos”. O desenvolvimento econômico – no sentido similar às economias do “centro” do sistema capitalista – é irrealizável se for generalizado, pois levaria a um colapso de ordem física e ambiental. Essa ideia tem sido de grande utilidade para dominação dos povos dos países periféricos, para legitimar a destruição de culturas tradicionais e a destruição da biosfera (FURTADO, 1974).

---

<sup>23</sup> De acordo com essa perspectiva, “o parâmetro para medir o subdesenvolvimento é o grau de acumulação de capitais aplicados aos processos produtivos e o grau de acesso ao arsenal de bens finais” (FURTADO, 1974, p.14).

<sup>24</sup> De acordo com essa perspectiva, “o parâmetro para medir o subdesenvolvimento é o grau de acumulação de capitais aplicados aos processos produtivos e o grau de acesso ao arsenal de bens finais” (FURTADO, 1974, p.14).



Compreende-se que a construção da ideia de desenvolvimento se pautou na lógica do “progresso”, da “evolução”, dos modelos econômicos competitivos e do mundo industrial e urbano. Segundo Pimenta (2014), as consequências diretas do desenvolvimento economicista e centralizado, limitado pela equação capital versus trabalho, teve resultados drásticos, como desigualdades, exclusão e desemprego.

A noção de desenvolvimento deve estar pautada por questões sociais, culturais, humanas e ambientais, que supere as contradições promovidas pelo modo de produção capitalista, sugere a criação de novas metodologias analíticas e pesquisas que avaliem o desenvolvimento pautado pela melhoria da qualidade de vida dos sujeitos e sua integração na sociedade.

O pressuposto da discussão é o entendimento do tema “desenvolvimento” no plural: desenvolvimentos; em amplitude, para além do econômico. Contudo, não se deslocam os processos políticos dos econômicos, de Estado, de mercado, do social, da sobrevivência da espécie humana, enquanto políticas de organização societária (PIMENTA, 2014, p.46).

A proposta de pensar o desenvolvimento através das perspectivas de cunho social, cultural e ambiental ganham relevância, diante do contexto de abertura econômica e novas dinâmicas de produção. Essas novas estruturações exigem mudanças, demandas, e soluções complexas, dificilmente compreendidas por meio de uma só ótica. Para Pimenta a articulação das pessoas e de grupos sociais é fundamental para construção de novas categorias de desenvolvimento, equidade e sustentabilidade. Segundo o autor, o papel das instituições é fundamental pois não há como desvincular o papel do Estado na construção do desenvolvimento

Os estudos de Arrighi (1998) contribuem para a construção desta análise, no que tange a compreensão da posição dos Estados na composição do sistema mundial capitalista. O autor parte da existência de um “núcleo orgânicos” hegemônico político e economicamente, de uma “semiperiferia” que se industrializa e se desenvolve de forma menos acentuada, e de uma “periferia” que necessita existir para drenar as riquezas para acumulação do “núcleo orgânico”. Para o autor, a característica fundamental da economia capitalista mundial é a recompensa desigual por esforços humanos iguais e oportunidades desiguais de uso de recursos escassos. (ARRIGHI, 1998).

A reflexão, pensada por intermédio das elaborações de Arrighi (1998) e Furtado (1974), conduz para a ideia de que o desenvolvimento visa a competição, a concorrência e o lucro a qualquer preço é uma ilusão, visto que nem todos os países conseguem transpor as distâncias



entre as riquezas. As contradições da perspectiva economicista sobre desenvolvimento foram apresentadas nos trabalhos dos autores citados.

Para estes, o desenvolvimento é uma “ilusão” ou um “mito”, já que parece ser impossível que todos os países que compõem a dinâmica do modo de produção capitalista possam alcançar de forma uniforme e universal as vantagens deste desenvolvimento econômico, construído pelo modo de produção industrial e tecnológico, como foi discutido anteriormente. Portanto, segundo estes autores, o desenvolvimento torna-se inalcançável e utópico.

Diante deste quadro, alguns autores apontam alternativas ao modelo de Desenvolvimento de ordem exclusivamente econômica. Nesse sentido, trabalhos como de Sachs (2002; 2005) e Dowbor (2008) contribuem para investigar quais os caminhos possíveis para alcançarmos um modelo de desenvolvimento pautado em estratégias mais humanas, sociais e ambientalmente sustentáveis. Ao estudar o aproveitamento dos recursos da natureza, Sachs (2002) alerta que toda atividade econômica é dependente do ambiente natural, sendo possível aproveitar os recursos que a biosfera oferece sem prejudicá-la.

A conservação da biodiversidade deve estar em harmonia com as necessidades dos povos locais. Observe:

[...] o objetivo geral deveria ser o do estabelecimento de um aproveitamento racional e ecologicamente sustentável da natureza em benefício das populações locais, levando-as a incorporar a preocupação com a conservação da biodiversidade aos seus próprios interesses” (SACHS, 2002, p. 53).

A construção de uma alternativa ao projeto de desenvolvimento economicista emerge do poder de decisão dos cidadãos em decidir sobre o seu destino e sobre as formas de seu desenvolvimento. Para enfrentar os desequilíbrios é preciso de mecanismos de intervenção muito mais organizados, ou seja, de processos participativos, que constituem um instrumento de ordenamento local, que e estão no centro do que o Dowbor (2008) chama de poder local.

O poder local não se limita à um espaço territorial, mas está carregado de potencialidade simbólicas fundamentais para sua reprodução. Potencialidades simbólicas que determinam a distribuição do poder dentro das comunidades locais por meio de representações éticas, morais e ideológicas. O poder local aparece não como solução para alcançar o desenvolvimento social, cultural e ambiental, mas como um dos instrumentos de descentralização de poder.

Diante dos termos colocados anteriormente, a noção de desenvolvimento tratado neste trabalho abordará suas diversas nuances e a pluralidade lhe é característica. Nesse sentido, o



conceito de desenvolvimento emprega sentido nesta discussão se associados aos campos da cultura, das dimensões do trabalho e das dinâmicas de reprodução socioeconômica de grupos humanos.

A inserção de grupos excluídos do processo produtivo global na dinâmica sócio produtiva torna-se urgente para superação das desigualdades. A abordagem sobre as dimensões simbólicas e culturais do campo do trabalho e vida, bem como as estratégias de geração de renda em Serra Negra é explicada pela capacidade de promover desenvolvimento de base local.

A noção de desenvolvimento da contemporaneidade está relacionada ao progresso, modernidade, racionalidade e padrões de consumo e estilo de vida estabelecida pelos países ocidentais capitalistas. Sabemos que a definição de desenvolvimento é diversa e carrega conteúdo simbólico. Como bem nos alerta Pimenta (2014), a noção de desenvolvimento da contemporaneidade é resultado da Revolução Industrial e está relacionada ao progresso, modernidade, racionalidade e padrões de consumo e estilo de vida estabelecida pelos países ocidentais capitalistas. Contudo, achamos necessário construirmos novas metodologias de análise para compreensão do “desenvolvimento”, sobretudo, que se insira no campo de discussão, a qualidade de vida dos sujeitos e sua inclusão no meio social. Pensar um processo de desenvolvimento valorizado pela formação sociocultural, de acordo com o território que ocupam, pelos fatores que emergem da cultura, sociedade e política.

Nesta perspectiva, Barros (2008) contribui ao afirmar que o conceito de desenvolvimento deve estar atrelado às perspectivas culturais, bem como a diversidade de suas expressões. Segundo o autor a correlação entre desenvolvimento e cultura possibilita o crescimento autossustentado pois é capaz de evidenciar potencialidades e possibilidades para os indivíduos de determinada localidade. O sentido de desenvolvimento humano pode ser evidenciado quando abordado pelo viés das trocas simbólicas e o valorização da diversidade cultural, das trocas multiculturais e suas problematizações.

Coloca-se vistas na ideia do desenvolvimento centralizado em uma plataforma sustentável e solidária. Este novo enfoque paradigmático visa romper com a perspectiva tradicional economicista de compreensão dos valores de um mercado auto regulado que media as relações de troca. Defende-se uma concepção de economia plural em que a interdisciplinaridade se une aos saberes tradicionais da Serra da Mantiqueira e as relações do trabalho aparecem como questão de fundo.



Pode-se observar que diversas práticas e saberes tradicionais, realizadas na comunidade de Serra Negra reforçam as narrativas de desenvolvimento de base comunitária, em contraposição aos modelos de desenvolvimento das sociedades industriais, tecnológicas e informacionais contemporâneas. Por meio das falas de entrevistados e das observações de campos identificou-se narrativas que ilustram uma outra dimensão sobre desenvolvimento, de base local, que se coloca fora do sistema capitalista vigente e competitivo.

Acredita-se na possibilidade de construção de outros mundos cuja lógica esteja pautada no bem viver e não na destruição dos recursos naturais e na homogeneização dos aspectos culturais. As novas atividades produtivas de Serra Negra apontaram que outras realidades são possíveis no campo prático, na medida em que a existência de tal comunidade só é possível a partir do momento em que os valores subjetivos e os recursos naturais estejam preservados ou se modificados que atendam as demandas da própria comunidade.

Como foi apontado anteriormente, a comunidade tradicional da Serra Negra tem reinventado constantemente suas práticas socioeconômicas, seja na lavoura, como funcionários do PNI e no turismo. Nesse sentido, investigaremos os arranjos produtivos da comunidade tradicional da Serra Negra a partir da predominância que incorpora à noção de trabalho e geração de renda, as perspectivas de subjetividades, sociabilidades, solidariedades e de significados simbólicos e identitários.



## 5 MODOS DE VIVER<sup>25</sup>, SABERES E FAZERES EM SERRA NEGRA

Este capítulo descreve as atividades produtivas associadas aos saberes e fazeres dos moradores da comunidade de Serra Negra, em que circunstâncias são realizados, os lugares em que são exercidos e as condições materiais em que são concretizados. Os saberes e fazeres aqui são investigados a partir da produção alimentícia da região como o queijo parmesão, o mel, hortaliças e doces que envolvem descendentes de tropeiros, lavradores, madeireiros e carvoeiros que habitam a região atualmente.

Busca-se compreender qual o papel desses saberes e fazeres tradicionais em termos de geração de renda sobre a realidade contemporânea de Serra Negra. Leva-se em consideração o contexto de transformação do bairro pelas novas demandas da modernidade e desenvolvimento da atividade turística. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas dialogais, diário de campo e observação participante.

Ao iniciar o processo de investigação sobre as estratégias de geração de renda desses sujeitos moradores da comunidade de Serra Negra, pareceu importante investigar a questão teórica latente à esta pesquisa referente a questão dos saberes e fazeres que reúnem as outras partes da investigação. O fato é que ao se investigar uma comunidade rural cujo processo de ocupação do território aconteceu no século XVII, as questões referentes aos fazeres e saberes transmitidos ao longo das gerações pareceu central para a compreensão das atividades produtivas desses sujeitos na contemporaneidade.

Qual seria a importância destes saberes e fazeres tradicionais sobre a renda destes moradores e qual a lógica de resignificação e transmissão dessas atividades? Em que medida os saberes e fazeres tradicionais se mantêm, quais se modificam e qual a racionalidade presente nessas escolhas? E por último, cabe questionarmos se essas comunidades estão atendendo apenas a uma lógica de mercado, caracterizado pela globalização e instabilidade das referências. Se é certo que o mundo está cada vez mais pautado pelas dinâmicas capitalistas, como apontam diversas pesquisas, parece necessário compreender o funcionamento de atividades econômicas

---

<sup>25</sup> O que utilizarei na pesquisa é o conceito de “modos de viver” como alternativa ao conceito de “modos de vida”. Interessa aqui a linguagem enquanto formas de vida e enquanto um jogo que propõe relações de sentidos. Parte-se da compreensão que existe interação sobre os elementos que circulam e que ele só ganham sentido e valor a partir do momento em que afetam e que podem ser afetados, que transformam e são transformados. Esses elementos simbólicos e mesmo os materiais são resultado de um processo de transformação que pressupõe ação dos sujeitos sobre ele. Ou seja, as formas de vida se situam no agir, no viver.



em pequena escala ainda influenciadas pelos saberes tradicionais de referência simbólica e cultural.

### **5.1 Saberes, fazeres na comunidade tradicional da Serra Negra**

A ciência executa um papel fundamental para nossa sociedade contribuindo para que ignoremos a diversidade de conhecimento produzido e adquirido pelas sociedades. Existem múltiplos saberes que necessitam ser compreendidos na medida em que se entende que os indivíduos são constituídos por um conjunto de saberes populares e modos de fazer presentes na nossa cultura e que são ignorados pelas instituições de conhecimento.

Ferreira e Cerqueira (2012) explicam que o saber-fazer é a capacidade que os indivíduos têm de compreender seus ofícios como uma extensão de sua própria existência que não está essencialmente ligada a apreensões técnicas, mas sim aos conhecimentos obtidos pelo exercício de seu trabalho. É um conjunto de elementos que se apresentam no campo da memória, por meio da reprodução de suas funções e interiorização dessas lembranças sensoriais. O saber-fazer estabelece a conexão entre as experiências práticas e concretas, obtidas por meio do trabalho e da transmissão do saber com elementos imagéticos, representativos e simbólicos relacionados à memória e aos sentidos que estas técnicas e saberes são interiorizados pelos sujeitos.

Para perceber esses elementos conectivos é necessária uma investigação minuciosa sobre a origem e transmissão deste saber-fazer. A apreensão do saber-fazer não depende de conhecimentos técnicos para que seja incorporado, mas da conexão de diversos elementos sensoriais, ligados à memória. (FERREIRA; VERGARA, 2012). A apreensão e transmissão dos saberes e fazeres criam elos entre os costumes, aspectos comportamentais, rituais e utilização de artefatos das gerações do passado e presente. No entanto a incorporação e transmissão destes elementos é possível por meio de uma racionalidade própria de cada grupo social. Tal sistema cultural de transmissão de conhecimento é uma operação complexa que está em um processo de modificação contínuo, como corroboram os estudos antropológicos. Afirma-se portanto que os sistemas culturais não são estruturas rígidas na medida em que o processo de transmissão dos saberes e fazeres que os constituem são flexíveis e se modificam ao longo do tempo inevitavelmente.

Para Laraia (2001) existem dois tipos de mudança cultural: o primeiro corresponde às transformações internas, resultado próprio da dinâmica social de cada grupo, e a segunda



mudança resulta do processo de interação de um sistema cultural com um outro. Ainda segundo o autor, as mudanças culturais resultantes dos processos internos são mais lentas, mas que podem ter o ritmo alterado por eventos históricos. Já as transformações decorrentes do contato com intercultural podem ser mais rápidos e atuantes nas sociedades humanas que as forças internas.

O processo de transformação das atividades produtivas de Serra Negra sofrem influência dessas duas dinâmicas apontadas por Laraia, ou seja, as próprias mudanças de mentalidade dos residentes do bairro devido a incorporação de novas percepções sobre os recursos oferecidos pelo território que ocupam, pela sobreposição do território do PNI sobre parte do bairro, desenvolvimento do turismo na região e eventos mais recentes como a chegada da internet.

Para Sachs (2005), a cultura faz conexão com o meio ambiente aos quais os indivíduos interagem. Os conhecimentos adquiridos pelos grupos humanos que levam a transformar o meio físico em que vivem para extrair seus meios de vida, pertencem ao campo da cultura. Sob este aspecto, Candido (2010) aponta que a sobrevivência de todo grupo social depende do equilíbrio entre as suas necessidades e os recursos que o meio ambiente disponibiliza. Os grupos humanos são caracterizados a partir da natureza de suas necessidades e dos recursos de que obtêm para satisfazê-las. Estas necessidades, como aponta Candido (2010), vão além do natural e se tornam produtos da sociedade.

Cabe notar que a construção dessas estratégias de reprodução e sobrevivência são distintas entre as comunidades rurais na medida em que são caracterizadas pela convergência de condições e de recursos disponíveis e recombinações. Faz-se necessário construir a narrativa da perspectiva cultural da Serra Negra contextualizada histórica e espacialmente para perceber as transformações econômicas, sociais e culturais que delinearam novas demandas que determinaram a construção de novas práticas e estratégias de geração de renda e de reprodução socioeconômica.

As estratégias de geração de renda indicam os modos de saber e fazer, os objetos técnicos, as dimensões subjetivas e materiais contidas na prática. Já as estratégias de reprodução dizem respeito ao planejamento de consumo da família, das formas de partilha do patrimônio para os herdeiros, a utilização adequada dos recursos naturais e a da incorporação de atividades não agrícolas à dinâmica produtiva. O grau de impacto desses conjuntos de ações afeta os projetos individuais e coletivos do processo de geração de renda e de reprodução das famílias



rurais e são delimitados por um sistema de técnicas e de gestão inseridas de maneira econômica e sociocultural. Esse conjunto de ações e estratégias se modificam de acordo com o ajustamento dos grupos ao meio em que vivem em perspectivas econômicas e socioculturais.

Segundo Guimarães (2013), durante a década de 1970, a região passou por um processo de deslocamento do eixo econômico das atividades de produção agrícolas para as atividades voltadas para o turismo. De acordo com o autor, os principais elementos que contribuíram para a consolidação do turismo na região foi a criação do Parque Nacional do Itatiaia, a construção e a ampliação da rodovia Presidente Dutra, em 1949, a criação da APA da Serra da Mantiqueira, em 1981, o crescimento recente urbano e industrial dos municípios que integram a região - Resende (RJ), Itatiaia (RJ) e Porto Real (RJ) - e a proximidade da região às cidades de Rio de Janeiro e São Paulo (GUIMARÃES, 2013).

Diante dessas transformações, o turismo tem sido apontado como um caminho na construção de estratégias de desenvolvimento local. A atividade turística constitui atualmente a maior fonte de geração de empregos e principal atividade econômica da região (ROCHA, 2005).

Observe as falas a seguir:

Antes nem tinha turista mesmo. Quando plantava milho mesmo, não tinha turista. O que fez acabar com a roça, com a lavoura foi mais a parte do turismo. Você vende mais produto pro turismo com menos sacrifício de serviço. E a vida é melhor? [pergunta] – Muito melhor, [estende as mãos] minha mão não ta rachada (Wanderley Pena Carvalho, 52 anos, branco, produtor rural, vende e produz queijos e mel).

Não tem condição de tocar lavoura mais não porque o custo da lavoura fica muito mais caro que comprar. Porque veio o turismo e várias pessoa dos mais novo trabalha com turismo, outros trabalha lá no parque. E os que não quiserem trabalhar no parque, nem turismo tipo ser condutor de turismo ou mesmo a pousada, trabalha igual eu trabalho aqui. Eu, Wanderley ... nós trabalha no sítio nosso e vende a produção pra eles. Tem muito trabalho sim. Nem vence o trabalho. É três vezes mais [lucrativo] que a lavoura que tinha (Lucemir Pena de Carvalho, 41 anos, branco. Produz leite e queijo).

Os entrevistados relatam um empobrecimento grande da comunidade diante da desvalorização dos preços dos produtos agrícolas e encarecimento da produção. Além disso, muitos apontam que a mudança de mentalidade dos jovens em relação ao trabalho na roça está diminuindo a força de trabalho para manutenção das lavouras. Tais fatores indicam a comunidade para estratégias de geração de renda ligadas ao turismo. Segundo os moradores, os trabalhos relacionados ao turismo exigem menos esforço físico e são mais lucrativos e por isso



estão sendo desenvolvidos pela comunidade de forma satisfatória, muito embora, eles apontem as controvérsias do crescimento da atividade na região. Observe:

Se tivesse uma estrada melhor e infraestrutura teria condição melhor para receber os turistas. Mas não como Mauá, lá é muito consumista, aí não acho legal. Muito é demais. Pra gerar renda aqui tem pouco. Mas tem potencial pra gerar pra todo mundo. (Natalia da Fonseca Pena dos Santos, 26 anos, branca. Professora da escola primária de Serra Negra).

Falas como essa se repetem e uma das principais argumentações sobre as controvérsias giram em torno da mudança de qualidade de vida da região. Apesar de acreditarem que o crescimento turístico trará benefícios como o aumento da demanda de trabalho, os moradores também se preocupam com a alteração do modo de vida. Muitos apontam a questão do silêncio, qualidade da água e do ar que seriam alteradas com a chegada de pessoas de fora.

No entanto, estudos apontam que esta estratégia de promoção de emprego e renda através do desenvolvimento turístico possui limites, principalmente no que tange aos danos da atividade sobre o meio ambiente e sobre as relações sociais das comunidades. Planejar o impacto resultante do turismo requer o compromisso dos setores públicos e privados e das populações locais. Tal planejamento deve projetado de modo que os efeitos negativos sejam eliminados ou minimizados, enquanto os benefícios sociais do turismo para a comunidade sejam maximizados (ARCHER; COOPER; RUHANEN, 2005).

As análises sobre desenvolvimento turístico realizadas pelos teóricos das ciências sociais se encontram caracterizadas por análises negativas deste fenômeno social. O turismo é visto como um fenômeno de massas que mercantiliza as culturas locais, submete os trabalhadores do lugar a trabalhos degradantes e mal remunerados. Suas condutas colonizadoras destroem o tecido social das comunidades em que se estabelecem e os turistas são analisados como sujeitos que destroem o meio ambiente (MEDINA, 2012).

Veja a seguir:

A manutenção da singularidade da cidade, do lugar e das coisas parece ser uma aposta mais sensata para o enfrentamento da padronização e da ênfase na necessidade de estruturação do turismo. Parece também ser uma posição madura para encaminhamentos do desenvolvimento local, o qual deve fazer oposição às práticas de crescimento econômico atreladas as mentalidades empresariais (PIMENTA, 2017, p. 165).

Não se trata de propor um turismo apenas que dê conta das demandas de trabalho da comunidade, mas que esteja pautado na preservação da natureza e das tradições locais. Se alicerçado na estruturação de um projeto de desenvolvimento voltado para as demandas locais,



pautado por redes de solidariedade, coletivas e participativas, o turismo é capaz de constituir processos de geração de renda e impulsionar o apreço local, provocado pela valorização das singularidades dos bens locais (PIMENTA, 2017).

O turismo de determinada cidade ou região está integrado à cultura e aos elementos que a compõem. As políticas culturais promovidas pelo poder local, são importantes para que desenvolvimento deste turismo seja construído de modo a atender as demandas coletivas e evitar que este atenda exclusivamente as necessidades do mercado.

Na leitura dos elementos culturais reverbera-se um campo de ressignificação simbólicas concretas, não sem tensão, entre concepções de tradicional e moderno, de futuro e passado, de avanço ou retrocesso, de progresso e atraso, alteridades que aparecem na constituição do imaginário social das cidades visitadas. Dessas concepções emergem caracterizações e atores socioculturais que vislumbram os potenciais de turismo, pautados na cultura, no religioso, na história local, nos recursos naturais e patrimoniais de modo que torna-se pertinente questionar o desenvolvimento por meio dessas emergências (PIMENTA; PEREIRA, 2017, p. 153)

Os espaços e culturas locais sofreram grandes transformações a partir das rupturas e modelações causadas pelo processo de globalização. Os diversos agentes observam esta realidade em que estão inseridos e assim constroem interpretações diferentes a partir das ações que realizam sobre o lugar. Essas transformações são sempre negociadas e baseadas nos conhecimentos que cada sujeito tem sobre os lugares que vivem. Os produtos turísticos carregam dimensão simbólica e material e são resultado de ações variadas dos agentes e não seguem a um plano predeterminado (MEDINA, 2012).

Os principais produtos turísticos vendidos em Serra Negra são os queijos, doces e o mel. De acordo com as entrevistas e observações são produtos cujo modo de fazer são aprendidos e transmitidos ao longo das gerações e que se transformou de produtos elaborados para o consumo das próprias famílias a souvenir vendido para os turistas.

O queijo, a geleia a gente aprendeu ... como diz aqui eu aprendi com meu sogro a fazer o parmesão mas na casa dos meus pai eu aprendi a fazer com eles o mineiro. Eu tinha 12 anos quando fazia o mineiro, fazia a geleia, tudo ... com 12 anos a gente já sabia fazer. Aprendi em casa, com os pai mesmo. Tinha os produto, vamo lá fazer (Sueli Maria da Fonseca Pena, 53 anos, branca. Produz e vende queijo e mel).



Estes produtos carregam consigo os elementos simbólicos que marcam a diversidade cultural presente na sociedade e que são valorizados pela sua capacidade de conectar quem o consome a um lugar idealizado que representa a vida bucólica e um modo de vida simples que marcam a narrativa sobre o turismo.

Para Dutra (2012) as vilas rurais estão se tornando lugares idealizados, na medida em que se tornam objetos de oposição ao modelo urbano e de desenvolvimento tecnológico. Para a autora o conceito de “isolamento”, “perenidade das formas sociais” e “estabilidade” influenciou não somente a narrativa turística, mas também influenciou a antropologia tradicional clássica. A nova interpretação antropológica parte da ideia de “estratégia” e “circunstância”, que enfatize a realidade contingencial, incerta da vida rural que demonstra espontaneidade e capacidade de transformação dessas comunidades. Tal flexibilidade opera a partir da capacidade de interação que as comunidades rurais estabelecem regionalmente e o que os deslocamentos das populações rurais vão para além do surto relativamente recente do êxodo rural.

Tais comunidades rurais passaram por aceleradas transformações como a chegada da energia elétrica, internet, telefone, televisão e de formas de consumo evidenciam que a economia de mercado está sendo inserida nessas comunidades. Neste contexto as estratégias de geração de renda, produção doméstica e artesanal são afetadas, e os saberes e fazeres ganham novos sentidos. No entanto, tais transformações não são incorporadas de forma passiva pelos sujeitos, mas são negociadas e equilibradas de acordo com as necessidades de cada família e pela própria demanda do produto.

## **5.2 As estratégias de geração de renda e de reprodução em Serra Negra**

A atividade econômica mais relevante da região esteve vinculada à produção agropecuária como a produção leiteira e a lavoura de pasto, no entanto as transformações do mundo contemporâneo estão afetando profundamente a comunidade, que passa a ganhar novas fronteiras no campo material e imaterial. A partir de um conhecimento ancestral ordenado por meio dos saberes e fazeres, a comunidade de Serra Negra constrói sua identidade local em consonância com a construção da noção de pertencimento e definem, a partir daí, sua realidade.

Os saberes e fazeres de Serra Negra serão traduzidos a partir da produção de queijo, doces, mel, hortaliças e a truta, itens que ao longo do tempo deixaram de ser utilizados somente para o consumo da família e se transformaram em bens comercializáveis em decorrência da expansão turística da região nos últimos 30 anos. Em termos de geração de renda tais gêneros



alimentícios são os mais preponderantes da região e os mais significativos em termos de geração de renda. A partir da produção, consumo, venda e troca destes produtos é possível estabelecer uma discussão sobre os novos sentidos dos saberes e fazeres ocorridos nesta localidade associados às novas estratégias de geração de renda movidas pelas demandas turísticas.

Ao longo dos anos a comunidade que vive no bairro rural de Serra Negra passou por diversas transformações que afetaram seu modo de sobrevivência. A história de ocupação do bairro está relacionada ao período de mineração. Durante as fases iniciais a principal atividade de sobrevivência era a agricultura de subsistência e pecuária leiteira. Neste período as estratégias de geração de renda da comunidade estavam ligadas à lavoura e, também, à pecuária leiteira. A comercialização era feita nas cidades próximas como Resende – RJ e Itanhandu – MG, e transportadas por meio de tração de burros pelos tropeiros. No declínio da mineração a população de Serra Negra a sustentava-se por meio da agricultura de subsistência e pecuária. Durante os anos 1930 e 1970 as principais atividades econômicas da população era a carvoagem e madeireira. A partir da década de 1990 a atividade turística passa a se desenvolver na região aumentando o fluxo de visitação e levando a população encontrar novas formas de geração de renda.

A atividade turística passou a ganhar destaque nas atividades geradoras de renda das famílias de Serra Negra com o desenvolvimento do setor de serviço, construção e manutenção das casas dos veranistas, aumento da produção e comercialização dos produtos alimentícios. A região em que se encontra o bairro passa a receber maiores fluxos de visitação de turistas pelo cenário bucólico, a beleza de suas cachoeiras, nascentes de rios e montanhas, associados ao modo de vida tradicional rural dos moradores locais da produção de queijos, doces, utilização do fogão a lenha, criação de animais, pomares e agricultura familiar de subsistência.

Além de alterar o modo de vida e o cotidiano dos habitantes da comunidade, o desenvolvimento do turismo provocou alterações na paisagem do local uma vez que novas casas estão sendo construídas para os novos proprietários urbanos. Logo a especulação imobiliária está se tornando uma prática comum entre os moradores tradicionais da região que estão percebendo oportunidades de êxito financeiros na venda de seus terrenos. As relações sociais e de trabalho presentes na comunidade também se alteraram visto que novas atividades produtivas estão surgindo e se desenvolvendo como novas alternativas de geração de renda. Se antes os moradores tradicionais se dedicavam a manutenção de suas unidades familiares por meio da agricultura de subsistência, pecuária e criação de animais, agora encontram novas formas de



subsídio econômico como empregados e prestadores de serviço dos moradores “de fora” ou para atender as demandas dos turistas procedentes das cidades.

Essas novas oportunidades de exploração turística abriram espaço para inserção das mulheres no processo de geração de renda e, também, possibilitaram que novos recursos fossem elaborados mediante a transformação da natureza. Diante a um cenário de trabalho rural no qual as mulheres se conectam majoritariamente a lógica do ciclo doméstico familiar, o desenvolvimento turístico possibilitou novas contribuições femininas em novo setores de ação, como o trabalho de limpeza nas casas de veraneios, extração de novas espécies frutíferas para fabricação de doces e ampliação da produção dos gêneros alimentícios, que agora já fazem parte de uma parcela importante da geração de renda familiar.

O desenvolvimento dos processos de elaboração dos produtos seguiu uma lógica particular na medida que foram deixando de ser produtos de autoconsumo e passaram a ser produzidos para atender a demanda turística ao longo dos último 30 anos. O modo de organização da vida administrativa dos moradores de Serra Negra vem sendo reestruturado a partir do consumo e produção destes gêneros alimentícios mais antigos – como o queijo – e de outros itens que foram surgindo ao longo dos últimos anos – a criação de truta em poços artificiais. Estas novas estratégias de geração de renda provocam alterações no cotidiano e nas relações de trabalho na medida que estes moradores tradicionais passam a se criar relações de dependência com as demandas turísticas.

Outro fator importante para o processo de rearticulação das estratégias de geração de renda da comunidade foi a ampliação do PNI em 1982. A sobreposição do território do parque em relação às propriedades dos moradores de Serra Negra gerou um conflito que se estende até os dias atuais. O conflito com o PNI tornou ilegal diversas práticas que garantiam a renda dessas famílias. Diante desse quadro, a comunidade passou por forte processo de transformação de sua produção, como podemos observar na fala de Natália. A seguir:

Antes tinha plantação de milho, porco. Hoje é raro plantação de milho. Por vários fatores. Não é fácil produzir. O preço não compensa. Quem cria vaca hoje é porque sempre criou, nunca deixou, mas hoje cria bem menos. Hoje em dia não tem roçado de pasto. Hoje alguns criam peixe (truticultura) e antes não tinha. Começou há uns 10 ou 15 anos pra cá. A criação de abelha é a mesma de sempre. É um produto que não faz mal a ninguém. Não polui muito, mas é um serviço difícil também [...] Existe muito trabalho autônomo, de diarista no pasto, no parque (Natalia da Fonseca Pena dos Santos, 26 anos, branca. Professora da escola primária de Serra Negra).



Diante das dificuldades de produção seja em função da sobreposição de território, como aconteceu em relação ao PNI ou dos reflexos da economia nacional sobre os preços dos bens produzidos na comunidade, houve um ajuste das atividades produtivas. Diante das proibições ocasionadas pela ampliação do parque e pelas condições hidrográficas, topográficas e climáticas, a comunidade vem se dedicando nos últimos anos à truticultura. A truticultura faz parte de uma modalidade da aquicultura, que consiste na criação de trutas em tanques artificiais. A criação da truta tem grande capacidade em gerar alto valor econômico quando associado a uma medida eficiente de preservação dos recursos naturais por meio do planejamento e técnicas de manejo adequadas para a realidade local (LIMA, 2016).

Segundo Lima (2016), a Serra da Mantiqueira concentra a maior parte da produção de truta região sudeste. A autora ainda aponta que existem 41 municípios produtores de truta no país e que dentro deste cenário, o município de Itamonte se destaca como um dos principais produtores, sendo que a truticultura representa uma das principais fontes de renda da população rural do município. Fatores como dificuldades burocráticas e os altos custos de implementação dos empreendimentos para que a atividade se torne legal do ponto de vista ambiental, contribuem para que tais empreendimentos sejam realizados na informalidade, como acontece em Serra Negra, em que grande parte dos trutários não possuem qualquer tipo de licenciamento para serem construídos.

A truticultura é uma atividade econômica relativamente nova em Serra Negra (a cerca de 15 anos que atividade passou a ser desenvolvida na região). A maioria das criações são realizadas sem acompanhamento técnico e projetos de estrutura de tratamento dos resíduos orgânicos gerados pela atividade. A atividade está sendo realizada na informalidade e sem licenciamento, apesar de possuir grande potencial econômico, também representa risco para o meio ambiente na medida em que os resíduos orgânicos são despejados nos rios gerando impactos ambientais. Segundo Lima (2016) os prejuízos ambientais, sociais e econômicos, podem ser solucionados na medida em que tais empreendimento passam a ser licenciados, facilitando a organização da atividade, melhores preços e financiamento.



**Figura 13: tanques artificiais de criação de truta em Serra Negra**



Fonte: Maria Eloiza Lopes Pinto (2019)

Se levarmos em conta as questões socioeconômicas de Serra Negra é possível perceber os motivos que levaram a comunidade a apostar na truticultura como uma atividade geradora de renda. Apesar das transformações, as populações tradicionais que habitam a região ainda se dedicam à pecuária de pasto, lavoura de subsistência, associada ao extrativismo vegetal. Em razão dos terrenos acidentados de serra, baixa qualidade do solo - em virtude do manejo inadequado - e das temperaturas baixas no inverno, as terras possuem limitações para o aproveitamento agrícola, com pastagem pouco produtiva geradas por uma pecuária inexpressiva para a econômica regional, apesar de muito importante para a manutenção do modo de vida dessas populações (LIMA, 2016).

Essas populações passam a encontrar novos caminhos de geração de renda incorporando os recursos disponíveis, principalmente os recursos hídricos que são abundantes na região. No entanto, se tais atividades estivessem associadas às práticas sustentáveis alcançariam equilíbrio



necessário em perspectivas econômicas, sociais, culturais e ambientais. A atividade ainda se encontra nos moldes da agricultura familiar, já que ainda é realizada pela própria família dentro de pequenas propriedades, como é o caso da produção de Waudinei Firmino Ramos. Seu depoimento revela um pouco da importância da truticultura em termos de geração de renda diante das novas restrições geradas pela ampliação do PNI.

Antigamente a turma mexia com muita lavoura né. Agora mesmo tá mudando. Antigamente plantava milho, plantava feijão. A turma tá largando disso. Tá ficando muito difícil. A turma achou que a renda tá pouca daí tá investindo no turismo né.

A truta foi por motivo da lavoura mesmo né. Daí não tinha mais e a turma foi ficando sem ter o que fazer. Daí nós puzemo a truta ... pra sobreviver né.  
(Waudinei, 43 anos, pardo. Escolaridade: 3ª série primária. Truticultor, produz e vende leite e mel).

Esta fala revela como a noção de reciprocidade e confiança constrói a racionalidade que orienta as escolhas de determinados arranjos produtivos pelos moradores locais. Observa-se que quando Waudinei fala de suas escolhas, ele fala a partir de uma perspectiva coletiva – “nós puzemo”, “a turma”. Entende-se a partir disso que os critérios para definir o desenvolvimento de determinada atividade não é individual, mas uma escolha de todo o grupo, que a partir de suas experiências empíricas, decidem o que é eficaz e ao mesmo tempo lucrativo.

Revela-se que a comunidade constrói uma relação de sobrevivência com os recursos disponíveis nos territórios, interpelada por um sistema de simbolismo e representações pautadas pela coletividade. Observou-se que os critérios que definem as escolhas de determinados arranjos produtivos levam em consideração técnicas de baixo impacto social que inclui a capacidade de incorporar as transformações de suas atividades tradicionais como forma de reprodução socioeconômica da comunidade.

A elaboração destes critérios pela comunidade, ajuda a compreender as variadas formas de organização socioprodutiva brasileiras. A situação de conflito territorial a que a comunidade da Serra Negra está implicada contribuíram para a construção de novas racionalidades sobre o uso da terra e para o surgimento de novas expressões e forma de viver. Afirma-se que essas formas de organização são constituídas ao longo da história e transformadas ao longo das gerações.



Porque a lei da fiscalização mudou né. Não pode derrubar a mata, não pode queimar. E se não queimar não dá nada né. A cinza que é o adubo pra lavoura.

Eu pra mim eu acho bom, que é o modo de eu viver né. Porque é importante porque eu tenho que sobreviver né, pra eu ganhar dinheiro pra eu tratar da minha família né. E eu também gosto. Eu gosto de mexer com a vaca porque eu fui criado nisso né. Igual a vaca ... depois a truta. Desde criança eu tinha ideia de criar truta mas eu num tinha terreno que tinha água, agora eu tenho terreno. E também o povo gosta, o turista gosta. O povo prefere comprar aqui. Se vem da Serra Negra ... o povo acha que o produto que vem daqui é melhor que o que vem de lá, não sei porque (Waudinei, 43 anos, pardo. Escolaridade: 3ª série primária. Trucicultor, produz e vende leite e mel).

O depoimento de Waudinei revela que as famílias associam a truticultura com outras atividades econômicas para obtenção de renda. A truticultura aparece para as populações da região como uma alternativa diante das dificuldades de plantar devido a proibição de fazer queimadas por parte do PNI. Tal proibição fez com que a população encontrasse outras formas de obter renda por meio da utilização dos recursos hídricos disponíveis na região. No entanto, as observações de campo também indicam que o crescimento dos empreendimentos dedicados à criação da truta não possui qualquer acompanhamento técnico ou controle ambiental, o que acaba diminuindo a capacidade produtiva e gerando mais prejuízos ambientais.

Os depoimentos ainda indicam que a introdução destes nos empreendimentos são possíveis quando pautados por uma rede de confiança estabelecida dentro da própria comunidade. Esses critérios são elaborados de forma endógena, ou seja, a própria comunidade testa e decide quais arranjos irão se dedicar. Ou seja, algum morador começa a realizar determinado empreendimento – como a truta e o mel – e a partir de tal iniciativa os outros membros da comunidade aprendem com ele e passam a desenvolvê-la em sua propriedade. Tal movimento revela que as novas atividades econômicas são adotadas e desenvolvidas a partir do experimento e iniciativa que se manifesta dentro da própria organização da comunidade. Os atores sociais percebem a necessidade de incluir novas atividades econômicas, associadas ao desenvolvimento turístico, mas que a adoção de tais empreendimentos passa por uma racionalidade própria, em que se pese os valores culturais - dos laços de confiança – e os recursos disponíveis em conjunto com as necessidades econômicas de geração de renda.

Diante dos termos citados, a contribuição do PNI se faz importante, não só do ponto de vista de fiscalização e controle desses novos empreendimentos, mas também para elaboração de um plano de manejo adequado à realidade local. A truticultura já está inserida dentro do Termo



de Compromisso elaborado pelo PNI, o que indica preocupação com o desenvolvimento desregulado da atividade. No entanto, a questão sobre a adesão da comunidade aos termos ainda não foi finalizada e a questão perpassa pelos conflitos sobre regulação fundiária presente na relação entre comunidade e PNI.

Esta investigação sugere que as populações rurais são transformadas pelas demandas do modelo global capitalista urbano. Porém, afirma-se que ao enfrentar os problemas dessas transformações, como o empobrecimento, homogeneização cultural e êxodo rural, essas populações encontraram soluções a partir dos recursos disponíveis em seus territórios, assimilando essas demandas externas aos conhecimentos adquiridos internamente pela própria comunidade através de um processo de aprendizagem que acontece de um modo prático e cotidiano, ou seja, aprende-se com fazendo, olhando e imitando, com um amigo, parente ou vizinho.

As estratégias de geração de renda das populações que habitam o território de Serra Negra se apoiam na associação de diversas atividades como a agricultura familiar de subsistência, criação de animais de pequeno porte, pecuária de pasto, comercialização de leite, mel e queijo. A produção e comercialização deste último é essencial para discussão a respeito dos sentidos que as atividades econômicas têm sobre a vida dos homens e mulheres, identificando seus saberes e fazeres ancestrais bem como as relações entre eles e o território que ocupam.

O queijo parmesão é um dos produtos mais importantes para a organização dos modos de vida, saberes, fazeres da comunidade de Serra Negra cuja produção e comercialização recebeu atenção de reportagens jornalísticas e hoje é considerado um dos produtos mais importantes em termos turísticos, já que é um dos itens mais procurados e vendidos para os turistas na região.

A produção do queijo parmesão de Serra Negra é artesanal, realizada dentro de uma pequena unidade de produção, pelos membros dos núcleos familiares e em pequena escala, denominada pelos moradores como de *fábricas de queijo*. A produção é familiar e realizada com tecnologia simples, utilizando poucas ferramentas para elaboração e de forma artesanal. Os instrumentos necessários para produção do queijo são: as formas, o coalho, os panos, a prensa, os pesos (pedras), o taxo, as prateleiras, o barril para guardar o soro, o balde que faz a medida do coalho, o botijão de gás e o fogareiro.

**Figuras 13: fábricas de queijo da Serra Negra**



Fonte: Maria Eloiza Lopes Pinto (2020)

A primeira etapa da produção começa nos currais. Os homens realizam a primeira atividade do dia quando vão tirar o leite e levam até as suas fábricas para a produção do queijo, cuja participação das mulheres é fundamental. Devido ao terreno acidentado de serra a produção leiteira é considerada baixa, então os produtores de queijo compram leite dos vizinhos e parentes para incorporar à produção do queijo, que são entregues nas fábricas logo de manhã. A compra dos litros de leite é organizada por meio de planilhas mensais elaboradas em folhas de papel, como pode-se observar a seguir.



**Figura 14: planilha de compra mensal do leite para produção do queijo**

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
Manduca	60	58	58	60	60	58	58	58	60	58	58	60	50	55	56	56	59	59	56	51	56	57	51	57	56	55	56	55	56	55	55
João B	7	6	6	4	7	6	6	7	6	6	7	6	7	7	5	5	8	9	9	9	5	5	5	8	6	5	6	6	6	6	
Joan	22	19	23	21	22	21	21	8	20	20	20	27	30	28	28	26	22	31	28	28	29	29	28	26	27	26	27	32	31	29	
Arlindo	9	7	8	9	8	9	8	8	8	6	7	8	8	7	7	8	7	7	8	7	7	7	8	7	7	7	7	8	9	8	

Novembro

João B 190  
Joan 770  
Arlindo 229

1. P. João B

82708845  
99144.1244

Fonte: Maria Eloiza Lopes Pinto (2019)

Os responsáveis pela produção dos queijos são os agricultores familiares e/ou seus filhos, sendo que a participação das mulheres fundamental para execução da atividade, já que são elas que na maioria dos fábricas são responsáveis pela produção do queijo, muito embora não haja rigidez sobre os papéis de cada integrante da família sobre a produção, que pode variar entre filhos, marido e a esposa dependendo das disponibilidades de cada.

A produção de queijo da Sueli é de em média 270 queijos mensais e 2.400 queijos anuais, sendo que a produção de queijo depende do volume de leite produzido pelas vacas, que altera ao longo do ano. No período de dezembro a janeiro são produzidos cerca de 12 queijos por dia, enquanto nos meses de abril e maio apenas 3. A produção varia conforme a época da pastagem (Fragmentos do caderno de campo).

Os saberes fazeres presentes na elaboração do queijo parmesão de Serra Negra foi transmitido pelos antepassados ao longo dos anos e o domínio da prática se estende até os dias atuais. Segundo as entrevistas, os produtos eram comercializados nas cidades maiores próximas a Itamonte, no período em que a produção era maior devido à valorização da matéria-prima.



Com o crescimento da atividade turística na região a partir da década de 1990 a produção de queijo passou a atender ao mercado mais local.

A elaboração de produtos comestíveis atende a um sequência de gestos sequenciais concentrados em uma tríade: “saber fazer”, “aprender a fazer” e “dizer como fazer” (GIARD, 1996). Aprende-se a fazer olhando, observando e fazendo. Para que determinado produto seja elaborado é necessário domínio sobre técnicas e métodos, que são aprendidos e repetidos de forma criativa a partir de uma dimensão cotidiana ao longo das gerações, numa tradição majoritariamente oral. Estes esquemas organizam a ação de elaboração, como parte de uma classificação simbólica, que através de suas classificações direcionadas por uma estrutura de significados, dão sentido à realidade representada e vivida (DUTRA, 2012). Os gestos de cada sujeito são expressões de uma forma de vida que tem um sentido, uma ordem. A ação organiza a atividade, sendo que esta ação é também influenciada pelas formas de vida, que possui regras, significado e significâncias.

Ao analisar a produção do queijo parmesão enquanto campo da cultura popular, levo em consideração os procedimentos pelos quais ela se reproduz, assim sendo, observa-se os gestos, os mecanismos de transmissão e as medidas que são elaboradas no cotidiano por meio da oralidade e da apreensão prática. Transmite-se de prática a prática, como identifica Bourdieu (1998) o ensino de um ofício, através de formas de transmissão totais e práticas, por meio de um contato direto, a longo prazo entre aquele que ensina e quem aprende. Defende-se aqui a elaboração de uma técnica, um saber-fazer construído coletivamente por meio dos conhecimentos adquiridos com a vida ao longo de gerações e que, com o passar dos anos, foi se transformando e ganhando particularidades próprias do processo de produção.

O queijo a gente já nasce com o produtor rural já né, é atividade de pai já [...] O queijo, a geleia a gente aprendeu ... como diz aqui eu aprendi com meu sogro a fazer o parmesão mas na casa dos meus pai eu aprendi a fazer com eles o mineiro. Eu tinha 12 anos quando fazia o mineiro, fazia a geleia, tudo ... com 12 anos a gente já sabia fazer. Aprendi em casa, com os pai mesmo. Tinha os produto, vamo lá fazer (Sueli, 53 anos, produz e vende queijo).

Sueli, produtora de queijo e agricultora, conta que a produção de queijo na Serra Negra é algo que se aprende na própria família. Em seu depoimento ela relata que logo na infância ela aprendeu a fazer o queijo minas e que depois de casada aprendeu a fazer o parmesão com o sogro e foi apenas com este último que ela seguiu a produção, até os dias atuais. Seu marido chegou a fazer um curso de fabricação de outros tipos de queijo, como o provolone e mussarela



e, também, o doce de leite, mas que não foram incorporados na produção pois não foram considerados lucrativos e eram muito trabalhosos. Este relato revela que as transformações técnicas, de procedimento e escolhas das atividades produtivas são construídas coletivamente, a partir de uma experiência social prática, numa conjunção entre saber-fazer e as condições internas necessárias para que se faça, ou seja, o poder-fazer.

O poder fazer aqui é afirmado na autonomia dos sujeitos da comunidade em relação aos domínios e saberes adquiridos a partir dos recursos disponibilizados. A extração de frutas como amora, pêssigo, ameixa, além da produção leiteira, criou certa autonomia para comunidade criar seus próprios produtos e transmitir a elaboração deles para as gerações futuras.

Observa-se aqui um ponto de encontro entre as necessidades e os recursos disponibilizados na medida em que o saber dos antepassados se associa às necessidades de sobrevivência da comunidade. Entre os limites desses dois elementos a comunidade cria uma estrutura simbólica que contribui para a organização e para as escolhas de seus arranjos produtivos.

O queijo foi com a minha mãe quando a gente era criancinha né. A mamãe fazia queijo, papai fazia queijo. Um dia era um, outro dia era outro né. E a gente ali criança pequena e foi aprendendo a fazer o queijo... o queijo minas né. Que a gente faz toda vida (Maria, 71 anos, parda, aposentada).

Aprendi com meu pai mesmo, coisa de família. Porque toda vida ele mexe com leite, com queijo, com sítio com essas coisa assim, então eu fui aprendendo com ele. E depois fomo desenvolvendo o que ia dando certo pra gente continuar (Lucemir, 41 anos, branco, produz e vende queijo e leite).

Ao analisarmos o saber-fazer do queijo parmesão do conhecimento, afirma-se que tal processo carrega consigo princípios que orientam a ação e constroem ordenação simbólica percebida de forma implícita por meio de uma rede de significados que dão sentido às suas práticas. Além das memórias coletivas, o saber-fazer inclui o processo de elaboração formado por receitas e medidas que não seguem necessariamente um padrão matemático muito claro, na medida em que os procedimentos são construídos a partir uma experiência prática.

A gente foi vendo que o jeito que o povo gosta e foi mudando. A gente foi vendo o jeito que o povo gosta e foi mudando né. Tipo assim: - “ah, comprei o queijo lá, ficou salgado”. Não era muito bom, a gente foi tirando o sal, a gente foi mudando. Tipo fazendo que o queijo ficasse melhor. Começou com uma forma de fazer queijo, daquela de ... de folha assim ... tipo, um negócio que enferrujava [taxo], a gente viu que aquilo até ia fazer mal passou pra aquela uma plástico, já trocamos as coisa de imprensar de inox, a



taxa de inox porque também tinha enferrujado. A gente foi mudando, a prateleira de pedra ... pra valorizar né. Porque a gente também come queijo né. Esse queijo tem que sair bom né [risos]. Vai fazer mal? Nem pros de lá não pode, imagina pra gente (Sueli, 53 anos, produz e vende queijo).

A elaboração do queijo parmesão se organiza a partir de gestos, procedimentos e medidas que revelam uma intenção. As mãos que seguram o taxo bem como o tato que mede a temperatura correta para coalhar o leite, saber o ponto exato da massa para colocar na forma e fazer a dobradura correta com o pano. Tais movimentos seguem uma lógica operatória, cuja sequência de gestos é definida por uma finalidade que se busca alcançar, ou seja, uma realização eficaz que segue o compasso de esforços repetitivos promovidos pela tarefa de executar.

O gesto se decompõe numa sequência ordenada de ações elementares, coordenados em sequência de duração variáveis segundo a intensidade do esforço exigido, organizado segundo um modelo aprendido de outra pessoa por imitação (alguém me mostrou como fazer), reconstituída de memória (eu a vi fazer assim), ou estabelecida por ensaios e erros a partir das ações vizinhas (acabei descobrindo como fazer). A habilidade de adaptar o gesto às condições de execução e a qualidade do resultado obtido são a prova de que se conseguiu pôr em prática e em evidência aquele saber-fazer como deve ser feito. (GIARD, 1996, p. 273).

A organização espacial das *fábricas de queijo* acompanha as necessidades de movimentação de uma forma eficaz: a mamadeira utilizada para medir a quantidade de coalho localizada nas prateleiras ao alcance das mãos, a peneira e o balde onde o soro é despejado e separado da massa ao lado do taxo para facilitar a movimentação, as formas organizadas lado a lado já cobertas por manos, além das prensas feitas com hastes de alumínio, madeira e pedras, a salmoura onde o queijo descansa por um dia e das prateleiras onde fica curando. Tais artefatos traduzem a cultura material na medida em que estão conectados às práticas do cotidiano e são reproduzidos pelos atores sociais em um lugar e tempo determinado, ou seja, a partir de um contexto próprio.

As observações realizadas nas *fábricas de queijo* e as entrevistas dialogais realizadas durante a elaboração dos queijos revelaram as transformações do processo de produção do queijo, operado a partir do contexto de sua produção que envolve circunstâncias e elementos objetivos complexos. Dessa forma, o processo de produção pode variar constantemente na medida em que se projeta sobre ele direções individuais nas maneiras de fazer. Tais transformações se constroem a partir de princípios e condutas que traduzem a história individual e coletiva cujas habilidades e procedimentos são afirmadas no fazer. Portanto, apesar das repetições de gestos e similaridades da receita, a produção do queijo parmesão em diversas



*fábricas* espalhadas pelo bairro motiva criações singulares. O tempo em que o queijo fica na salmoura dá ao queijo gosto e textura diferente, bem como o tempo e temperatura de cozimento da massa que, por meio do tato, é diferenciado entre cada produtor. Se tradicionalmente o queijo parmesão é feito sem adição de qualquer tempero Marilza, percebendo as novas demandas turísticas pela variedade, passou a produzir recentemente levas que incluem orégano e pimenta na receita. Enquanto Ivone e Tadeu estão passando pelo processo de construção novas elaborações para a produção, testando e provando constantemente até encontrarem a receita adequada.

Diante das transformações do contexto de produção em Serra Negra os saberes e fazeres são modificados. A inclusão de novos utensílios e ingredientes, conectado com as novas demandas turísticas e desenvolvimento industrial, modificam os fazeres e estimulam a criação de novos saberes. Sueli conta em seu depoimento que antigamente era usado fel bovino para coalhar o leite e atualmente utiliza-se um coalho artificial. Além disso, atualmente a produção de manteiga é feita com o auxílio de batedeiras elétricas, o que lhe exigiu aprender novas habilidades.

A lógicas das sociedades rurais possuem dinâmica única e relações particulares também em relação às suas práticas econômica. A partir de um conjunto de ações racionalmente construídas – denominadas estratégias de reprodução<sup>26</sup> - os agricultores tradicionais reproduzem em família, cuja função é ordenar os recursos materiais, humanos e materiais por meio da união de elementos disponíveis reordenando recursos que seriam inúteis em outras sociedades rurais (RIBEIRO, 2007). É possível afirmar que os agricultores possuem uma relação ativa em relação aos mercados, guiando-se a partir da realidade local, conhecimento, oportunidades e disponibilidade de recursos e cultural. A partir desses fatores, os sujeitos constroem seus arranjos específicos de negócio organizados de maneiras diferentes.

A comercialização dos produtos de Serra Negra é realizada pelos próprios agricultores e/ou por seus filhos variadas formas. Os produtos são comercializados em Itamonte – MG, na região de Visconde de Mauá, com atravessadores que levam os produtos para lugares mais distantes, por tropeiros, na estrada que liga o bairro à entrada do PNI e nas próprias casas dos

---

<sup>26</sup> Estratégias de reprodução refere-se ao planejamento de consumo familiar, ciclo emigratório para formar patrimônio, uso regulado dos recursos naturais, exclusão planejada dos herdeiros e incorporação de atividades não agrícolas (RIBEIRO, 2007).



moradores da região. A distribuição depende das encomendas que eles recebem, do volume da produção e da época do ano.

Uma das formas mais tradicionais de distribuição dos artigos produzidos em Serra Negra se realiza a partir do tropeirismo. A prática já não é mais tão comum na região devido a diversos fatores como as novas formas de sobrevivência da comunidade, popularização dos veículos motorizados e desinteresse das novas gerações pela prática, muito embora alguns homens ainda atravessam a serra para vender os produtos em Visconde de Mauá. Segundo o depoimento de Gezuel, o tropeirismo era utilizado para distribuição dos produtos da lavoura, na época em que a atividade era um dos principais modos de sobrevivência da comunidade. Segundo os depoimentos, a partir da década de 1990 a comunidade passa a produzir itens para atender as demandas turísticas. Tal deslocamento também provoca alteração da atividade tropeira, que agora passa a se organizar a partir de um calendário de maior fluxo turístico e fazer comércio com donos de pousadas, restaurantes e turistas.

Antes a gente levava milho, feijão, batata, alface, abóbora, repolho, levava leite. A gente fazia roçado, o pai fazia lavoura de queimada e que agora não pode mais, mudou também. Eu levava dali lá, levava os litrão de leite. Eu tinha uns 9 e 10 anos (Gezuel, 69 anos, pardo. Tropeiro, trabalha na pousada da família e produz e vende queijos).

Ai eu já trabalhava assim já meio com tropeirismo, com tropa e fiquei mexendo e aí foi cuidado aqui. E a gente, elas fazia os doce eu levava pra vender pra Visconde de Mauá. Levava os queijo. Pegava um pouco pros vizinho. E foi fazendo assim. Aí a gente do tropeirismo passa e faz umas viagens também. Vende queijo, vende mel, vende doce, tudo (Gezuel, 69 anos, pardo. Tropeiro, trabalha na pousada da família e produz e vende queijos).

Vende pra alguém revender. Queijo, manteiga, geleia, tudo. Tudo por encomenda que as pessoa já revende e a gente costuma vender pra eles. Sempre que tem assim, eles procura e a gente leva. Desde de sempre, tem o Gezuel (tropeiro) que também pega né e leva pra Itamonte [Visconde de Mauá], sobrando vai pra Itamonte. Manteiga tem uma moça que pega aqui, mas vai pro rio. Geleia vai pro Alto da Serra (Registro). Não tem muitas pessoa certa pra comprar. Tem assim: fulano compra, aí a gente vai lá e pergunta pra eles se eles quer. Tem pessoa certa não (Sueli Maria da Fonseca Pena, 53 anos, branca. Produz e vende queijo e mel).

A atividade tropeira passa a se tornar uma experiência turística uma vez que a comercialização dá acesso a um produto originário, produzido de forma artesanal e com ingredientes locais. Enquanto meio de transporte e de comercialização, o tropeirismo conecta os consumidores a um tempo e espaço bucólico a partir de representações das vilas rurais como



um lugar definido por seu modo de vida autêntico e intacto à civilização – em oposição ao desenvolvimento urbano e tecnológico. Apesar de tais alterações o tropeirismo é um marco importante de reconhecimento de uma ancestralidade comum e ao sentimento de pertencimento da comunidade na medida em que estabelece uma fronteira entre “nós” e os “outros”.

É possível perceber que as famílias de Serra Negra mantêm uma relação ativa com os mercados ao passo que constroem novas estratégias de geração de renda de reprodução, incorporando elementos e instrumentos à sua dinâmica de trabalho e vida.

A experiência autônoma destas atividades esclarece a noção de representação social cuja historicidade, identidade e noção pertencimento territorial são estimulados. Compreendo que a teia de relações e significados nas quais estão inseridos a população da Serra Negra é fundamental para a significação de suas práticas. Parto do pressuposto de que as atividades produtivas da Serra Negra são parte de seu auto reconhecimento no seu universo social. Os atores estudados reproduzem suas atividades tradicionais como modo de resistência de sua cultura, mas, para, além disso, representam a sua forma de adaptação ao seu meio natural e às novas demandas exigidas pela globalização e modernidade. Utilizando os saberes adquiridos e os produtos agropecuários que são fruto direto de seu trabalho de transformação do meio em que vive.

Esta pesquisa abre caminho para novas discussões, sobretudo em relação ao papel da mulher do campo no mundo do trabalho. O desenvolvimento dessas novas atividades ligadas aos setores de serviço amplia a participação das mulheres no espaço de trabalho. A possibilidade de reestruturação da divisão sexual do trabalho aumenta na medida em que as mulheres passam a se dedicar à atividades que extrapolam a dinâmica tradicional de manutenção da casa e dos serviços domésticos familiares. Neste novo cenário construído pelo desenvolvimento turístico, as mulheres passam a explorar novas possibilidades de trabalho, seja nas pousadas, casas de veraneio ou na produção e comercialização de gêneros alimentícios para os turistas.

Esta pesquisa aponta que a comunidade tradicional da Serra Negra existe a mais de um século, sendo que a ocupação territorial ocorreu após os ciclos da mineração e do café. Tal comunidade é formada por pequenos produtores rurais, tropeiros e pecuaristas. Possuem laços de parentesco e relações sociais e simbólicas entre as famílias e por meio de tecnologias rudimentares desenvolveram modos de vida próprios.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender como as famílias agricultoras da comunidade tradicional da Serra Negra organizaram suas estratégias de geração de renda para garantir sua reprodução socioeconômica. Para isso, adotei uma metodologia amparada pelas abordagens da História Oral e recursos da Antropologia, a fim de apreender, primeiramente, a trajetória histórica dos arranjos produtivos da comunidade e as práticas produtivas dessas famílias na contemporaneidade.

Aproximando a escala de observação, procurei compreender não somente o contexto atual socioeconômico e produtivo da comunidade na contemporaneidade, mas pelos aspectos históricos de ocupação territorial e transformações econômicas em escala regional. Assim, busquei compreender as estratégias de geração de renda da comunidade enquanto um processo histórico que sucederam na região e suas dimensões culturais.

Dessa forma, observei a importância de uma abordagem interdisciplinar para compreender as atividades produtivas de comunidades tradicionais complexas. Bem como para compreender a história do desenvolvimento socioeconômico dessas comunidades tradicionais a partir de uma visão holística e conectada a diversas ferramentas metodológicas a fim de conseguir encontrar os pontos de desvio e conexão que marcam as transformações dessas comunidades temporal e espacialmente. Acompanhando esta reflexão, a relevância do estudo está ancorada no foco que se dá à valorização dos saberes e fazeres que compõe o sistema cultural de um grupo social como elemento fundamental para sua organização de suas atividades produtivas e não somente os aspectos lucrativos e econômicos.

Sobre as transformações históricas das atividades produtivas da comunidade tradicional de Serra Negra, entendo que a transição de uma atividade para outra está diretamente relacionada ao processo de ocupação do território e às mudanças do cenário econômico local, que se organizaram a partir das transformações dos ciclos econômicos nacionais. Associado a este cenário, destaco a contribuição do tropeirismo para configuração sociocultural da comunidade que, por meio de seus elementos culturais, simbólicos e materiais, esteve presente na gênese de ocupação da Serra Negra e ainda integra o conjunto das práticas econômicas da comunidade.

Constato que a região da Serra Negra foi ocupada inicialmente pelos índios da etnia Coroado, Puri e Cataguá, que viviam nas margens do Rio Paraíba do Sul e na parte alta da Serra



da Mantiqueira. O povoamento dos colonizadores aconteceu no século XVII já que a região passou a ser rota de bandeirantes e tropeiros que escoavam os metais de Minas Gerais para os portos de Angra dos Reis e Paraty. Com a decadência da mineração no fim do século XVIII e desvalorização das terras, a região passou a ser ocupada por emigrantes que começaram a se dedicar a criação de pecuária de leite extensiva, animais de carga e lavoura de milho, feijão e café. E mais uma vez a região passa a servir de rota, só que dessa vez, para o escoamento de café.

A partir da década de 1930 até 1970 houve um deslocamento econômico importante na região com a chegada de empresas carvoeiras e madeireiras que, segundo os relatos de memórias, foram responsáveis por grandes transformações na paisagem da região e no modo de vida. Os relatos apontam que a população passava por um forte empobrecimento diante da desvalorização do trabalho na lavoura.

Somado a isso, a condição das estradas colocava a população em uma condição de isolamento e dificuldade de acesso a recursos básicos como atendimento médico e a bens de consumo. No entanto, apesar da carvoagem ter sido responsável por uma grande alteração da paisagem, devido ao desmatamento que a prática trouxe, os relatos apontam que atividade possibilitou o acesso à salários e recursos financeiros que não existia anteriormente.

Observou-se que tanto a lavoura quanto a carvoagem eram executadas a partir de relações de reciprocidade através dos mutirões e das empreitadas, respectivamente. As duas práticas consistiam em trabalho exercidos coletivamente pela comunidade que agregou ao trabalho suas práticas tradicionais conectadas aos sistemas culturais e aos modos de fazer construídos ao longo de sua história. Essas formas de trabalho coletivo correspondem a uma atividade tradicional local que atribuía ao trabalho, não somente seu valor mercantil, mas garantia o encontro, a partilha e o lazer entre os moradores da comunidade.

A respeito dessas práticas de trabalho coletivo, insere-se uma discussão que atribui ao trabalho desenvolvido em Serra Negra perspectivas associadas à solidariedade, horizontalidade e sustentabilidade. Nesse sentido, observou-se que as práticas de trabalho coletivo foi um traço cultural muito peculiar na comunidade, mas que terminou. As entrevistas apontaram que a prática dos mutirões se acabou devido ao desenvolvimento de novas atividades econômicas na região, principalmente com o crescimento do turismo.

A atual situação das relações de trabalho da comunidade tradicional de Serra Negra, apesar das transformações do ponto de vista econômico, ainda conecta os trabalhadores rurais à



manutenção de suas propriedades e garantia de seus territórios. A partir destes espaços eles organizam suas atividades produtivas e suas formas de sociabilidade na medida em que dependem dos recursos oferecidos pelo território que ocupam. Observo que as atividades produtivas de Serra Negra estão inseridas dentro de uma racionalidade que interliga à noção de trabalho implicações materiais, mas que está envolvido por adornos simbólicos.

Observo que a comunidade agrega valor afetivo não só ao lugar em que vive, mas aos produtos que elaboram. A partir de um sistema de valores morais múltiplos e complexos os moradores determinam quais produtos são vendidos, trocados e distribuídos. À luz da teoria de Mauus (2003) revela-se que tais práticas carregam consigo um valor econômico, mas tal sistema de troca é diferente na medida em que supera tal perspectiva.

Dessa forma aponto que as relações econômicas da comunidade de Serra Negra estão imbricadas de simbologias, que carregam o valor ritualístico, obrigatório e eficaz. A respeito desse sistema de troca, esta pesquisa aponta atribuição de valor afetivo só é possível a partir de uma noção de autonomia e pertencimento ao território que ocupa, determinando assim a compreensão sobre sua qualidade de vida construída a partir dos recursos que a terra lhe oferece para viver.

Conforme foi visto, a comunidade tem perspectivas sobre qualidade de vida e bem-estar marcadas pela diversidade de suas crenças, sistemas culturais e expressões. A partir de tal argumento, elaboro uma discussão sobre as dimensões do desenvolvimento, que diante de uma lógica exclusivamente mercadológica inviabiliza a inserção dos setores populares à dinâmica de comercialização. Nesse sentido, acho necessário pautar disposições sobre desenvolvimento a partir da responsabilidade social, criação de emprego, geração de renda, valorização dos saberes populares e sustentabilidade ambiental.

O argumento se iniciou com a crítica à análise desenvolvimentista que criou abismos entre os países centrais e os países periféricos. Segundo as elaborações de Celso Furtado (1974), o desenvolvimento econômico generalizado a partir do padrão de consumo dos países responsáveis pela elaboração do sistema de divisão internacional de trabalho é inalcançável, visto que colocaria em cheque os recursos naturais, levando a um colapso físico e ambiental. Essa noção de “progresso” e “evolução” dos sistemas econômicos, segundo o autor, é utilizado para a dominação dos povos periféricos para legitimar a destruição de sua cultura tradicional e desequilíbrio ambiental.



Nesse sentido, elaboro uma discussão sobre as alternativas ao desenvolvimento econômico elaborado pelo modo de produção industrial capitalista a partir das contribuições teóricas de Dowbor (2008) e Sachs (2002; 2005). A emergência está na construção de projetos de desenvolvimento que levem em consideração os saberes populares, das trocas multiculturais e das narrativas solidárias e sustentáveis. As práticas de trabalho e troca em Serra Negra, como visto anteriormente, sugerem a concepção de uma economia que une os saberes tradicionais às dinâmicas das trocas econômicas, reforçando a narrativa de desenvolvimento de base sustentável e comunitária.

A partir da década de 1980 e 1990, a comunidade passa por outro deslocamento de suas atividades de geração de renda que se estende até os dias atuais. Nesta nova configuração o crescimento das atividades turísticas na região onde se encontra a comunidade da Serra Negra apresenta uma característica espacial, ambiental e sociocultural que potencializa o desenvolvimento de diversas atividades dentro de uma mesma propriedade rural.

Observo que neste novo contexto uma mesma família agrega várias funções que relacionam seus saberes ancestrais às atividades de geração de renda como a apicultura, produção leiteira, de queijo e doces. Além destas atividades tradicionais, incorporam-se novas funções ligadas à prestação de serviço para o Parque Nacional do Itatiaia, transporte escolar e manutenção das estradas.

O arranjo produtivo elaborado atual elaborado em Serra Negra encontra-se inteiramente relacionado às dinâmicas sociais, econômicas e produtivas que se estabeleceram ao longo do tempo na região. Tal contexto contribuiu para existência de conhecimentos adquiridos através de apreensões empíricas obtidas no exercício do trabalho, mas sobretudo a um conjunto de elementos sensoriais que se apresentam no campo da memória, de tal modo que a capacidade que os indivíduos têm de compreender tais atividades está relacionada a própria existência. São saberes e fazeres adquiridos pelos sujeitos que levam a transformar o ambiente físico para extraírem seus meios de vida. No equilíbrio entre a natureza de suas necessidades básicas de sobrevivência e os recursos disponíveis no espaço físico, os sujeitos elaboram uma série de conhecimentos e técnicas que são elaboradas e transmitidas por meio da oralidade e empirismo e que compõem seu tecido cultural.

Esse conjunto de ações e estratégias se modificam com o contexto econômico e sociocultural e são ajustadas pelos grupos de acordo com recursos disponíveis e os saberes e fazeres apreendidos. Dessa forma, observo os elementos simbólicos contidos nos novos arranjos



produtivos relacionados ao desenvolvimento turístico na região, de modo a compreender quais as dimensões culturais das atividades produtivas sobre as estratégias de geração de renda dos moradores da comunidade.

Este estudo apontou que produtos como os queijos, doces e mel sofreram uma transformação. Antes eram considerados produtos para consumo da família e que agora se transformaram em souvenir e são vendidos para os turistas que passam pela região. Constatado que o modo de preparo é transmitido através das gerações por meio da oralidade e através de empirismo, ou seja, aprende-se olhando e fazendo.

Observo que estes produtos carregam consigo elementos simbólicos valorizados pela capacidade de relacionar o consumidor a uma vida bucólica idealizada, cuja narrativa é marcada pela ideia de “isolamento”, “estabilidade das formas sociais” e “pureza” das comunidades rurais.

Verifico que novas atividades de geração de renda estão sendo incorporadas no arranjo produtivo dos moradores da comunidade, como foi apontado com a truticultura. Apesar de compreender que a pecuária de pasto, lavoura de subsistência e extrativismo vegetal serem atividades importantes para renda da comunidade, os moradores utilizaram a abundância de recurso hídrico da região para ampliar a criação de trutas em tanques artificiais como forma de aumentar a renda da família. A atividade se encontra nos moldes da agricultura familiar, visto que é realizada na informalidade pela própria família dentro de pequenas propriedades. A pesquisa apontou que os empreendimentos ainda ocorrem na ilegalidade do ponto de vista ambiental e a falta de licenciamento sugere prejuízo ambiental, social e econômico.

Ainda sobre a truticultura, a pesquisa apontou que a escolha desta atividade por parte dos moradores aconteceu a partir dos recursos hídricos disponíveis intermediada por uma rede de confiança entre os moradores. Os depoimentos indicaram que o desenvolvimento da truticultura passou a ser realizado a partir da iniciativa de um dos membros da comunidade, que aprendeu as técnicas e distribuiu os conhecimentos adquiridos para os outros moradores de modo prático, empírico e cotidiano. Verifico uma racionalidade própria para a escolha das atividades produtivas geradoras de renda, cuja dinâmica é verificada pelo equilíbrio entre os valores culturais ligados aos laços de confiança e os recursos naturais disponíveis.

Verifico também a elaboração do queijo parmesão, cuja discussão ofereceu um debate sobre saberes, fazeres e modos de vida. Adotando as ferramentas metodológicas propostas pela etnografia, observo o processo de elaboração do queijo parmesão focando na organização espacial dos artefatos e nos gestos expressados no cotidiano da produção. Os mecanismos de



transmissão do queijo foram identificados como um ofício que transmite-se de prática a prática ao longo das gerações e as entrevistas apontam que essa prática ocorre por meio de contato direto e a longo prazo entre aquele que ensina e quem aprende - aprende-se desde criança, com os familiares, amigos ou vizinhos.

Admito que estes saberes e fazeres são construídos coletivamente e não são estáveis, ou seja, o processo de produção se transformou e a receita, gestos e modos de fazer de cada produtor foi ganhando contornos particulares.

As observações indicaram que um modo de preparo formado por receitas e medidas muito peculiar que não segue um padrão matemático exato, mas que são definidos a partir da experiência prática. São gestos, experiências e medidas que carregam intencionalidade definidos pela vontade de se obter um resultado adequado e eficaz. Além dos gestos a observação revelou a utilização de artefatos simples que são organizados dentro das fábricas de queijo para garantir que as movimentações sejam dinâmicas.

Revelo a cultura material no processo de elaboração do queijo parmesão na medida em que tais artefatos estão relacionados ao cotidiano das práticas produtivas dentro de um contexto de espaço e tempo próprios de cada sujeito.

A respeito da produção do queijo, observo que o processo de produção varia constantemente já que existem posicionamento individuais nos modos de preparo. Apesar das repetições de gestos e receitas, as circunstâncias e finalidades de cada elaboração motivam a variedade de criação entre os moradores.

Verifico, neste estudo, que as práticas de geração de renda da comunidade tradicional da Serra Negra se mostram mais eficazes quando relacionadas à atividades que estejam pautadas a partir das racionalidades construídas pela comunidade por meio de laços de confiança e reciprocidade. Compreendo também que os caminhos possíveis para geração de renda passam também pela viabilidade econômica e pela disponibilidade de recurso humano e natural, como foi possível verificar com as famílias e diante das discussões apresentadas nesta pesquisa.

Sugiro, então, a participação do poder público para elaboração de políticas públicas que fomentem a geração de emprego e renda na comunidade a partir da valorização de sua identidade local e dos conhecimentos adquiridos pelos moradores ao longo de sua história. Entende-se que apesar de algumas transformações do ponto de vista socioeconômico e do acesso aos bens de consumo, a comunidade ainda carece de melhor acesso aos bens públicos, como saúde e educação.



Este trabalho também indica a necessidade da ampliação e qualificação do diálogo entre os moradores da comunidade tradicional da Serra Negra e os representantes do Parque Nacional do Itatiaia para resolução do conflito fundiário resultante do processo de expansão do parque de modo a garantir uma construção democrática e popular para os desafios colocados.

Cabe apontar que este estudo apresenta limitações que são inerentes à pesquisa científica. As escolhas teóricas e metodológicas para análise dos sujeitos e objetos desta pesquisa me levaram para compreensão dos aspectos de inflexão entre cultura e desenvolvimento em uma comunidade tradicional da Serra da Mantiqueira, mas salienta-se que outras abordagens são possíveis.

O debate sobre as novas configurações do trabalho executado pelas mulheres da Serra Negra e o papel da juventude para manutenção da identidade local da comunidade são urgentes e podem indicar as transformações e as perspectivas contemporâneas do mundo rural. É possível também ampliar o recorte geográfico e verificar as estratégias de geração de renda nos bairros rurais da região.

Diante das informações apresentadas, a comunidade tradicional da Serra Negra apresenta-se como uma comunidade com traços culturais singulares, capaz de organizar e transformar seu arranjo produtivo a partir de uma racionalidade que garante sua autonomia, seus modos de vida e saberes e fazeres tradicionais.

No entanto, verifico que além da manutenção de sua identidade cultural, a comunidade também adaptou suas práticas produtivas as novas demandas socioeconômicas, na medida em que soube se integrar ao mercado local, criar novos canais de comercialização e garantir sua sustentabilidade econômica.



## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOWAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. Campinas: Hucitec, editora da Unicamp, 1998.
- AGASSIZ, L. **A journey in Brazil**. Boston: Houghton, Mifflin & Co, 1893.
- ALGATÃO, Filipe Cordeiro de Souza. **Os tropeiros no século XXI e o sentido contemporâneo dessa atividade: estudos de caso em duas localidades no Vale do Paraíba e Serra da Mantiqueira**. 2015. Dissertação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Instituto de Ciências Sociais, São Paulo, 2015.
- ALGATÃO, Filipe Cordeiro de Souza. **Os tropeiros no século XXI e o sentido contemporâneo dessa atividade: estudos de caso em duas localidades no Vale do Paraíba e Serra da Mantiqueira** In: XI ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL, Niterói, 2015.
- ALMEIDA, Aluísio. **Vida e morte do tropeiro**. São Paulo: Martins: Ed. Da Universidade Federal de Pelota, 1981.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.
- ARRIGHI, G. **A ilusão do desenvolvimento**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ARCHER, Brian; COOPER, Chis; RUHANEN, Lisa. The Positive and Negative Impacts of Tourism. In: THEOBALD, William F. (org.). **Global Tourism**. 3 ed. Burlington: Elsevier In., 2005.
- BANDEIRA, P. **Participação, articulação de atores sociais e desenvolvimento regional**. Brasília: IPEA, 1999.
- BARROS, J. M. Cultura, diversidade e os desafios do desenvolvimento humano. In: \_\_\_\_\_(Org). **Diversidade Cultural: da proteção à promoção**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 15-25.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O ardil da ordem: caminhos e armadilhas da educação popular**. Campinas: Papirus, 1983.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Plantar, colher, comer: um estudo sobre o campesinato goiano**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.
- BRASILEIRO, MDS., MEDINA, JCC., and CORIOLANO, LN., orgs. **Turismo, cultura e desenvolvimento** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.



- CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**. Rio de Janeiro: Outro sobre o azul, 2010.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. São Paulo: Difel, 1990.
- CARVALHO, Tarcísio Motta de. **Monarquia sertaneja X progresso republicano: A Guerra sertaneja do Contestado**. Rio de Janeiro: 2007. Tese de doutorado apresentada a Universidade Federal Fluminense.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci. A QUESTÃO DA TRADIÇÃO: Algumas considerações preliminares para investigar o saber-fazer tradicional. **FORUM PATRIMÔNIO: ambiente Construído e Patrimônio Sustentável**, Belo Horizonte, v.7, n.1. Jan / Jun. 2014 ISSN 1982-9531.
- COSTA, Joana P Luiz da. **Ambientalismo e Mundo Rural em Itamonte (MG): Reserva da Biosfera**. 2003. Tese de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2003.
- DEMO, Pedro. Cuido Metodológico: signo crucial da qualidade. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 17, n. 2, p. 349-373, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v17n2/v17n2a07.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2018.
- DOWBOR, Ladislau. **O que é poder local?** São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://dowbor.org/2000/09/ladislau-dowbor-o-que-e-poder-local-2008.html>> Acesso em: 20 mai. 2018.
- DOWBOR, L. A **Reprodução Social: tecnologia, globalização e governabilidade**. São Paulo: Vozes, 2001.
- DUTRA, Rogéria Campos de Almeida. Maneiras de fazer, modos de proceder: a tradição reinventada do pão de canela na Serra da Mantiqueira, Minas Gerais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 38, p. 237-253, jul./dez. 2012.
- ESPINOSA, Ramón Rivera. **SABERES ANCESTRALES Y CONOCIMIENTO CIENTÍFICO. Articulación para investigar y conocer**. I Congresso ONLINE Internacional Filosofía de la Ciencia y Sustentabilidad, 2016.
- FERREIRA, Maria Letícia M.; CERQUEIRA, Fabio Vergara. Mulheres e doces: o saber-fazer na cidade de Pelotas. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, Unesp, v. 8, n. 1, p. 255-276, janeiro-junho, 2012.
- FLORES, Moacyr. **Tropeirismo no Brasil**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1998.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. 4º ed. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1997.
- FURTADO, C. **O mito do desenvolvimento econômico**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.



GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989

GIARD, L. Cozinhar. In: CERTEAU, M. de et al. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 209-332.

GINTHER, Konrad, Erik Denters and Paul Waart. **Sustainable Development and Good Governance**. Martinus Nijhoff Publishers, Dordrecht/Boston/London, 1995.

GUIMARÃES, A. A. S. Da Agropecuária ao Turismo: As Transformações no Espaço Rural de Visconde de Mauá-RJ. In: **EGAL - 14º Encontro de Geógrafos da América Latina**, 2013, Lima. Anais do 14º Encontro de Geógrafos da América Latina, 2013.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

MATTOS, L.; HERCOWITZ, M. Capital social e controle social na gestão de políticas públicas. In: NOVION, H. de; VALLE, R. do (Org.). **É pagando que se preserva?: subsídios para políticas públicas de compensação por serviços ambientais**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2009. p. 103-117

LAMEGO, A. R. **O Homem e a Serra**. Rio de Janeiro: IBGE, Serviço Gráfico, 1950.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: uni conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LITTLE, Paul. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil. Por uma antropologia da territorialidade. **Série Antropologia**, n. 322. Brasília: Departamento de Antropologia, 2002.

LIMA, Mariana Torres. **Tratamento de Efluentes da Truticultura na Serra da Mantiqueira**. Projeto de Graduação apresentado ao curso de Engenharia Ambiental da Escola Politécnica como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Engenheira, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

LOPES, A. R. C. **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

LOPES, José Rogério; SCHIERHOLT, Anelise Fabiana Paiva. Produção de biojoias no norte do Brasil: análise dos impactos institucionais, ambientais e de mercado em rede de sustentabilidades locais. **Revista de Geografia e Interdisciplinaridade InterEspaço**, Grajaú/MA, v.4, n. 12, p. 155-173, jan. 2018.

MACHADO, Paulo Pinheiro. Rábulas e Bacharéis na Guerra do Contestado: Direito, polícia e conflito social (1912-1916). **Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**. Rio de Janeiro: vol. 9, no .1, janeiro-abril, 2017, p. 3-20.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MATTOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski. HISTÓRIA ORAL COMO FONTE: problemas e métodos. **Revista Historiæ**. Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.



MAUSS, Marcel. **O ensaio sobre a dádiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAZALLA NETO, Wilson; BERGAMASCO, Sonia M. P. A experiência agroecológica e o fortalecimento da racionalidade camponesa na relação com a natureza. In: DELGADO, G. M.; BERGAMASCO, S. P. (orgs). **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017.

MEDINA, Julio César C. Re-construcción de la cultura y del espacio turístico. In: BRASILEIRO, MDS., MEDINA, JCC., and CORIOLANO, LN., orgs. **Turismo, cultura e desenvolvimento** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

MIOR, M. C. Agricultura familiar, agroindústria e desenvolvimento territorial. In: **Colóquio Internacional de Desenvolvimento Rural Sustentável**. Florianópolis, Ago. 2007.

MUNIZ, José Carlos; SILVA, Luiz Everson. “Mais que isso eu não posso fala”: notas sobre benzeduras e parteiragens caiçara em Guaraqueça/PR. **Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**. Hygeia, Vol. 12, n.23, dez/2016, p. 31-43.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). Geração de Renda. Coleção Boas Práticas e Lições Aprendidas. Disponível em: <[https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---ilo-brasilvia/documents/publication/wcms\\_233641.pdf](https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---ilo-brasilvia/documents/publication/wcms_233641.pdf)> Acesso em: 04, fev. 2020.

OTONI, PEDRO. **Que história é essa de capitalismo: existem outras formas de encarar a vida social**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. As “coisas de minas”: questões sobre Desenvolvimento e Turismo. In: PIMENTA, Carlos Alberto Máximo; PEREIRA, Samanta Borges (org.). **Turismo e Desenvolvimento: outros caminhos**. Porto Alegre: CirKula, 2017.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo; et. Al. Cultura, Desenvolvimento e Políticas: As correlações entre o local, o Plano Municipal de Cultura e os processos populares de geração de renda. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 14, n. 14 (ed. especial), p. 6-44, 2018 <<https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/3933>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo; DA SILVA MELLO, Adilson. Entre doces, palhas e fibras: experiências populares de geração de renda em cidades de pequeno porte no sul de Minas Gerais. **Estudos de Sociologia**, v. 1, n. 20, maio 2014. ISSN 2317-5427. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235507/28494>>. Acesso em: 01 mai. 2018.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Tendências do desenvolvimento: elementos para reflexão das dimensões sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 10, n. 3 (ed. especial), p. 44-66, 2014.

PIMENTA; PEREIRA; BELLEZE; PEREIRA. OUTRAS FACETAS DO DESENVOLVIMENTO: o uso de documentários na crítica ao modelo de desenvolvimento



competitivo global. **Revista Ciências Humanas e Desenvolvimento Humano – UNITAU**. UNITAU, Taubaté/SP – Brasil, v. 10, ed. 20, dez. 2017.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães; GALIZONI, Flávia Maria. A arte da catira: negócios e reprodução familiar de sítiantes mineiros. **Revista Brasileira de Ciência Sociais**. [online]. 2007, vol.22, n.64, pp.67-74. ISSN 0102-6909. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-9092007000200005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-9092007000200005&script=sci_abstract&tlng=pt) > Acesso em 30 abr. 2019.

ROCHA, M. M. F. **Turismo, Desenvolvimento Local e Sustentabilidade: Um Estudo de Caso no Município de Itatiaia – RJ**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, 2005. Disponível em: <<http://www.uff.br/cienciaambiental/dissertacoes/MMFRocha.pdf>> Acesso em 30 mai. 2018.

RODRIGUES, André Figueredo. Os sertões proibidos da Mantiqueira: desbravamento, ocupação da terra e observações do governador dom Rodrigo José de Meneses. **Revista Brasileira e História**, São Paulo, v. 23, n. 46, jul./out. 2003. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882003000200011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000200011)> Acesso em 3 mai. 2018.

SACHS, I. Estratégias de transição para o século XXI. In: BURSZTYN, M. **Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 29-56

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento e cultura. Desenvolvimento da cultura. Cultura do desenvolvimento**, v. 12, n. 46, abr./jun. 2005. Disponível em:<[www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaoes/article/download/10782/7730](http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaoes/article/download/10782/7730)> Acesso em 3 mai.2018.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Coleção Idéias Sustentáveis. Organizadora: Paula Yone Stroh. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SILVA, Leonardo de Carvalho Valentim da. **Identificação e Mapeamento de Áreas de Susceptibilidade à Ocorrência de Incêndios no Parque Nacional do Itatiaia** (2004). Monografia de Graduação - Universidade Federal do Rio de Janeiro, IGEO. Rio de Janeiro, 53p.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. 1ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOUZA, I. P. de; YAMAMOTO, C. I.; TAKESHITA, E. V.; MATHIAS, A. L. Proposta de geração de renda para o desenvolvimento sustentável em comunidades tradicionais da região amazônica. **R. Ra'e Ga**. Curitiba, v.33, p.248-276, Abr/2015

STRECK, D.; REDIN, E. e ZITKOSKI, J.J. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Lima: CEAAL, 2015.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.



TOMZHINSKI, Gustavo Wanderley. **Análise estratégica para implementação e proteção do Parque Nacional do Itatiaia na região do Alto Aiuruoca. 2007.** Trabalho Final do curso de pós-graduação *lato-sensu* em Gerência Estratégica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

TOMZHINSKI, G.W. **Análise Geocológica dos Incêndios Florestais no Parque Nacional do Itatiaia.** Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2012.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O mundo rural de Pernambuco, através do olhar de seus jovens. In: SILVA, Vanda Aparecida, Org.; CARMO, Renato Miguel do, Org. **Mundo Rural: mito ou realidade?** São Paulo: Annablume, 2013.

WOORTMANN, Klaas. "Com parente não se negueia": o campesinato como ordem moral. *Anuário Antropológico*, v. 87, Brasília: Editora Universidade de Brasília; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

XAVIER, Patrícia Maria Azevedo; FLÔR, Cristhiane Carneiro Cunha. Saberes populares e educação científica: um olhar a partir da literatura na área de ensino de ciências. **Revista Ensaio.** Belo Horizonte. V.17, n. 2, p. 308-328. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-21172015000200308&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-21172015000200308&lng=pt&tlng=pt)> Acessando em mar. 2020.

ZALUAR, Alba. **Pesquisando no perigo:** etnografias voluntárias e não acidentais. *Mana*. 2009, vol.15, n.2, pp.557-584. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v15n2/a09v15n2.pdf>> Acessado em 20 mai. 2018.

## 8 FONTES DOCUMENTAIS

BRASIL. Ministério Público Federal. **Parecer nº 095/2011.** Brasília, DF, 30 nov. 2011.

BRASIL. Ministério Público Federal. Processo de Regularização Fundiária e desapropriação. Inquérito Civil nº 1.22.013.000218/2014-14 vol. 1. ICMBIO e APA da Serra da Mantiqueira. Procurador Michel François Drizul Havrenne. Pouso Alegre, 05 de março de 2018.

BRASIL. Ministério Público Federal. Processo de Regularização Fundiária e desapropriação. Inquérito Civil nº 1.22.013.000218/2014-14 vol. 2. ICMBIO e APA da Serra da Mantiqueira. Procurador Michel François Drizul Havrenne. Pouso Alegre, 12 de setembro de 2018.

**GESTÃO PARTICIPATIVA DA APA DA SERRA DA MANTIQUEIRA.** Disponível em: <<http://www.matutu.org.br>> Acesso em: 30 abr. 2018.

GOVERNO FEDERAL. **Programa Nacional de Alimentação Escolar.** Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/pnae?view=default>>. Acesso em: 26 mar. 2020.



INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **Relatório do cadastro do perfil socioambiental da comunidade de Serra Negra, Itamonte (MG), como subsídio para construção de termos de compromisso.** Itatiaia, 2014.

NOGUEIRA, Mônica; FAVILLA, Kátia. **Diálogos: Comunidades tradicionais no século XXI.** 2017. (20m27s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HSj7o4KDsZQ&t=472s>>. Acesso em: 30 dez. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAMONTE. **Diagnóstico socioambiental da comunidade da Serra Negra.** Itamonte, 2009.

## 9 LISTA DE ENTREVISTADOS

Vera Lúcia Firmino, 35 anos, branca. Escolaridade: 8ª série do ensino fundamental. Possui e trabalha em uma pequeno bar e vende produtos de casa, mesa e banho.

Aristeu Firmino, 48 anos, pardo. Escolaridade: 3ª série primária. Motorista escolar da comunidade.

Nair Ramos, 48 anos, branca. Escolaridade: 4ª série primária. Vende de produtos de casa, mesa e banho, faz faxina em casa de veranistas e produz de queijo.

Sueli Maria da Fonseca Pena, 53 anos, branca. Escolaridade: 4ª série primária. Produz e vende queijo e mel.

Lucemir Pena de Carvalho, 41 anos, branco. Escolaridade: 1º Ensino Médio. Produz leite e queijo.

João Sebastião Theodoro, 65 anos, pardo. Escolaridade: 4ª série primária. Produz e vende mel.

Maria da Silva, 72 anos, parda. Escolaridade: 3ª série primária. Trabalha na pousada da família.

Gezuel, 69 anos, pardo. Escolaridade: 2ª série primária. Tropeiro, trabalha na pousada da família e produz e vende queijos.

Waudinei Firmino Ramos, 43 anos, pardo. Escolaridade: 3ª série primária. Truticultor, produz e vende leite e mel.

Arlindo José dos Santos, idade não informada, negro. Escolaridade: não informada. Ex-carvoeira e aposentado

Alcídes Firmino Ramos, 83 anos. Aposentado.

José Rangel. Aposentado, truticultor e trabalha na pousada da família.

Tadeu José Fonseca, 66 anos, branco. Escolaridade: não informada. Aposentados, truticultores, produz e vende leite e mel.



Valderi Pena de Carvalho, 55 anos. Apicultor, ex carvoeiro, ex madeireiro e guia turístico do PNI.

Natalia da Fonseca Pena dos Santos, 26 anos, branca. Professora da escola primária de Serra Negra.